

A tradução da revolução na banda desenhada: o exemplo das versões francesa e portuguesa de *Corto Maltese na Sibéria*, de Hugo Pratt.

De Prof.^a Doutora Chantal Marie Joëlle Louchet

Outubro 2015.

Sendo uma revolução uma mudança brusca e violenta na estrutura política e social que se produz quando um grupo se revolta, assume complexidades e dinâmicas que sempre foram retratados através da Literatura. No álbum *Corto Maltese en Sibérie*, Hugo Pratt leva o seu leitor até ao continente asiático neste ambiente tumultuoso e violento que surgiu de 1917 a 1920, pós revolução russa. Este álbum foi traduzido em português em 2011 por Maria José Magalhães Pereira e Paula Caetano. A nossa análise comparativa consiste, com a metodologia de Vinay & Darbelnet, em aprofundar as coincidências ou mas particularmente as variações de tradução entre o texto fonte em língua francesa e o texto alvo em língua portuguesa, levando-nos a uma questão mais abrangente. A questão revolucionária em causa, por ser publicado neste suporte de banda desenhada pode ser alvo de pouca atenção. No entanto, o leitor, abrindo as páginas do álbum, prepara-se a fazer uma viagem, viagem no tempo por certo mas também em países estrangeiros, onde as realidades geopolíticas se chocam. Apoderar-se deste tema, é ser sem dúvida confrontado com uma relação com a História. As duas definições do substantivo “tradução”, tradução interlinguística francês/português e a tradução “transmissão da realidade histórica-revolucionária” vão caminhando par a par neste artigo ajudando-nos a perceber se Hugo Pratt assume a História simplesmente como uma aventura ou se de facto existe uma função educativa da História presente neste suporte considerado durante muito tempo pouco serio em termo literário, ou pelo menos, menos digno. Este artigo enfatiza a importância da tradução como elemento definidor de realidades, evidenciando a relevância que assume em diversos suportes da escrita, neste caso a banda desenhada.

Palavras-chave: *tradução; revolução; banda desenhada; Hugo Pratt.*

Introdução

O universo que nos é proposto pelo Hugo Pratt no *Corto Maltese en Sibérie* (original) / *Corto Maltese na Sibéria* (obra traduzida em língua portuguesa) leva o leitor num passado necessariamente “desformatado” em relação à própria História, isso devido às exigências (lúdicas) da banda desenhada. Neste álbum, o autor transporta o leitor para o continente asiático neste ambiente tumultuoso e violento que surgiu de 1017 a 1920, a pós revolução russa. Uma revolução releva ser uma mudança brusca e violenta na estrutura política e social que se produz quando um grupo se revolta. Assuma complexidades e dinâmicas que sempre foram retratadas através da Literatura. As exigências lúdicas associadas às condições restritivas históricas permitiram o desenvolvimento de temas particularmente atrativos: aventura, intriga, conflitos, violência...até sentido de humor, num suporte pouco esperado: a banda desenhada, literatura cujo estado de espírito tem tendência a afastar qualquer noção de seriedade, mas relativamente à qual existe ainda um amplo campo de exploração. O contexto histórico serve definitivamente a aventura em si.

O nosso estudo baseia-se sobre a dicotomia “tradução” e “revolução”. A revolução, ou as consequências da revolução, aparece diretamente na história visto ser o suporte desta aventura. Quanto à tradução, decidimos jogar com as suas definições, o seu sentido literal, a tradução interlinguística francês/português e o seu sentido figurado, a tradução/interpretação como “transmissão da realidade histórica-revolucionária”.

Após uma pequena contextualização que permitirá focalizar o ambiente na qual o álbum foi criado, decidimos dedicarmo-nos à primeira definição do substantivo “Tradução”. Este álbum foi traduzido em português em 2011 por Maria José Magalhães Pereira e Paula Caetano. “Tradução” é um termo polissémico que pode significar tanto o produto final (ou seja o texto de chegada, *Corto Maltese na Sibéria*), tanto o processo em si. Nessa segunda aceitação do termo, podemos falar de “ato tradutor”. Nesta análise comparativa, vamos submeter três elementos, o texto original, *Corto Maltese en Sibérie*, a tradução na língua de chegada (nesse caso preciso em português) e um terceiro texto, nosso, que consiste em comparar o texto de chegada ao texto de partida ou vice-versa. A exigência de uma autorreflexão parece fundamental a qualquer “ato tradutor”. Os nossos comentários baseiam-se sobre os tipos de procedimentos de tradução enunciados por Vinay e Darbelnet na sua obra intitulada *Stylistique comparée du français et de l'anglais*: o empréstimo (*Borrowing*), o decalque (*Word-for-word*), a tradução literal (*Literal translation*), a transposição (*Transposition*), a modulação (*Modulation*), a equivalência, as colocações (*Collocations*), a expansão (*Expansion*). Esses oito procedimentos são bastante úteis para traduzir melhor ou comparar os dois textos, o da partida com o da chegada. Devido ao segundo termo da dicotomia “revolução”, restringimos a comparação às falas diretamente das personagens históricas ou às falas de uma personagem fictícia sobre uma das personagens históricas a fim de canalizar as informações/interpretações necessárias para a terceira parte. Desta forma, cada parte será definida pelo nome de uma personagem histórica: o almirante Alexandre Vassilievitch Kolchak, Grigori Mikhaïlovitch Semenov, o camarada Suke Bator, o general Chang, o barão Roman Fedorovitch von Ungern-Sternberg.

As duas definições do substantivo “tradução”, tradução interlinguística francês/português e a tradução “transmissão da realidade histórica-revolucionária” vão caminhando par a par neste estudo ajudando-nos a perceber se Hugo Pratt assume a História simplesmente como uma aventura ou se de facto existe uma função educativa da História presente neste suporte considerado durante muito tempo pouco serio em termo literário, ou pelo menos, menos digno. O leitor, abrindo as páginas do álbum, prepara-se a fazer uma viagem, viagem no tempo por certo mas também em países estrangeiros, onde as realidades geopolíticas se chocam. Apoderar-se deste tema, é ser sem dúvida confrontado com uma relação com a História. Como é traduzida/transmitida a revolução russa neste álbum? Veremos que se manifesta através da divulgação na imprensa, através dos comentários de personagens de ficção, através da omnipresença de personagens históricas (é o caso do almirante Kolchak), através da aparição e da ação vivida “em direta” de personagens históricas como Semenov, Von Urgern-Sternberg e Suke Bator. Como é que a banda desenhada pode “traduzir” a noção tão substancial como a História? Podemos conceber este suporte como “histórico”?

É através de todas essas interrogações que poderemos responder à nossa problemática. Além do “ato de traduzir” que permitiu ter essa obra em língua portuguesa, os dois substantivos aplicados à obra de Hugo Pratt, “tradução” e “revolução” apresentam uma verdadeira complexidade...

I. Contextualização.

Corto Maltese é uma serie de banda desenhada de “aventuras” criada pelo desenhador italiano Hugo Pratt de 1967 a 1991. Constituída de 29 álbuns, o *Corto Maltese en Sibérie* (título original, edição Casterman) /*Corto Maltese na Sibéria* cuja tradução foi realizada por Maria José Magalhães Pereira e Paula Caetana para as edições Asa é o vigésimo quarto (24º) álbum. Desenvolve-se em 6 capítulos: *Les lanternes rouges*/As “lanternas vermelhas”; *Le prisonnier de Tchang*/ O prisioneiro de Chang; *La duchesse romantique*/ A duquesa romântica; *La division sauvage* / A “divisão selvagem”; *Ungern de Mongolie*/ Ungern de Mongólia; *La fin du Dragon noir*/ O fim do Dragão negro. A ação prolonga-se do mês de novembro de 1918 ao mês de abril de 1920, durante a revolução russa.

Através dos seus álbuns, podemos observar as impressões de Hugo Pratt sobre os conflitos do início do século XX. Esta parte do século XX seduz obviamente o desenhador oferecendo-lhe vastos recursos ao seu imaginário. Esta época de instabilidade, de crises, de guerras proporciona um terreno privilegiado ao elemento essencial da sua obra, ou seja a aventura. Esta aventura constitui uma reserva de acontecimentos e de imagens propícias a alimentar um contexto histórico determinado. Hugo Pratt dá vida e movimento à História, uma história vivida e expressa por personagens vivos, personagens históricos reais cuja verdade histórica deve ser respeitada. Ele guia os seus leitores através o mundo no caminho da História apreendendo não só a diversidade cultural mas sensibilizando também a uma cultura da História. O desenhador transmite ao longo da sua obra a atmosfera histórica (a vivência e o ambiente) consoante o palco definido das suas aventuras. A História define-se como a encenação de uma experiência vivida através das ações, dos gestos, das

falas das suas personagens. Uma reflexão sobre o valor da História neste suporte que é a banda desenhada é uma reflexão sobre a História.

É precisamente este contexto histórico que despertou toda a nossa atenção: a aventura do herói (ou mais do anti herói) que é o Corto Maltese leva-nos em diversos lugares do mundo onde, muitas vezes, torna-se espetador de eventos históricos do início do século XX (1904-1925).

No caso concreto de *Corto Maltese en Sibérie/ Corto Maltese na Sibéria*, como o título o indica, Hugo Pratt decide transportar os seus leitores até o continente asiático: após a abdicação do czar Nicolas II em 15 de março de 1917, Lenine e Trotski derrubam o governo instalado com a revolução de outubro. Fundou-se a ditadura do proletariado. Na Europa, a guerra acabou desde do dia 11 de novembro de 1918. O amiral Alexandre Kolchak e os fiéis do czarismo preparam uma contrarrevolução com a ajuda dos aliados e dos japoneses. A fim de se opor a essas contrarrevoluções, Trotski organiza o exército vermelho. É o início de uma guerra civil que, rapidamente, vai se estender por todo o território, opondo o Exército Branco (aristocrático-burguês, apoiado pelos moderados) ao Exército Vermelho, defensor da Revolução. Este último desloca-se para este onde 100 000 soldados checos, obedecendo às ordens de Kolchak, apoderam-se do caminho-de-ferro transiberiano. Este exército vai ocupar a Sibéria e o Ural até se render aos bolcheviques em 1920. A guerra civil acabará em março de 1921.

Mas que valor dar à História num suporte como a Banda desenhada? Essa forma de arte conjugando texto e imagens foi vista durante muito tempo como uma literatura específica dedicada unicamente às crianças, uma literatura infantil ou juvenil, realçando a noção de divertimento ligada à infância que lhe é associada:

*Chaque lecteur de bandes dessinées les comptera par dizaines, ces cases exceptionnelles qu'il habita dans son enfance, et au sein desquelles il nidifia (une "case", c'est une petite maison), englué d'amour, de terreur et d'émerveillement. Et depuis, ce sont elles qui le hantent, lui revenant et revenant en mémoire, intactes, luminescentes et magiques.*¹

Daí pode resultar a sensação de pouca seriedade causada pelo suporte em questão esquecendo que a banda desenhada é no entanto um «*monde étonnant*»².

A banda desenhada, uma literatura infantil? Qual é o público-alvo dos álbuns de Corto Maltese? Relembramos que a personagem de Corto Maltese foi, antes de ser publicada nas edições Casterman sob a forma de álbum, inserida em histórias curtas na revista juvenil francesa de banda desenhada "*Pif Gadget*"³ de 1970 a 1973. Esses leitores ficaram desemparedados perante essa serie cujo tom⁴ é mais adulto que as outras:

¹ Sterckx Pierre, *Les Cahiers de la bande dessinée* n° 56, février-mars 1984, p. 67.

² «Le monde étonnant des bandes dessinées» é o título da obra de Jacques Marny, Editions du Centurion, Paris, 1968.

³ Revista semanal criada em 1969.

⁴ *Pif Gadget*, n° 1462, juin 1973.

Qu'est-ce qui vous a pris de passer cette histoire de Corto Maltese dans Pif? J'ai beau me forcer à lire cette histoire, je n'y comprends rien, mais vraiment rien. Et pourtant, je ne suis pas plus bête qu'un autre. Je n'ai rien contre le dessin, je trouve que c'est génial. Mais pour ce qui est du texte, alors là, ça devient fou !

De facto, entre os substantivos que qualificam tanto a obra de Hugo Pratt como a sua vida: “viagens”, “aventura”, “esoterismo”, “mistério”, “poesia”... encontramos a palavra “erudição”. Hugo Pratt é um viajante incansável cuja curiosidade não tem limite; grande apreciador de história, acumulou uma biblioteca de 20 000 obras na sua casa em Suíça a fim de conservar o seu património livresco de erudito. Realçamos que Corto Maltese é muitas vezes apresentado, segundo Dominique Petitfaux, como uma «*bande dessinée littéraire*»⁵. Alias, o próprio Hugo Pratt definia a sua arte como uma «*littérature dessinée*»⁶:

Si je devais définir mon activité, je dirais que je suis un écrivain qui dessine et un dessinateur qui écrit même si le texte lui-même n'est composé que du dialogue nécessaire.» «Pour moi, aujourd'hui, le graphisme part de la nécessité d'un trait pour aller à l'impératif de la parole. Ainsi naît une bande dessinée»⁷.

Essa caracterização da banda desenhada dada pelo autor tem toda a sua importância. O texto faz-se imagem e a imagem faz-se escrito, isso denota a complementaridade dos dois elementos: sendo um relato de imagens desenhadas no interior do qual figura um texto composto principalmente de comentários e de diálogos, é precisamente através dos diálogos das personagens “verdadeiras” (ou seja “históricas”) ou dos diálogos de outras personagens sobre eles que vamos basear o nosso estudo. A revolução ou o contexto revolucionário é visto precisamente através das falas (e a inserção da ação) das personagens e não através de um relato histórico descritivo como num romance histórico por exemplo. Essa forma de comunicação, a língua falada, mais espontânea, deixa espaço à imaginação do autor. Vai permitir-lhe uma certa liberdade contextual visto que ela transmite informações não de forma objetiva mas sim de forma subjetiva. O próprio leitor (mediante a sua cultura) deverá preencher os lapsos deixados por essa forma de produção. Relembramos a noção da estética da recepção de um «*lecteur “implicite”, “prévu” par le texte, selon laquelle [...] le texte postule la coopération du lecteur comme condition d'actualisation*»⁸, demonstrada por Umberto Eco que pressupõe um «*lecteur modèle*», o autor e o texto podendo contar com a competência de resolução de enigmas ou de zonas de indeterminação do texto.⁹

⁵ Dominique Petitfaux, “*Hugo Pratt ou l'histoire vagabonde*”, L'Histoire Marianne (hors-série), p. 5.

⁶ *Ibid.*, p. 5.

⁷ Hugo Pratt, *le désir d'être inutile, Souvenirs et réflexions, entretien avec Dominique Petitfaux*, Robert Laffont, 1991. Site officiel de Robert Laffont <http://www.du9.org/chronique/desir-d-etre-inutile-le/>, 11-04-2015.

⁸ Umberto Eco, *Lector in fabula. Le rôle du lecteur*, Paris, Grasset, 1985, p. 65.

⁹ Antoine Compagnon, *Le démon de la théorie. Littérature et sens commun*, Paris, Seuil, 1998, p. 164.

II. Tradução interlinguística francês/português.

«Traduire, c'est passer d'un contexte (littéraire, culturel et social) à un autre et le confronter à une autre culture, poser la question de notre relation à l'étranger, hors de nous et en nous»¹⁰; o nosso estudo leva-nos supostamente a passar de um contexto (literário, cultural e social) francês a um contexto (literário, cultural e social) português. Mas não só, vai além disso. Neste caso, devido ao seu contexto preciso, a banda desenhada funciona como propagação de uma cultura longínqua dos dois países onde foi publicado o álbum (deixando de parte a pré-publicação italiana), um modo de transmissão representativo também de um período histórico particular cujo enquadramento geográfico, longe tanto da França como do Portugal, integra na tradução um conjunto de signos e de referências afastados do contexto europeu. O processo de tradução pode ser comparado ao processo de compreensão de um leitor que lê uma banda desenhada escrita por um adulto e tratando um universo que lhe é muito distante. Paul Ricœur menciona com razão que «traduire, c'est servir deux maîtres, l'étranger dans son étrangeté, le lecteur dans son désir d'appropriation.»¹¹

O título *Corto Maltese en Sibérie* não é uma tradução fiel ao original italiano *Corte Sconda detta Arcana*, «*La cour cachée dite de l'Arcane*». No entanto, reconhecemos imediatamente a origem francesa do título português *Corto Maltese na Sibéria*, pois temos que avisar que a tradução portuguesa foi realizada mediante a versão francesa e não a italiana. Consideramos neste âmbito o texto original francês como o texto fonte e a sua tradução portuguesa, o texto alvo; o francês, a língua fonte, o português, a língua alvo.

Foi pré-publicado em Itália na revista mensal *Linus* a partir do mês de janeiro de 1974 até 1977, quatro anos mais tarde, em 1978, foi publicado em França na revista (*A Suivre*) antes de ser publicado sob a forma de álbum nas edições Casterman em 1979, muito mais tarde, em 2011, foi publicado em Portugal pelas edições Asa.

Neste álbum, Hugo Pratt leva o seu herói até ao continente asiático (Sibéria, Mongólia, Manchúria) onde será confrontado à guerra civil russa, ao barão Von Ungern-Sternberg e outras personagens históricas, todas desejosas de se emparar do ouro do czar. É claro que o Hugo Pratt integra sequências e personagens de pura fantasia a sequências e personagens históricas. Mesmo se a personagem tem um estatuto particular na banda desenhada, efetivamente é em primeiro lugar um desenho onde a aparência a define; os olhos do leitor avistam imediatamente a sua criação, produto de uma perceção e não de uma representação. A imagem ótica substitui-se à imagem mental e fornece uma diversidade de informações (aparências físicas, as expressões, a roupa ou a sua maneira de se vestir...). Neste sentido, a imagem vale como apresentação: «*On ouvre l'album et aussitôt surgit figurativement le personnage, avec ses couleurs et ses attributs définitoires.*»¹² Mesmo sabendo isto, visto que o nosso estudo enquadra-se na problemática de tradução, só os aspetos linguísticos da personagem serão privilegiados. Como a segunda parte da nossa reflexão

¹⁰ Julien Curien, Christine Sabatier, «*La traduction en littérature pour la jeunesse*», *La revue des livres pour enfants*, n^o 236, p. 168.

¹¹ Paul Ricœur, «*Le paradigme de la traduction*», Paris, Esprit, juin 1999, p. 8-19.

¹² Nathalie Prince, *La littérature de jeunesse*, Paris, Armand Colin, 2010, p. 91.

tem a ver com a tradução/interpretação da história na banda desenhada, decidimos restringir a nossa análise comparativa às falas das personagens históricas ou às falas de uma personagem sobre elas: «*Le personnage naît seulement des unités de sens, n'est fait que de phrases prononcées par lui ou sur lui.*»¹³ Essa análise seguirá os procedimentos de tradução desenvolvidos por Vinay e Darbelnet¹⁴. É neste sentido que vamos estabelecer sequências correspondentes a cada personagem histórica, ou seja, cinco.

- a) O **almirante Alexandre Vassilievitch Kolchak** é o chefe supremo do exército branco; transporta o ouro imperial pelo caminho-de-ferro.

É através do jornal “Hong Kong Gazette” que o leitor vê pela primeira vez o nome do almirante:

«L’amiral contre-révolutionnaire russe Kolchak s’est proclamé dictateur de toute la Russie et d’une grande partie de la Sibérie»

«O almirante contrarrevolucionário russo Kolchak proclamou-se ditador de toda a Rússia e de uma grande parte da Sibéria.» (p. 32)

Trata-se simplesmente de uma tradução literal: a língua de partida foi traduzida palavra a palavra sem efetuar mudança nem na ordem das palavras ou nem ao nível das estruturas gramaticais.

A segunda aparição do nome vem numa conversa entre o Corto Maltese e as “Lanternas vermelhas”; essas últimas têm um importante negócio a propor a Corto se ele tiver disposto a ajudá-las:

«Tu n’as jamais entendu parler du train d’or de l’amiral Kolchak, en Sibérie ?»

«Já ouviste falar do comboio do ouro do almirante Kolchak, na Sibéria?» (p. 43)

Houve nitidamente a omissão do pronome pessoal sujeito em português. É claro que entre o texto de partida e o texto de chegada, houve uma mudança radical de ponto de vista, a língua francesa usando a negação “*ne jamais*” enquanto o texto português escolheu a afirmação realçando este aspeto com o advérbio “já” (antes, anteriormente). Trata-se de uma modulação. O resto da frase segue o procedimento da tradução literal.

«Il s’appelle ainsi parce qu’il transporte le trésor impérial russe depuis la mort du tsar et de sa famille...»

«Tem esse nome porque transporta o tesouro imperial russo, depois da morte do czar e da sua família...» (p. 44)

¹³ R. Wellek. A. Warren, *La théorie littéraire*, Paris, Seuil, 1971, p. 208.

¹⁴ Jean-Paul Vinay, Jean Darbelnet, *Stylistique comparée du français et de l’anglais*, Paris, Didier, 1977.

Essas falas fazem referência ao comboio do ouro fornecendo ao leitor informações complementares úteis. Enquanto a língua francesa exige um pronome pessoal “*il*” (subentendido “o comboio”) a iniciar a frase, essa realidade não existe em português que de forma usual, abdica do sujeito começando diretamente com o verbo. A tradução literal não foi escolhida: “Chama-se assim porque...”. O verbo francês “*s’appeler*” transformou-se no verbo “*ter*” (“*avoir*”), sozinho não é suficiente, não faz sentido, teve que sofrer uma expansão de um demonstrativo “*esse*” e de um substantivo “*nome*” para encontrar equivalência ao verbo único “*s’appeler*”. Estamos face a duas estruturas completamente diferentes: pronome pessoal + verbo + advérbio na língua de partida, verbo + demonstrativo + substantivo na língua de chegada; alias a ideia que o advérbio “*ainsi*” (“desta maneira”) transmite, encontra o seu correspondente precisamente no demonstrativo “*esse*”. A mensagem foi traduzida na sua globalidade usando o procedimento da equivalência. A expressão portuguesa, sem ser literal, é apropriada.

Vamos encontrar muitas e muitas vezes a tal negação do sujeito, imperativo na língua francesa, na língua portuguesa. O segundo segmento da frase é claro: “*il transporte*” / “*transporta*”.

O texto de chegada acrescentou uma vírgula após a palavra “russo”. Ora a pontuação tem toda a sua importância: o mais pequeno sinal pode introduzir grandes diferenças de interpretação, alterando até o sentido. Podemos afirmar isso neste caso presente: o advérbio francês “*depuis*” (“desde”) não permite introduzir uma pausa (assinalado no texto de chegada com uma vírgula), pois indica o início no tempo de uma ação, de um estado que perdura até o momento onde se fala: “a partir de” / “a contar de”. Foi traduzido pelo advérbio português “depois” (“*après*”), esse também indica uma relação temporal (posteriormente, mais tarde) mas na frase, o advérbio é indissociável da preposição “de”, marcando bem a ideia de “a seguir a” (morte do czar e da sua família). Ou seja, o sentido de continuidade que marca a fala francesa não aparece na língua portuguesa onde o acontecimento teve lugar e acabou. São nuances ínfimas que mudam o ponto de vista de uma língua para outra.

Mais precisões acerca do tal comboio do amiral Kolchak que permite ao leitor apreender o contexto geral da situação em questão:

«L’année dernière à Ekaterinbourg, l’amiral Kolchak s’est emparé du trésor impérial au nom du gouvernement anti-révolutionnaire...le train se trouve maintenant près de la frontière mongole...»

«O ano passado, em Ecaterimburgo, em nome do governo antirrevolucionário, o almirante Kolchak apoderou-se do tesouro imperial... o comboio encontra-se agora perto da fronteira mongol...» (p. 44)

Notamos logo à partida uma diferença de pontuação, as indicações temporais e espaciais ficam juntas na língua de partida, divididas na língua de chegada dando ênfase a cada elemento separado. Houve também uma deslocação do complemento começando pela preposição “*au*

nom de / “em nome de”; nessa posição específica da frase na língua de chegada, essa deslocação introduz imperativamente uma vírgula antes do sujeito estabelecendo mais uma pausa. A língua de chegada dá mais importância aos elementos temporais, espaciais e circunstanciais, separando cada elemento distinto por vírgulas. O restante segue o procedimento da tradução literal.

«...et il intéresse les seigneurs de la guerre chinois, les bandits mandchous...les alliés en Sibérie et les sociétés secrètes, parmi lesquelles la nôtre. Nous, les lanternes rouges, nous chargerons de recruter des hommes et de financer l’entreprise. Il nous faut quelqu’un capable de la diriger...»

«...e interessa aos senhores da guerra chineses, aos bandidos manchus, aos aliados na Sibéria e às sociedades secretas, entre as quais a nossa. Nós, as “lanternas vermelhas”, recrutamos homens e financiaremos a empresa, só nos falta alguém capaz de a dirigir...»

Temos a omissão do sujeito (“*il*”) na língua de chegada, usual. A estrutura linguística entre as duas línguas difere. Enquanto na língua de partida, o verbo “*intéresser*” é transitivo direto, introduzido um complemento direto começando com os artigos definidos “*les*”, na língua de chegada, o verbo “*interessar*” é transitivo indireto, exigindo que os seus complementos sejam introduzidos pela preposição “*a*” (“*a+os*” dando “*aos*” ou “*a +as*” dando “*às*”). Notamos que o nome próprio é destacada na língua de chegada pelo uso das aspas curvas, o que não acontece na língua de partida: as “lanternas vermelhas”; essa organização estrangeira chinesa, ou por ser pouco comum, ou por ser pouco conhecida, precisa ser valorizada dessa forma num sentido de respeito em português. O que acontece a seguir é precisamente o contrário de uma expansão. A língua de chegada transformou o enunciado omitindo elementos mas guardando o sentido global. Ao omitir o verbo “*charger*” (“*encarregar-se de*”), a língua de chegada teve que ir buscar os outros dois verbos (“*recruter*” / “*financer*”) que lhe eram associados (mas no infinitivo) e conjugá-los diretamente no mesmo tempo que no texto de partida, ou seja no futuro. O resultado é uma forma mais direta. Notamos que na língua portuguesa, é usual não ter artigos definidos a começar um complemento de objeto direto. Esta omissão (“*des*”) se faz naturalmente por prática comum na língua portuguesa. O restante do enunciado é bastante interessante. Enquanto o texto de partida separa os dois enunciados com o sinal de pontuação forte, o ponto final, constituindo duas frases separadas, o texto de chegada acrescenta unicamente uma vírgula continuando o seu enunciado. Há entre as duas falas uma mudança linguística, o verbo francês “*falloir*” (“*il faut*” / “*precisar*”) transformou-se em (“*faltar*” / “*manquer*”). A perspectiva apesar de ser sinonímica tem as suas nuances, é precisamente por essa razão que a língua portuguesa teve que acrescentar o advérbio “*só*” para chegar a um sentido equivalente. É o procedimento da modulação que altere o ponto de vista, nítido neste caso.

E Corto de acrescentar, para o leitor ter amplamente noção das implicações em termos de cenários de guerra, dos riscos ocorridos:

«Mais si nous acceptons...

... tout ce qui se trouve à l'est de Moscou sera contre nous !»

«Mas, se aceitarmos...

... teremos contra nós tudo e todos os que se encontram a leste de Moscovo.» (p. 44)

Na língua francesa, não existe o tempo verbal tipicamente português chamado infinitivo pessoal que foi precisamente escolhido aqui na versão de chegada. Uma vez mais, a língua portuguesa utilizou uma vírgula (inexistente no texto de partida), após o advérbio “mas”, realçando desta forma a restrição evocada pelo próprio advérbio e a ligeira pausa na leitura. Se traduzirmos literalmente, obteríamos este resultado: «...tudo o que se encontra a leste de Moscovo será contra nós!» Não foi a escolha das tradutoras. É óbvio que a segunda parte do enunciado subiu uma verdadeira transformação na língua de chegada: tanto no que diz respeito à ordem dos elementos da frase, houve um “*chassé-croisé*” (um jogo de empurra) entre as expressões “*contre nous*” e “*à l'est de Moscou*”; tanto no que diz respeito à escolha do verbo e do pronome pessoal que lhe é associado implicando uma mudança de ponto de vista radical (terceira pessoal do singular na língua de partida / primeira pessoa do plural na língua de chegada; o verbo “*être*” (“ser”) em francês / o verbo “ter” (“*avoir*”) em português) utilizando o procedimento da modulação; uma expansão, a língua de chegada achou indispensável acrescentar uma precisão ao pronome indefinido “*tout*” (“tudo”): “tudo e todos” acrescentando o substantivo masculino plural “*todos*” no seu sentido abrangente “toda a gente”. A complexidade da estrutura na língua de chegada realça o facto da missão ser muito perigosa. Mais uma diferença que diz respeito ao sinal de pontuação: a língua francesa acentuou a noção de perigo através da intonação e do ponto de exclamação aumentando desta forma a ênfase; a língua portuguesa escolheu um simples ponto final.

O nome do almirante aparece mais uma vez numa conversa entre Jack, o major Tippit e um colega americano. Enquanto Jack se refere ao general Semenov como sendo o “general fantoche dos japoneses”, o seu amigo, realçando a posição dos Estados-Unidos, retorque:

«Fantoche ou non... c'est un homme avec lequel il faut compter. Puisque, avec les anglais, nous appuyons l'almirante Kolchak, les japonais vont essayer de soutenir son gouvernement en Sibérie.»

«Fantoche ou não, é um homem a ter em conta. Dado que, com os ingleses, apoiamos o almirante Kolchak, os japoneses vão tentar suster o seu governo na Sibéria.» (p. 60)

A pontuação difere, a língua francesa escolheu as reticências enquanto a língua portuguesa escolheu a vírgula; essa introdução do suspense ou da hesitação depois da qual o sentido é completado, na segunda parte da oração não tem lugar na língua de chegada dando ao enunciado um valor mais afirmativo. As duas línguas não utilizaram a mesma estrutura frásica: o pronome relativo “*avec lequel*” que faz referência ao substantivo “*homme*” foi substituído pela preposição, muito mais simples, “a” introduzindo logo o verbo no infinitivo “ter” na língua de chegada. Houve manifestamente uma mudança de categoria gramatical entre o verbo “*compter*” (“contar”) e o

substantivo feminino “conta” usando o procedimento da transposição. Alias, visto ser uma expressão, “ter em conta”, as três palavras não podem ser separadas! Podemos afirmar, apesar de ligeiras variações de língua como por exemplo a negação do sujeito na língua portuguesa “*nous*”, o verbo é diretamente conjugado na primeira pessoa do plural e o facto de que na língua francesa o verbo “*essayer*” forma par indissociável com a preposição “*de*”, inexistente após o verbo “*tentar*”, que o restante do enunciado segue a tradução literal.

Sabemos através uma conversa entre a duquesa e Spatzetov que ambos Semenov e Ungern odeiam o almirante:

«J'en doute. Sémenov et Ungern se haïssent, mais ils méprisent tous deux l'amiral, non... Je ne crois pas que Kolchack puisse se faire l'allié de l'un d'eux.»

«Duvido...Semenov e Ungern odeiam-se, mas ambos desprezam o almirante. Não...não acredito que Kolchak consiga aliar-se a qualquer deles.» (p. 61)

A escolha da pontuação parece ser verdadeiramente cultural. Desta vez, enquanto a língua de partida usa um simples ponto final, a língua de chegada usa as reticências deixando um espaço para a dúvida se prolongar no tempo, uma hesitação que não ocorre no texto francês. A seguir, a vírgula após o substantivo “*amiral*” transformou-se num ponto final no texto de chegada obrigando a utilização da maiúscula a seguir. Os dois enunciados não têm o mesmo ritmo frásico apesar de desenvolver as mesmas ideias. A eloquência e a energia dado ao discurso difere de uma língua à outra, é o que demonstra as variações de pontuação. A língua francesa e a língua portuguesa dão importância diferente às ruturas rítmicas consoante a sua representação do contexto.

O verbo é o mesmo “*douter*” / “*duvidar*” mas a expressão francesa implica naturalmente o uso do artigo partitivo “*en*” (“*j'en doute*”), subentendido “*je doute de quelque chose*”. A tradução é quase literal. Notamos a omissão do sujeito (“*ils*”) na língua portuguesa, provocando um “*chassé-croisé*” das expressões “*tous deux*” colocada após o verbo francês e “*ambos*” colocado antes do verbo português. Outra diferenciação: uma transposição; há efetivamente a mudança de categoria gramatical entre o substantivo “*l'allié*” em francês e o verbo “*aliar-se*” em português. São duas expressões equivalentes “*se faire l'allié de*” / “*aliar-se a*”, o enunciado português sendo mais económico. As preposições ligadas diretamente ao verbo não são similares no entanto (“*de*” / “*a*”). Das duas expressões indefinidas seguintes *l'un d'eux* / “*qualquer deles*”, a língua francesa é mais específica à partida usando diretamente o número “*um*” enquanto a língua portuguesa usa o pronome indefinido “*qualquer*”, um de entre muitos, já que são só duas pessoas, Semenov e Ungern, será subentendido um das duas.

Uma alusão ao governo de Kolchak numa conversa entre Corto e Jack:

«La Mandchourie est contrôlée par les japonais et Sémenov et les autres atamans cosaques du gouvernement Kolchak sont sous la protection des japonais.»

«A Manchúria é controlada pelos japoneses, e Semenov e outros chefes cossacos do governo de Kolchak estão sob a proteção dos japoneses.» (p. 64)

A mesma estrutura passiva foi respeitada na língua portuguesa fazendo com que a tradução literal sobressaia com algumas modificações no entanto em termos de pontuação. Mais uma vez, a língua de chegada altera os sinais gráficos, acrescentou uma vírgula antes da conjunção “e” que coordena os dois elementos da frase. Modifica substancialmente o ritmo da fala. Houve uma ligeira nuance de vocabulário com a palavra “*ataman*”; não tem tradução em português. De facto, era o título de chefe que desenvolvia funções políticas e militares nos cossacos. A utilização do sinonimo “chefe” é então a mais adequada ao contexto.

É sempre a alusão ao ouro do Kolchak que volta nas conversas, por exemplo entre Semenov e Ungern:

«Très beaux et très fous...Allez, allez...L’armée vous coupera en morceaux et tu seras barré de la liste des personnels avec qui il faut partager l’or de Kolchak.»

«Magníficos e loucos. Vão... Vão...O exército vermelho cortar-vos-á em bocados e tu serás riscado da lista das pessoas com quem teremos de dividir o ouro do Kolchak.» (p. 70)

Vemos como a tradução às vezes utiliza a omissão de certos pormenores e às vezes utiliza a expansão acrescentando uma precisão que achou indispensável na língua de chegada. O texto de chegada omitiu nitidamente o advérbio de intensidade ou quantidade “*très*” (“muito”) antes dos adjetivos qualificativos “*beaux*” e “*fous*”; respeitou aliás o segundo adjetivo, modificou o primeiro, para obter o mesmo efeito de intensidade, escolheu outro adjetivo cujo sentido é mais acentuado, mais forte (“magníficos”), chegando a um equilíbrio entre o enunciado de partida e o de chegada. Vemos que a língua de chegada preferiu acrescentar o adjetivo “vermelho” para qualificar o substantivo “exército” (“*armée*”), especificando desta forma que se trata do exército da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, criado por Leon Trotsky dos Bolcheviques em 1918 para defender o país durante a guerra civil russa, para combater a contrarrevolução dos exércitos brancos apoiados pelas potências estrangeiras (França, Inglaterra, Estados- Unidos, Checoslováquia, Japão). A cor vermelha tem uma conotação revolucionária. Outra ligeira diferença: em termos de vocabulário, “lista das pessoas” não é equivalente a “*liste des personnels*”, supostamente “lista do pessoal”, conjunto de pessoas ou de indivíduos partilhando neste caso concreto o mesmo interesse, o ouro de Kolchak. Mas esse substantivo coletivo não marcava tão bem a noção de plural existindo na língua de partida. Outra estrutura frásica que difere: a língua francesa usa frequentemente a expressão impessoal “*il faut* + infinitivo do verbo seguinte” (ser preciso, ser necessário); o texto de chegada preferiu a primeira pessoa do plural e mudou completamente o verbo “*ter de* + infinitivo do verbo seguinte” (“*devoir*”). A pontuação ainda: enquanto o texto de partida utiliza as reticências, uma vírgula e outra vez reticências, o texto de chegada utiliza o ponto final (em vez das reticências iniciais), as reticências (em vez de uma vírgula inicial) e ainda as reticências exatamente nas mesmas posições que o texto de referência, mudando não só a

apresentação gráfica do texto como modificando nitidamente as funções rítmicas e expressivas; a entoação dada nos dois enunciados é diferente.

De facto, o comboio do ouro do almirante Kolchak está a ser seguido de muito perto por ambas partes interessadas a pôr a mão nesse tesouro; desta vez são as “lanternas vermelhas” a informar o Corto Maltese sobre a posição exata deste comboio:

«Le train de l’or de l’amiral Kolchak se trouve à Oudinsk, de ce côté du lac Baïkal...La ville est aux mains des américains, mais la voie ferrée est contrôlée par les tchécoslovaques et occupée par les trains blindés de Sémenov.»

«O comboio do ouro do almirante Kolchak está em Udinsk, deste lado do lago Baikal...A cidade está nas mãos dos americanos, mas a via-férrea é controlada pelos checoslovacos e ocupada pelos comboios blindados de Semenov» (p. 75); informação estratégica.

Não há grande desrespeito em relação ao texto original; a tradução literal adapta-se bem nestes enunciados. Até a pontuação foi mantida igual ao texto de partida. Algumas variações encontram-se na escolha dos verbos: “*se trouver*” / “encontrar-se”; o verbo “estar” serve de equivalente. Observa-se nos dois textos as estruturas passivas. Poderiam ter escolhido a expressão “linhas de caminho-de-ferro” mas utilizaram o decalque “via-férrea”, mais económico.

Continuando,

«Sémenov est déjà prêt à attaquer le train de l’amiral. Il n’y a donc pas de temps à perdre...sinon cet or finira dans sa forteresse.»

«Semenov prepara-se para atacar o comboio do almirante. Não há tempo a perder...ou esse ouro acabará na sua fortaleza.» (p. 75)

Uma ligeira alteração que diz respeito à estrutura verbal da primeira parte do enunciado: “*être prêt à*” não tem o mesmo sentido do que “*se préparer*” (“preparar-se para”), escolha do texto de chegada. No texto de partida, os preparativos da suposta ataque estão acabados. Essa noção é ainda realçada com o advérbio “*déjà*” (“já”) enquanto o verbo “preparar-se” do texto de chegada indica que a ação ainda está a decorrer, não terminou. A conjunção “*donc*” (“então”) da segunda frase completa essa ideia de consequência, marcando definitivamente o fim da ação anterior, abrindo porta para a seguinte. O texto de chegada omitiu essa ideia fazendo com que o leitor pensa que devem-se apressar os preparativos (não acabados) para poder atacar o comboio. O terceiro elemento começa por a conjunção “*sinon*” introduzindo uma hipótese negativa (“Caso contrário”...) que ninguém quer. A alternativa dada pela conjunção “ou” escolhida no enunciado de chegada não é tão forte.

O texto de chegada omitiu advérbio e conjunções “*déjà*” / “*donc*” / “*sinon*”, elementos fortes construindo o sentido de todo o enunciado. Apesar de parecer equivalente, há subtilezas de sentido que subsistem entre os dois enunciados. A receção do leitor não se manifesta de forma idêntica conforme a língua do enunciado.

Sempre a alusão ao comboio :

«Prévenez le commandant Sémenov que le train de l’amiral Kolchak se trouve sur l’autre voie.»

«Avisem o comandante Semenov de que o comboio do almirante Kolchak se encontra na outra linha.» (p. 82)

Não há diferenças aqui: a estrutura foi mantida com o uso do imperativo inicial. Até o verbo “*se trouver*” foi traduzido literalmente “encontrar-se” e não substituído, como já aconteceu em enunciados anteriores, pelo verbo “estar”. A tradução literal funciona. Notamos no entanto que o substantivo “*voie*” não foi traduzido à letra “via”, preferindo a palavra “linha”, mais adaptada de facto ao contexto ferroviário.

O almirante Kolchak nem se encontra no tal comboio:

«Dommage que l’amiral Kolchak ne soit pas sur ce train avec nous...» «...pour défendre l’or de la Russie...nous avons hérité d’un joli problème...»

«É pena que o almirante Kolchak não esteja connosco neste comboio...» «...para defender o ouro da Rússia... herdámos um belo problema...», disse a duquesa.

O substantivo masculino “*dommage*” foi substituído pela expressão portuguesa “é pena” (verbo + substantivo feminino). Houve um “*chassé-croisé*” entre os complementos circunstanciais entre os dois enunciados mas estes podem ser colocados livremente na frase sem mudar o sentido geral. Notamos unicamente a ligeira variação dos verbos “*hériter*” / “herdar”, o verbo francês é indissociável da preposição “*de*”, sendo transitivo indireto enquanto o verbo português é transitivo direto. De resto, podemos afirmar que se trata de uma tradução literal.

Sabemos através de Dutcha, ao serviço do general Chang:

«L’amiral Kolchak a été trahi par nos alliés...[..]»

«O almirante Kolchak foi traído pelos nossos aliados...[.] » (p. 113)

Sem dúvida, trata-se de uma tradução literal, respeitando a voz passiva.

- b) **Grigori Mikhaïlovitch Semenov**, chefe da “divisão selvagem”, ocupa a linha do Transiberiano com os seus comboios blindados.

O nome do general aparece pela primeira vez numa conversa entre um soldado americano e Jack, o major Tippit, também americano, que procura um avião a fim de poder ir a Harbina na Manchúria com o Corto Maltese:

«Jack, il y a des nouvelles de ton aristocrate russe... elle est l'hôte du général Sémenov... en Mandchourie.»

«Jack, temos notícias da tua aristocrata russa... é convidada do general Semenov... na Manchúria.» (p. 60)

A expressão impessoal francesa “*il y a*” (“há”) foi substituída pelo verbo “ter” conjugado na primeira pessoa do plural, mudando desta forma o ponto de vista (procedimento da modulação). Como sempre, temos na língua de chegada a omissão do sujeito antes dos verbos (“temos” / “é convidada”), usual. Observamos também a mudança de categoria gramatical entre o substantivo masculino “*l'hôte*” (“a convidada”) e o verbo “convidar” na passagem de uma língua para outra utilizando o procedimento da transposição. A pontuação foi mantida nos dois enunciados.

Jack de responder, dando a sua apreciação :

«De ce général fantoche des Japonais ?...»

«Desse general fantoche dos Japoneses ?» (p. 60)

Tradução puramente literal. O enunciado de chegada eliminou no entanto as reticências no final do enunciado. Dessa forma, a língua francesa acentuava a interrogação, deixando mais aberta a reflexão.

Marcando a posição, o seu amigo replica:

«Fantoche ou non... c'est un homme avec lequel il faut compter. Puisque, avec les anglais, nous appuyons l'amiral Kolchak, les japonais vont essayer de soutenir son gouvernement en Sibérie.»

«Fantoche ou não, é um homem a ter em conta. Dado que, com os ingleses, apoiamos o almirante Kolchak, os japoneses vão tentar sustar o seu governo na Sibéria.»

Essa explicação encontra-se no ponto a).

Numa conversa entre a duquesa e Spatzetov, algures na Manchúria, o leitor conhece as relações entre o barão e o general Semenov:

A duquesa: **« Je n'ai pas l'impression que le baron von Ungern soit d'accord avec le général Sémenov...peut-être que notre ami, l'amiral Kolchak, pourrait l'utiliser contre Sémenov. Qu'en dites-vous, Spatétov? »**

A duquesa: **«Não me parece que o barão von Ungern esteja de acordo com o general Semenov... talvez o nosso amigo, o almirante Kolchak, o possa usar contra Semenov. O que acha, Spatzetov? »**

Houve nitidamente uma mudança de ponto de vista utilizando o procedimento da modulação: enquanto o enunciado francês utiliza o “*je*”, primeira pessoa do singular (dizendo respeito à

duquesa), o enunciado português utiliza a fórmula impessoal “não me parece” (“*il ne me semble pas*”), a ideia do “eu” transparecendo no entanto no pronome pessoal “me”. Ambos os enunciados começam pela negativa. A segunda parte do enunciado, a seguir às reticências, obedecem a regras diferentes consoante as línguas: a colocação em francês, “*peut-être que*”, par indissociável, não acontece na língua portuguesa; o advérbio “talvez” não precisa de par como a conjunção “*que*” mas obriga a utilização do conjuntivo; a língua de partida utiliza quanto a ela o condicional. É usual em português ter o artigo definido antes do determinante possessivo “o nosso amigo”, não em francês. O pronome pessoal objeto direto (“*l’*” / “*o*”) também não ocupa o mesmo lugar na frase: entre os dois elementos verbais na língua de partida, antes dos elementos verbais na língua de chegada. Outra observação: houve uma alteração de sentido entre os verbos “*dire*” e “*achar*” na pergunta final, a mensagem foi traduzida na sua globalidade, chegando a uma expressão equivalente na língua de chegada.

Ao responder à duquesa:

«J’en doute. Sémenov et Ungern se haïssent, mais ils méprisent tous deux l’amiral, non... Je ne crois pas que Kolchack puisse se faire l’allié de l’un d’eux.»

«Duvido...Semenov e Ungern odeiam-se, mas ambos desprezam o almirante. Não...não acredito que Kolchak consiga aliar-se a qualquer deles.»

Cf. Explicação no ponto a).

Do seu avião, em companhia de Corto Maltese, o Jack faz referência ao comboio de Semenov:

«Voilà, je pense, le train de Sémenov et de la duchesse Marina Séminova.»

«Aquele deve ser o comboio de Semenov e da duquesa Marina Seminova.»

Mais uma vez uma mudança de ponto de vista, logo à partida, alterando também a pontuação. O advérbio “*voilà*” (“Eis”) chama a atenção precisamente sobre o comboio que está a ser avistado no momento; a expressão entre vírgulas “*je pense*” (“acho eu”) realça a probabilidade da consideração que está a ser pronunciada, serve como uma afirmação. Na língua de chegada, o comboio é realçado logo de início pelo pronome demonstrativo “aquele” e não pelo advérbio “Eis” se fosse uma tradução literal; a probabilidade ocorre através da expressão verbal “deve ser” ligado diretamente ao pronome, sendo conjugado à terceira pessoa do singular obviamente. Resulta dessa modulação uma subtileza de apreensão do sentido: o enunciado português parece mais afirmativo do que o enunciado francês.

O Corto pergunta-lhe nesse preciso momento:

«Comment se fait-il qu’un train russe puisse traverser la Mandchourie chinoise ?»

«Um comboio russo a atravessar a Manchúria chinesa? Como é possível?»

Graficamente, os dois enunciados não são construídos da mesma forma: no texto de partida, temos uma única pergunta (os dois elementos desta pergunta ligados pela conjunção “*que*”) transformada em duas no texto de chegada. O advérbio interrogativo “*comment*” que indica a surpresa começa naturalmente a interrogação que acaba com o ponto de interrogação final, a inversão verbo/sujeito faz parte do procedimento interrogativo normal em francês, o conjuntivo na segunda parte da frase é deduzido da indignação e da surpresa de um tal acontecimento. Essa estrutura que parece natural em francês já não o é quando transferida na língua de chegada. Para superar a dificuldade, duas perguntas, a primeira feita na base de uma afirmação focando o acontecimento em si, a segunda utilizando a expressão muito simples “como é possível?” realçando a surpresa. Foi preciso encontrar uma expressão apropriada na língua de chegada e equivalente ao enunciado de partida.

É através da resposta do Jack que o leitor sabe mais sobre o enredo histórico:

«La Mandchourie est contrôlée par les japonais et Sémenov et les autres atamans cosaques du gouvernement Kolchak sont sous la protection des japonais.»

«A Manchúria é controlada pelos japoneses, e Semenov e outros chefes cossacos do governo de Kolchak estão sob a proteção dos japoneses.» (p. 64)

A explicação encontra-se no ponto a).

Ao dizer de Spatzetov:

«[...] Ce train se dirige vers Tchita, en Transbaïkalie, pour rencontrer l’ataman Sémenov. Vous pourrez rejoindre votre destination...bien entendu si vous arrivez là-bas sans incident !»

«[...] Este comboio vai para Chita, na Transbaikalia ao encontro do chefe cossaco Semenov. Aí, se conseguirem lá chegar sem incidentes, podem retomar o vosso caminho...» (p. 67)

A primeira frase aparenta-se a uma tradução literal. Mas não, há muitas variações entre os dois enunciados. Houve uma alteração de vocabulário nos verbos “*se diriger vers*” (dirigir-se em direção a) / “*ir para*” (*aller à*). Já vimos também que a palavra russa “*ataman*” não tem o seu equivalente em português; é o seu sinónimo “*chefe*” que é utilizado na língua de chegada que acrescentou ainda, através do procedimento da expansão, o adjetivo qualificativo “*cossaco*” para chegar à realidade exprimida no único substantivo francês “*ataman*”. Houve uma mudança de categoria gramatical entre o verbo “*rencontrer*” na língua de partida e o substantivo “*encontro*” na língua de chegada; essa transposição implica respetivamente a mudança de preposição “*pour*” / “*ao [...] do*”. Até a pontuação difere: o texto de partida engloba a expressão de lugar “*en Transbaïkalie*” entre duas vírgulas; o texto de chegada não.

Em relação à segunda frase desta fala, o texto de chegada não respeita nem a pontuação nem a ordem dos elementos frásicos, as duas partes constitutivas sendo intervertidas. Há expansões e omissões. Expansão com o advérbio “*aí*” (nesse lugar). A língua de chegada precisa de dar precisões para transmitir a ideia do verbo inicial “*arriver*”: utiliza dois verbos “*conseguir*” (“*arriver*” no sentido de atingir um objetivo) e “*chegar*” (“*arriver*” no sentido de chegar ao seu destino); em francês,

esses dois verbos acabaria em redundância (“*si vous arrivez à arriver là-bas sans incident*”). Omissão da expressão “*bien entendu*” (evidentemente) que realça na língua de partida o perigo da expedição. Omissão usual do sujeito (“*vous*”). Em termo de vocabulário, o texto de chegada preferiu usar um sinonimo de “*destination*” (destino) com a palavra “caminho”.

Em termo de pontuação, as reticências que seguem a ideia de “*destination*” / “caminho” foram respeitadas deixando em aberto essa percepção dupla de duração e de perigo para chegar ao destino. O ponto de exclamação no texto de partida não pode ser respeitado no texto de chegada visto que houve uma permutação dos elementos frásicos e que essa parte acabou por ser a primeira e não a final. O ponto de exclamação só pode se colocar no final de uma frase, não no início!

Temos uma conversa direta entre o Ungern e Semenov, essa conversa transmite informações não sobre essas duas personagens, apesar ser reveladora das suas personalidades, mas sobre a situação em si, imagem histórica da revolução no próprio terreno:

Ungern a Semenov: **«Je suis venu vous dire au revoir Séménov... Je pars pour Daouria... Je vous organiserai l'attaque contre nos ennemis de la Mongolie, mais j'ai besoin de l'appui des japonais et de Tchang Tso-Lin, le chef de la Mandchourie.»**

«Vim despedir-me, Semenov... Parto para Dauria... para organizar o ataque contra os nossos inimigos da Mongólia, mas necessito do apoio dos japoneses e de Chang Tso-Lin, o chefe da Manchúria.» (p. 69)

A pontuação foi respeitada. Trata-se quase de uma tradução literal. Como a língua de chegada faz abstenção do sujeito, conseguiu ser mais direto na terceira parte da fala, utilizando a preposição “para” + o verbo no infinitivo “organizar”. O enunciado português é mais económico: a expressão “*se dire au revoir*” traduz-se no único verbo “despedir-se”; a expressão “*avoir besoin*” no único verbo “necessitar”. A língua francesa precisa de mais palavras para exprimir a mesma coisa.

Semenov responde-lhe: **«Les soldats du seigneur de la guerre Hsou Tchou-Tseng ont occupé Ourga et ils tiennent prisonnier l'empereur divin de la Mongolie. Que voudriez-vous faire?... Le libérer ?»**

«Os soldados do senhor da guerra Hsu Chu-Tseng ocuparam Urga e aprisionaram o imperador divino da Mongólia... Que vai fazer? ... Libertá-lo?» (p. 70)

A ortografia dos nomes estrangeiros diferencia-se de uma língua para outra, naturalmente respeitando a fonética da cada uma, nomeadamente o som “ou” francês manifesta-se com o “u” em português. Poderia ser uma tradução literal se não fosse dois elementos de diferenciação. O primeiro diz respeito à mudança de categoria gramatical do substantivo masculino “*prisonnier*” transformado no verbo “aprisionar”. Essa transposição ocasiona de igual forma a mudança de tempo verbal nos dois enunciados: a língua de partida usa o presente do indicativo (“*tiennent prisonnier*”) enquanto a língua de chegada, em seguimento ao primeiro verbo, usa o pretérito

perfeito do indicativo (“aprimonaram”). O valor não é precisamente o mesmo: o presente serve para traduzir os factos constatados no momento em que se fala; podemos falar de presente de atualidade ou de enunciação. O pretérito perfeito é usado para falar de um facto ocorrido e concluído em determinado momento do passado. O segundo também é respetivo à distinção verbal da primeira pergunta: a língua de partida usa o condicional e a língua de chegada o simples presente do indicativo. A primeira traduz mais o desejo do que a própria ação. Em termo de pontuação, a primeira frase do enunciado tem um ponto final transformado em reticências na língua de chegada que permite ao locutor de pensar no que vai dizer a seguir. Esse momento de curta reflexão não se distingue na língua de partida.

Ungern: **«Les seigneurs de la guerre chinois se disputent entre eux et les bolchéviques en profitent pour créer un mouvement révolutionnaire mongol. S'ils y parviennent, ce sera la fin de notre monde.»**

«Os senhores da guerra chineses lutam entre si, e os bolcheviques aproveitam-se disso para criar um movimento revolucionário mongol. Se o conseguirem, será o fim do nosso mundo.» (p. 70)

Algumas modificações que dizem respeito à construção da própria língua: “*se disputer*” é um verbo pronominal, “lutar” não é. “Aproveitar-se” é um verbo pronominal, “*profiter*” não é. Houve a omissão do sujeito “*ils*” / “*ce*” na língua de chegada (“Se o conseguiram” / “será”). O pronome “*en*” colocado antes do verbo em francês encontrou o seu equivalente através da contração “disso” (de + isso) colocada após o verbo em português. São pormenores mínimos nessa tradução literal, a estrutura geral foi respeitada. A pontuação difere, o texto de chegada acrescentou uma vírgula antes da conjunção que coordena os dois elementos da frase “e”.

Ungern: **«Ce n'est qu'en partant d'une Asie libérée du bolchévisme que nous pourrons reconquérir la Russie et l'Europe.»**

«Só a partir de uma Ásia livre do bolchevismo poderemos reconquistar a Rússia e a Europa.» (p. 70)

A ênfase traduzida pelos elementos « *ne* [...] *que* » em francês encontra o seu equivalente através do advérbio “só” colocado logo no início da frase no texto de chegada. Esta ênfase obriga um segundo elemento frásica começando pela conjunção “que” (“*ce n'est que* [...] *que*”). Esta colocação é inexistente na língua de chegada. Basta o advérbio “só” para transmitir exatamente o mesmo significado. Houve uma mudança de categoria gramatical entre o gerúndio “*en partant de*” e a expressão “a partir de”. Essa transposição não muda o sentido geral do contexto. No entanto, observamos uma ligeira diferença entre o adjetivo qualificativo “*libérée*” (“libertada – tornar livre”) e a escolha do texto de chegada “livre” (“*libre*”). O adjetivo “*libérée*” requer uma ação para poder ficar novamente livre, essa ação consiste em vencer uma restrição, uma opressão. Neste contexto, a opressão do bolchevismo. Enquanto o adjetivo “livre” não subentende essa preciosa ação, essa

luta ou esse combate. A palavra é menos forte. Mais uma vez, constatamos a supressão usual na língua de chegada do sujeito (“*nous*”).

Ungern ainda: **«Avec ma division de cavalerie asiatique, j’occuperai Ourga, la ville sainte mongole, et puis j’attaquerai la Russie rouge comme un nouvel Attila ou Gengis Khan ou Tamerlan.»**

«Com a minha divisão de cavalaria asiática, ocuparei Urga, a cidade santa da Mongólia, e depois, como um novo Átila, Gengis Khan ou Tamerlão, atacarei a Rússia vermelha...» (p. 70)

Omissão do sujeito (“*je*”) em português. A ortografia respeita a fonética de cada língua, os nomes próprios escrevem-se de forma diferente em francês e em português. Os complementos circunstanciais podem variar de posição nas frases; a língua de chegada preferiu colocá-lo no início do segundo elemento da frase, realçando desta forma a comparação com pessoas poderosas como o rei Átila, com o conquistador e imperador mongol Gengis Khan ou ainda o último conquistador nómada da Ásia Central. O facto de deslocar essa parte faz com que a pontuação também seja modificada. O texto de chegada acrescentou vírgulas no seu enunciado abrandando o ritmo da elocução.

Semenov: **«Tu déliras, Ungern, cette guerre est perdue. La seule chose que nous ayons à faire, c’est de prendre ce qui nous reste de l’or impérial et de disparaître sous un autre nom dans des pays lointains.»**

«Deliras, Ungern, esta guerra está perdida. A única coisa que podemos fazer é pegar no que resta do ouro imperial e, sob um nome falso, fugir para bem longe.»

Existem entre os dois enunciados ligeiras variações que fazem contudo toda a diferença. Há sempre a omissão usual do sujeito em língua portuguesa que transmite uma certa economia do enunciado (“*tu*” / “*nous*” / “*c*”). A deslocação do complemento circunstancial “sob um nome falso” na língua de chegada obriga, de facto, a modificar também a pontuação inicial; enquadra esse complemento de duas vírgulas complementares a fim de destacá-lo do restante enunciado. Há também uma modificação de sentido; a equivalência não está completa: “*sous un autre nom*” foi traduzido “sob um nome falso”, deduzindo com antecedência que um nome diferente, outro seria automaticamente falso. O determinante indefinido “*autre*” transformou-se no adjetivo qualificativo “falso” cujo sentido é muito mais forte. O verbo “*disparaître*” (desaparecer) no texto de partida foi entendido como “fugir” (“*fuir*”) no texto de chegada, mais forte, visto implicar a noção subjacente de ameaça ou perigo real ou suposto; este risco não é tão perceptível no verbo “desaparecer”. Desaparecer ou fugir aonde? “*dans des pays lointains*” ou “para bem longe”. São duas expressões que exprimem a mesma realidade de forma completamente diferente: no texto de partida, sabemos que se tratam de “países longínquos”, quais exatamente? Não se sabe. Mas tem que sair do país atual para outro e que imperativamente se situa geograficamente muito longe. A expressão no texto de chegada não indica que tem que sair forçosamente do seu país para outro. Não é tão pormenorizada. O “bem longe” pode se situar no seu próprio país... Outra nuance tem a ver com a expressão anterior “*ce qui nous reste*” traduzida da forma seguinte, “no que resta”, deixando para

trás a noção crucial do “*nous*”, obviamente omitida no texto de chegada. No enunciado da língua de chegada, há elementos que se destacam, dando até a sua própria interpretação, outros que são omitidos. Podemos dizer que o texto de chegada tirou implícitos semânticos do material linguístico do enunciado de partida, interpretando dessa forma os pressupostos e traduzi-los para que a mensagem seja perceptível na sua globalidade.

Semenov ainda: **«Je vais essayer de t’aider, Ungern, mais je n’ai confiance ni dans les japonais ni dans les alliés. Je crois seulement en mes trains blindés.»**

«Vou tentar ajudar-te, Ungern, mas não confio nem nos japoneses nem nos aliados. Confio apenas nos meus comboios blindados.» (p. 70)

Tradução quase literal. Constata-se quase sempre algumas distinções entre as duas versões. Omissão globalizante do sujeito “*je*” (três vezes). Notamos a colocação no texto de partida: “*essayer*” + “*de*”, par indissociável exprimindo a tentativa, o esforço para concretizar uma ação; em português, o verbo “tentar” é transitivo. Houve uma mudança de categoria gramatical entre o substantivo feminino “*confiance*” e o verbo “confiar” mais direto do que a expressão “ter confiança”. As diferenciações mesmo assim são poucos.

Ungern a excluir: **«En avant!...À la recherche de nos folies et de nos gloires !»**

«Em frente !... Em busca das nossas loucuras e das nossas glórias!»

Tradução literal mesmo no que diz respeito à pontuação.

Acrescentando: **«Nous sommes très beaux, Sémenov... Très beaux!...»**

«Somos magníficos, Semenov... Magníficos...»

Já vimos no ponto a) a escolha das tradutoras para exprimir num único adjetivo com sentido mais forte a expressão francesa; o advérbio “*très*” marca o superlativo absoluto modificando desta forma o adjetivo qualificativo “*beaux*”; as personagens são notáveis pelas suas grandezas, a sua importância. Essas qualidades excepcionais encontram-se de facto no só adjetivo “magníficos”. O texto de chegada omitiu o ponto de exclamação colocado antes das reticências, fazendo com que a glorificação seja um pouco mais diminuída devido à entoação final baixar e não subir como no contexto francês.

Semenov a responder-lhe, confirmando a ideia: **«Très beaux et très fous...Allez, allez...L’armée vous coupera en morceaux et tu seras barré de la liste des personnels avec qui il faut partager l’or de Kolchak.»**

«Magníficos e loucos. Vão... Vão...O exército vermelho cortar-vos-á em bocados e tu serás riscado da lista das pessoas com quem teremos de dividir o ouro do Kolchak.» (p. 70)

Explicação das diferenças no ponto a).

A opinião da duquesa aconselha Jack a propósito do Semenov: **«Voilà le commandant Séménov, chef des cosaques du Baïkal...Général de la “division sauvage”... Attention Tippit, ne le provoquez pas.»**

«Eis o comandante Semenov, chefe dos cossacos do Baikal... General da “Divisão selvagem”...Cuidado, Tippit, não o provoque.»

Podemos afirmar que se trata de uma tradução literal. A única diferença diz respeito à pontuação; o texto de chegada enquadra o nome próprio Tippit com duas vírgulas, uma antes, uma depois modificando apenas o ritmo da frase, não o sentido.

A sua reputação persegue-lhe visto a resposta que Jack faz à duquesa: **«Au quartier général il jouit d’une solide réputation d’assassin.» (p. 71)**

«No quartel-general é conhecido pela sua reputação de assassino.» (p. 71)

A mudança de ponto de vista é nítida; a fala no texto de partida é afirmativa, no texto de chegada é passiva. Essa modulação implica a mudança evidente de verbo e de preposição: o verbo transitivo indireto *“jouir de”* foi substituído pela expressão passiva *“é conhecido pela”*. Dá a impressão de que a frase passiva perdeu em intensidade, em força. Nota-se ainda mais quando a versão portuguesa omite o adjetivo qualificativo vigoroso como *“solide”*. Há aí mais uma outra mudança de ponto de vista, este adjetivo foi substituído pelo simples pronome pessoal *“sua”*.

Quando a duquesa lhe disse pessoalmente que os chineses e os japoneses o adora, Semenov acrescenta: **«Ils ne m’aiment pas, ils m’utilisent, ma chère...ils m’utilisent tout simplement...[.]»**

«Não me adoram...Utilizam-me, minha cara...[.]» (p. 71)

A assimetria dos dois enunciados é claro ; não só ao nível da pontuação. O texto de chegada omite radicalmente a redundância da expressão *“ils m’utilisent”* acrescentado como um critério de apreciação composto de dois advérbios justapostos *“tout simplement”* realçando manifestamente a ideia inicial. Ou seja o enunciado foi encurtado no texto de chegada. A pontuação alterada prolonga um pouco o enunciado devido às reticências (colocadas em vez de uma vírgula). Houve também na língua de chegada uma graduação de sentido com a escolha do verbo *“adorar”* no lugar do verbo *“aimer”* (*“gostar”*) elevando a intensidade (negativa neste caso presente) do contexto.

O próprio Semenov apresenta a Marina, a duquesa, e a Corto Maltese e o Major Tippit o que os japoneses lhe deram, *“o destruidor”*: **«Avec mes trains blindés et avec le “destructeur”, je peux tenir loin de mon territoire toute l’armée bolchévique...Au moins pendant plusieurs années.»**

«Com os meus comboios blindados e o “destruidor”, posso manter o exército bolchevique longe do meu território...Pelo menos durante vários anos.» (p. 72)

Trata-se de uma tradução quase literal apesar das colocações em ordem diferente dos complementos. Houve na língua de chegada a elipse da segunda preposição *“avec”* (*“com”*), perfeitamente omissível sem modificar o sentido. Temos que indicar, mesmo sendo usual na língua

de chegada, a omissão do sujeito “je”, é uma diferença linguística recorrente. O complemento direto segue diretamente a estrutura verbal na língua de chegada (“o exercito bolchevique”); há no entanto uma ligeira variação semântica, visto que o adjetivo indefinido (“toute”) desapareceu em português, a noção de integralidade ou de totalidade sumiu do contexto. Podemos notar a diferença de género entre os substantivos francês “*années*”, feminino e português “ano”, masculino.

O território de ação e poder do Semenov é bem definido: **«[...] Il n’arrivera rien à ton matelot tant qu’il sera de ce côté de la frontière. En Mandchourie, c’est autre chose...Je ne pourrai pas le protéger là-bas.»**

«[...] Deste lado de fronteira, nada acontecerá ao teu marinheiro, mas na Manchúria, é outra coisa...Aí, não poderei protegê-lo.» (p. 73), disse ele à duquesa.

A estrutura dos enunciados não é idêntica. A mensagem foi traduzida na sua globalidade modificando alguns aspetos estruturais: a fala é constituída por três elementos frásicos na língua de partida, reduzida a dois na língua de chegada. A ordem de aparição desses elementos também não foi respeitada. A economia linguística da língua de chegada não interfere com a transmissão global da mensagem. Somos frente a dois enunciados equivalentes. A versão portuguesa acrescentou a noção de restrição com a conjunção “mas”. Esse elemento de transição permite juntar duas frases numa só.

No entanto, a duquesa não tem confiança nele: **«[...] Méfiez-vous de Séménov... Essayez de vous en éloigner discrètement [...]»**

«[...] Não confie no Semenov...Tente afastar-se discretamente.[...] (p. 73), disse ela a Corto Maltese.

A mudança de ponto de vista transmite-se através da escolha do verbo, no texto de partida esse implica uma frase afirmativa (“*se méfier*”) e no texto de chegada uma frase negativa (“não confiar”) mesmo se o verbo “desconfiar” existe em português mas de facto, a utilização deste verbo implicando uma frase afirmativa passa mal na língua de chegada; os dois verbos introduzem preposições diferentes: “*de*” / “*no*”. Na segunda frase, há uma ligeira variação: não foi transmitido na língua de chegada o que está subentendido com o pronome francês “*en*”, refere-se ainda à pessoa em questão, ou seja neste contexto preciso, ao Semenov; podia ter sido reproduzido da maneira seguinte: “tente afastar-se dele discretamente”. O verbo francês “*essayer*”, transitivo indireto, implica automaticamente a preposição “*de*” a seguir, não é o caso com o verbo português “tentar”, transitivo direto.

Efetivamente, confirma-se quando o Corto Maltese apercebe-se que está a ser perseguido pelo Spasseton: **«Le général Séménov m’a chargé de vous tuer dès que vous aurez franchi la frontière russo-mandchoue.»**

**«O general Semenov disse-me para o matar caso tentasse atravessar a fronteira russo-manchu...»
(p. 73)**

A grafia de nomes estrangeiros segue os fonemas de cada língua sendo por essa razão escritos de forma diferente. Esses dois enunciados não são semanticamente equivalentes; nota-se na escolha do vocabulário: em primeiro lugar, o verbo “*charger de*” tem um sentido muito mais forte do que o verbo “dizer”, implicitamente traduz a ideia de que foi imposta à pessoa em questão uma missão, uma responsabilidade; essa ideia não sobressaia no simples verbo “dizer”; os efeitos de missão não transparecem tão bem. Em segundo lugar, a expressão preposicional “*dès que*” gera uma certeza (“logo que” / “assim que”) que também não transparece na palavra escolhida no texto de chegada: “caso” indica uma possibilidade consoante o desenvolvimento dos acontecimentos, aquilo que acontece ou pode acontecer se... não quer dizer que vai se realizar. No enunciado de partida, o Spasseton só está à espera do momento em que o Corto Maltese vai efetivamente passar a fronteira, é um dado adquirido com antecedência. Mais tarde ou mais cedo, tem a certeza que o acontecimento vai se realizar! A receção semântica dos dois enunciados não é análoga.

São as “lanternas vermelhas” que avisam o Corto Maltese que **«Séménov est déjà prêt à attaquer le train de l’amiral. Il n’y a donc pas de temps à perdre...sinon cet or finira dans sa forteresse.»**

«Semenov prepara-se para atacar o comboio do almirante. Não há tempo a perder...ou esse ouro acabará na sua fortaleza.» (p. 75)

Enunciados já analisados no ponto a).

Um oficial russo chamado Nino exclama a Corto Maltese e a Xangai-li (que faz parte das “Lanternas vermelhas”): **«Séménov est le pire ennemi et le pire ami qu’on puisse avoir, c’est un fieffé assassin.»**

«Semenov é o pior inimigo e o pior amigo que se pode ter. É um assassino incorrigível.»

Uma única sentença no texto de partida redistribuída em duas no texto de chegada. Mudando a pontuação muda-se também o ritmo e a entoação do enunciado. No entanto, aparente-se a uma tradução literal. A única dificuldade refere-se ao adjetivo qualificativo “*fieffé*”. Significa que “tem um defeito ao mais alto nível”. O defeito é mesmo consumado, assumido como tal, não há nada para remediar a isso. Não é fácil de facto encontrar o seu equivalente em português. Um sinónimo: “*C’est un sacré assassin*”. O adjetivo “incorrigível” (“incapaz de emenda”) engloba bem o sentido apreendido pelo contexto francês. Só que a estrutura difere: é preciso a permutação do substantivo e do adjetivo para chegar ao mesmo resultado na língua de chegada.

Uma narrativa : **«Quelques jours après, un train court vers Tchita, c’est le train blindé du général Séménov, le chef de la “division sauvage”.»**

«Alguns dias depois, um comboio dirige-se para Chita, é o comboio blindado do general Semenov, chefe da “divisão selvagem”.»

Duas alterações mínimas: a primeira diz respeito ao primeiro verbo “*courir*” que dá uma noção de rapidez. O verbo “dirigir-se” não dá quaisquer precisões em termo de velocidade, só indica que o comboio se desloca nessa direção. O texto de chegada omite o simples artigo definido “*le*” na expressão “*le chef de la “division sauvage”*”. Torna o título mais direto, é só.

Encontramos novamente a personagem “em pessoa”: **«Commandant Sémenov, on nous communique que les américains contrôlent l’entrée de la voie ferrée de Tchita.» / «Les américains? Bizarre...Je croyais que c’était les japonais. De toute façon, ce qui nous intéresse, c’est le nœud ferroviaire de Karymskoïe. C’est là que nous attendrons le train de l’or impérial de l’amiral Kolchak.» «Assurez-vous que la ligne Karymkoïe-Mandchouli sera libre pour notre retour.»**

«Comandante Semenov, comunicam-nos que os americanos controlam a entrada da via-férrea de Chita.» / «Os americanos? É estranho...Pensava que eram os japoneses. De qualquer modo, o que nos interessa é o nó ferroviário de Karymskoïe. É aí que aguardaremos a chegada do comboio imperial do almirante Kolchak.», responde o Semenov. Continuando, **«Assegure-se de que a linha de Karymkoïe- Manchuli está livre para o nosso regresso.» (p. 80)**

Essas falas são cumpridas. No entanto, não apresentam muitas dificuldades sendo a tradução quase literal de facto. Posso esquecer-me de referir a omissão do sujeito na língua de chegada visto ser recorrente na análise comparativa entre essas duas línguas. Aqui, respetivamente, o “*on*”, “*je*”, “*c*”, “*nous*”. Esse traço pertinente é usual na língua portuguesa. É tão óbvio que se calhar precisamos admiti-lo como tal.

As ligeiras variações não têm repercussão em termo semântico. A língua de chegada acrescentou o verbo “*ser*” depois a interrogação que gera a surpresa: “*É estranho...*”. Mais uma expansão, significativa: o simples verbo “*attendre*” (“*nous attendrons le train*”) foi expandido com o substantivo “a chegada de” (“*aguardaremos a chegada do comboio*”). Essa precisão não tem razão de ser em francês, parece evidente que se trata da chegada do comboio. Omitiu a passagem “*de l’or*”, a expressão menos extensa é mais direta: “do comboio imperial do almirante Kolchak”. O leitor já sabe que esse comboio transporta o ouro imperial. Essa informação pode ser omissa visto ser já assimilada. Enquanto a língua de partida utiliza o futuro do indicativo “*sera libre*”, a língua de chegada utiliza o presente do indicativo “*está livre*”; as diferenciações entre os tempos verbais não são incomodativas, um enunciado no presente pode também evocar o futuro com os conhecimentos contextuais ou situacionais. Ou seja, o enunciado está ligado ao presente, mas o seu processo diferido no futuro. Mais um pormenor: o possessivo em português precisa do artigo definido anteriormente “o nosso” (“*notre retour*”/ “*o* nosso regresso”); diz diretamente respeito à construção da língua de cada uma, distinta obviamente.

«Prévenez le commandant Sémenov que le train de l’amiral Kolchak se trouve sur l’autre voie.»

«Avisem o comandante Semenov de que o comboio do almirante Kolchak se encontra na outra linha.» (p. 82)

Vamos sustentar a tradução literal mesmo se a língua portuguesa acrescenta a preposição “de” antes do “que”

«Préparez les canons et attendez les ordres de Séménov.»

«Preparem os canhões e aguardem as ordens de Semenov.» (p. 83)

De igual forma, tradução literal.

«Ce Séménov est un maudit assassin.» / «Aquele Semenov é um maldito assassino.» (p. 85), volta a dizer Corto Maltese.

Ainda, tradução literal. Nos enunciados mais curtos, é mais fácil respeitar a tradução à letra.

«Malédiction! Ce brigand de Séménov veut s’enfuir tout seul! Cours, Raspoutine!

«Maldição! O bandido do Semenov quer fugir sozinho...Corre, Raspoutine!» (p. 87)

“*S’enfuir*” é um verbo pronominal; “fugir” não. Podemos fazer esta observação: existe também em francês o verbo “*fuir*”, este sendo como em português intransitivo. A diferenciação entre os dois verbos é mínima : enquanto “fugir” significa “afastar-se precipitadamente para evitar um perigo ou uma ameaça”, o verbo “*s’enfuir*” (que não encontra o seu equivalente na língua portuguesa) introduz a noção de que esta ação é feita voluntariamente e inculque também a noção de rapidez na ação propriamente dita. O adjetivo “*seul*” é reforçado através do indefinido “*tout*”, omitido na língua de chegada. É claro que o enunciado português não é tão potente como o enunciado francês. A pontuação vem reforçada esta noção. O enunciado francês tem três pontos de exclamação. Um deste ponto foi substituído por reticências na língua de chegada, alterando o ritmo; a noção de surpresa não é tão expressiva na língua de chegada.

O capitão Nino, oficial russo, membro das “lanternas vermelhas”, quando o próprio Semenov o felicita pelo seu bom trabalho, responde-lhe francamente: **«Commandant Séménov, je vais vous tuer! Sachez que je ne le fais pas pour m’approprier l’or impérial...» «...mais pour éliminer un assassin indigne d’appartenir à l’armée tsariste»**

«Comandante Semenov, vou matá-lo! Quero que saiba que não o faço para me apoderar do ouro imperial...» «...mas para eliminar um assassino, indigno de pertencer ao exército czarista.» (p. 87)

A omissão do sujeito em português (“*je*”) não altera em nada o sentido geral. O procedimento da modulação e o da expansão observados através da mudança do verbo “*savoir*” / “saber”: o imperativo “*sachez*” transformado na expressão «Quero + que + conjuntivo do verbo “saber”» (“quero que saiba”) faz com que o enunciado português manifeste mais autoridade do que o enunciado francês; o verbo pronominal “*s’approprier*” / “apoderar-se” funciona de forma diferente:

é direto em francês, indireto em português, implicando a preposição “de” logo a seguir (“do”, contração da preposição “de” e do artigo definido “o”). A última parte desta fala é uma tradução literal mas a língua de chegada alterou a pontuação, acrescentando uma vírgula após o substantivo “assassino”. Essa pausa realça o adjetivo qualificativo “indigno” dando um reforço maior à indignação sentida. Houve só uma mudança de género entre os substantivos “*armée*”, feminino e “exército”, masculino.

«Commandant Sémenov, vous êtes blessé ?» «Ce n’est rien [..]»/«Comandante Semenov está ferido?» «Não é nada ..]» (p.88)

O facto de eliminar de forma usual os sujeitos em português faz que, neste caso preciso, muda o ponto de vista: a língua de partida insiste sobre a pessoa, a expressão nominativa “*Commandant Sémenov*” é seguida de uma vírgula porque a seguir a pergunta é-lhe dirigida diretamente, utilizando o pronome pessoal sujeito “*vous*” (“você”). A fórmula na língua de chegada é indireta, utilizando o nome da pessoa como sujeito. Observamos no segundo elemento desta fala a omissão do sujeito “*ce*”, representativa da língua de chegada.

«Sémenov s’est enfui !» / «Semenov fugiu!» (p. 89), anuncia Xangai-Li.

Tradução literal se não fosse simplesmente a diferença dos verbos: “*S’enfuir*” é um verbo pronominal, “*fugir*” não é.

«Nous allons l’abattre quand ces deux soldats sont entrés et ont voulu nous tuer, Sémenov y compris... Regarde...»

«Íamos matá-lo quando estes dois soldados entraram e tentaram matar-nos a todos, incluindo o Semenov... Olha...», explica ainda Xangai-Li.

Primeira observação à qual já estamos conformados, é a omissão do sujeito “*nous*” na língua de chegada. Ao ler os dois enunciados, é claro que varia entre as duas línguas a colocação dos pronomes complementos “*l*”, “-lo” / “*nous*”, “-nos”, alterado a ordem dos elementos frásicos mas não o seu sentido. Cada língua tem o seu sistema de articulação diferente. Em termo semântico, podemos dizer que o verbo “*abattre*” é mais forte do que o seu sinonimo “matar”, implica já o facto de querer matar voluntariamente uma pessoa com arma de fogo, essa ideia não transparece unicamente com o verbo “*tuer*”. Existe outra diferença semântica entre os dois verbos “*vouloir*” (querer) e “tentar” (“*essayer*”). A vontade de matar, a execução do crime subentendidas na palavra “*vouloir*” é mais forte do que a tentativa. Será que a tentativa produziu o resultado esperado? Ou seja, matar? Não se sabe. A língua de chegada acrescentou a expressão “a todos” no seu enunciado, ausente na língua de partida. Essa expansão reforça a ideia que vem mesmo a seguir, a ideia de matar toda a gente sem qualquer exceção, introduzida pela preposição/ gerúndio “incluindo”. O Semenov, uma pessoa demasiado importante, um general cuja reputação e importância inculque-lhe poder, faz parte deste grupo, deste “todo” a matar. “*Y compris*” (composto de *y* (advérbio de lugar) e de *compris* (« incluído »), literalmente « *inclus là-dedans* ») tem o mesmo significado do que a expressão “*en y incluant*” (“incluindo”). Houve no entanto um

“*chassé-croisé*” nestes últimos elementos da frase consoante a língua de partida ou de chegada quis realçar a pessoa em questão. Concluir com o nome desta pessoa dá-lhe mais relevância.

c) **O camarada Suke Bator**, chefe das tropas revolucionárias na Mongólia autónoma.

O nome dessa personagem só aparece no final da aventura. É o barão Ungern-Sternberg que fala dele ao Corto Maltese: «**La “division de cavalerie asiatique” que je commande marchera à la conquête d’Ourga en Mongolie. De là nous repartirons combattre des bolchéviques qui mettent leur nez dans la politique mongole aidés par deux subversifs mongols : Tchoïbalsan et Soukhé Bator...**» «Eh oui... je connais Soukhé Bator. C’est un jeune officier d’artillerie instruit par des officiers russes de l’école impériale. Un homme intéressant et capable. Dommage qu’il ait choisi le bolchévisme... Vous ne m’avez pas répondu...».

«**A “divisão de cavalaria asiática”, que comando, partirá à conquista de Urga, na Mongólia. E daí iremos combater os bolcheviques que andam a meter o nariz na política mongol, coadjuvados por dois mongóis subversivos: Tchoïbalsan e Suke Bator...**» «**Conheço Suke Butor. É um jovem oficial de artilharia instruído por oficiais russos da escola imperial. É um homem interessante e capaz, só é pena que tenha escolhido o bolchevismo... mas... não me respondeu...**». (p. 106)

Relembramos a ideia de que os nomes próprios estrangeiros estão escritos de forma diferente respeitante a fonética de cada língua. Esses dois enunciados, cumpridos, não são meramente idênticos. As tradutoras foram levadas a efetuar escolhas conforme as suas necessidades comunicativas, é claro mas a receção do leitor será ligeiramente diferente consoante ler o enunciado em francês ou em português. A primeira frase introduz logo divergências fundamentais com a pontuação. A dinâmica é totalmente modificada: a frase francesa não tem nenhum sinal de pontuação a não ser o ponto final enquanto a língua portuguesa acrescentou três vírgulas dividindo o enunciado em quatro partes distintas. Notamos ainda a inserção de uma vírgula complementar na segunda frase do enunciado português, após o adjetivo “mongol”. Essa dinâmica também volta a ser alterada no fim do enunciado; desta vez, é a língua portuguesa que estende o ritmo ligando os últimos elementos entre eles enquanto a língua de partida dividiu o seu enunciado com várias frases. Um dos pontos foi substituído por uma vírgula, após o substantivo “capaz”; para chegar a uma equivalência semântica, acrescentou após este sinal de pontuação o advérbio “só”. Para ligar o ultimo segmento, acrescentou outra conjunção “mas” seguido de reticências. Essas expansões através dessas palavras invariáveis permitem de facto especificar o sentido, realçando a exclusão (“só”) ou a oposição (“mas”).

No plano significativo, algumas palavras ou expressões numa e noutra língua são portadoras de sentido diferente. Vamos dividir a análise devido à dimensão da tarefa:

- “*marcher à la conquête*” / “partir à conquista” : a ideia principal é de “conquistar” em ambos os enunciados mas os dois verbos que exprimem essa realidade são diferentes; e de facto, não “se anda” à conquista na língua portuguesa. Esse verbo francês “*marcher*” (“andar”) implica a deslocação lenta ou demorada do exército para atingir o seu objetivo.

São muitos soldados e materiais a deslocar... Requer tempo e paciência. Observamos na língua de chegada a omissão do artigo definido “*la*”, usual.

- “*De là nous repartirons combattre*” / “E daí iremos combater”: omissão formal do sujeito “*nous*” na língua de chegada. Ambas as partes têm a noção do futuro. No entanto, o prefixo “*re-*” colocado antes do verbo francês “*partir*” exprime a repetição, o recomeço da ação “*combattre*” que entretanto tinha sido interrompida. Essa ideia de interrupção/recomeço não está claramente identificada no enunciado de chegada que usa simplesmente o verbo “*ir*” no futuro; a divergência é fundamental, o valor da mensagem não é idêntico. Podemos entrever o esforço de tentar transmitir essa ideia através da conjunção de coordenação “*e*” acrescentada no início da frase na língua portuguesa. Esses elementos adicionais, essa conjunção “*e*” e o prefixo “*re-*”, não realçam todavia a mesma realidade.
- “*qui mettent leur nez*” / “que andam a meter o nariz”: houve claramente uma modulação com a mudança de ponto de vista entre as duas expressões verbais; o primeiro verbo (“*mettent*”) é conjugado no presente do indicativo enquanto o segundo está no infinitivo (“*meter*”) visto seguir a preposição “*a*” após o verbo principal “*andam*” ser conjugado no presente. As expressões idiomáticas, apesar de ser completamente equivalentes, não são estruturadas da mesma forma nas duas línguas: “*mettre son nez dans...*”, “*mettre son nez partout*” / “*meter o nariz em*” / “*meter o nariz onde não é chamado*”... a língua francesa utiliza o adjetivo possessivo enquanto a língua portuguesa utiliza simplesmente o artigo definido “*o*”.
- “*aidés par deux subversifs mongols*” / “coadjuvados por dois mongóis subversivos” : tradução quase literal, poderíamos dizer. Só que os dois verbos “*aider*” / “coadjuvar” (que vem do latim *coadjuvo*, -are, socorrer, proteger) (“*donner un coup de main*”) diferem um do outro. “*Aider*” poderia ter sido traduzido com o seu mera equivalente “*ajudar*”; o verbo escolhido na língua de chegada é muito mais forte que o verbo do enunciado de partida. Além disso, os dois adjetivos epítetos “*subversifs*” / “subversivos” foram invertidos nos enunciados; essa alteração da ordem nos elementos frásicos determina o valor a dar à mensagem; a posição final deste adjetivo na frase dá nitidamente mais força à caracterização das personagens em questão, personagens revolucionárias que querem perturbar a ordem social e política, cujas ideias ameaçam a tal ordem.
- “*Eh oui... je connais Soukhé Bator.* ” / “Conheço Suke Butor. ” : A interjeição “*Eh oui*” seguida de reticências foi simplesmente eliminado do enunciado de chegada. No entanto, além de evocar a emoção ou o sentido de espírito da pessoa que está a falar, realça a informação que vem a seguir., ou seja a afirmação/ confirmação de conhecer tal pessoa.
- “*Un homme intéressant et capable.* ” / “É um homem interessante e capaz,”: numa frase nominal o verbo é sem dúvida subentendido; no entanto, a língua de chegada preferiu acrescentá-lo no seu enunciado, isto porque alterou a estrutura geral ligando entre si frases que eram separadas no enunciado de partida.

Reencontramos a personagem de Suke Butor a noroeste, na fronteira mongolo-manchu. A Xangai-Li disse aos soldados: «**Camarade caporal, je suis une amie personnelle du camarade Soukhé Bator.**»
«**[..] Où se trouve Soukhé Bator?**»

«**Camarada cabo, sou amiga pessoal do camarada Suke Butor.**» (p. 111) «**[..] Onde está Suke Bator?**» (p. 112)

Tradução quase literal, a contar com a elipse do sujeito ou do artigo indefinido “*une*” no complemento direto, usual em português. Sabemos que a estrutura do sistema linguístico é específico a cada uma das línguas. Essa última elipse é no entanto modificador de sentido: “uma amiga” não é a mesma coisa do que “(a) amiga”. Escolher um artigo definido ou um artigo indefinido implica uma análise diferente da situação em si. Sabemos também que cada língua tem os seus sons, o que explique a diferença ortográfica dos nomes estrangeiros. A única variação diz respeito à pergunta em si, à escolha do verbo “*se trouver*” (encontrar-se, indicar o lugar onde se encontra a pessoa procurada) no enunciado de chegada; o verbo pronominal francês foi substituído pelo verbo “estar” (“*être*”), um pouco mais fraco sendo mais generalista.

«[.] Moi, je suis Bogdo, le plus jeune frère de Soukhé Butor !»

«[.] Sou Bogdo, o irmão mais novo de Suke Butor!» (p. 112)

O texto de partida realça manifestamente a pessoa com a utilização do pronome pessoal da primeira pessoa “*moi*” colocado logo no início da frase, essa parte foi omitida na língua de chegada. O superlativo não se coloca no mesmo lugar consoante estar numa ou noutra língua, antes do substantivo “*frère*” em francês, após o substantivo “irmão” em português, lembrando que cada língua tem uma estrutura distinta.

«Voici Bolkan, le quartier général de Soukhé Butor. C’est d’ici que partent les patriotes mongols contre les oppresseurs étrangers et impérialistes.»

«Eis Bolkan, o quartel-general de Suke Butor, é daqui que os patriotas mongóis partem para fazer face aos estrangeiros e imperialistas.» (p. 112)

Duas frases no texto de partida substituídas numa só no texto de chegada, isso ocasiona de qualquer forma alterações estruturais e rítmicas; de facto, o ponto final foi substituído por uma vírgula, alongando consideravelmente essa fala. Isso leva-nos a precisar que a pontuação desempenha na comunicação um papel não negligenciável. As principais alterações dizem respeito à segunda parte do enunciado: o sujeito (“*les patriotes mongols*” / “os patriotas mongóis”) e o verbo (partir) foram invertidos mas não tem consequências no plano semântico. Houve simultaneamente uma omissão e uma expansão na língua de chegada; por um lado, essa achou necessário acrescentar a ideia de “fazer face a...” dando realce ao facto de enfrentar uma situação perigosa e aceitar os riscos. A expressão portuguesa é muito mais elucidativa do que a simples preposição francesa “*contre*”. Por outro lado, essa expansão opõe-se à omissão da ideia importante sugerida na palavra “*opresseurs*” / “opressores”; os estrangeiros e os imperialistas são aqueles que oprimem; é preciso combatê-los, “fazer face a eles”; essa ideia bastante forte expressa no enunciado francês não tem o seu equivalente no enunciado português. As tradutoras excluíram voluntariamente determinadas aspetos da realidade “*contre les oppresseurs*”, deram ênfase a outros aspetos “para fazer face aos...”; essas escolhas só se podem identificar através da comparação dos enunciados de cada uma das línguas.

- d) **O general Chang**, poderoso Senhor de guerra de Manchúria, membro da seita chamada “Dragões negros”; é diretamente inspirado de Tchang Tso-lin.

O nome do general aparece na boca de uma personagem pouco antes da sua própria aparição, como sinal anunciador de sua presença, quando Corto Maltese é feito prisioneiro após o junco arder. Já se encontra na China:

«Moins de bavardages, sale blanc... ici, tu es en territoire chinois et non pas dans une légation en zone internationale... viens, nous te présenterons au général Tchang.»

«Cala-te, branco sujo... estás em território chinês e não numa legação em zona internacional... vem, vou levar-te ao general Chang.» (p. 54), disse-lhe o soldado armado.

Esses enunciados são longe de ser similares e as divergências fundamentais nem são da pontuação que foi de uma forma geral respeitada. Foi necessário modificar alguns elementos a fim de melhor destacar certas noções e eliminar outras na língua de chegada.

“*Moins de bavardages*” (“menos conversas”) / “Cala-te”: a expressão nominal em francês foi substituída pelo uso do verbo “calar-se” no imperativo em português, muito mais expressiva em termo de intensidade. O modo imperativo afirmativo reforça mais a proibição de falar, a ordem dada pelo soldado. É muito mais enérgico, violento. Não temos essas noções no enunciado de partida.

“*sale blanc*” / “branco sujo”: houve um “*chassé-croisé*” entre o substantivo e o adjetivo qualificativo. A cor diz respeito à raça branca como distinção a outra raça (“os amarelos”, “os pretos,” “os vermelhos”). A expressão pejorativa francesa revela ser um insulto racista, degradante e muito ofensivo. O decalque da expressão (o facto do adjetivo e do substantivo serem invertidos em português diz respeito ao funcionamento mesma da língua em questão) não permite ao leitor de chegar à mesma realidade expressa no texto de partida. A expressão “branco sujo” não reflete a mesma intensidade expressa no contexto francês. A noção conexas à sujidade (“sujo”), tal como no contexto de partida, no sentido de exprimir a ofensa, o desprezo, podia ter sido desenvolvida através do adjetivo “nojento” (“branco nojento”) ou do complemento do nome “de merda” (“branco de merda”) para chegar a enunciados equivalentes.

“*ici, tu es*” / “estás”: o texto de chegada procedeu à eliminação do advérbio de lugar “*ici*” realçando o lugar preciso onde se encontram as personagens, contraste com outros lugares até mencionados no próprio enunciado.

Na última parte desta fala, a modulação faz-se através da mudança da pessoa: enquanto o texto de partida utiliza a primeira pessoa do plural (“*nous*”) englobando todos os soldados, o texto de chegada utiliza a primeira pessoa do singular (“eu” subentendido) englobando unicamente o soldado que está a falar no momento. Evidentemente seguem-se as concordâncias adequadas feitas consoante o sujeito em questão no restante do enunciado.

Segue-se imediatamente a conversa entre este soldado e o próprio general:

«Mon général... une patrouille a capturé un marin blanc. Nous le fusillons ?»

«Meu general... uma patrulha capturou um marinheiro branco. Fuzilamo-lo?» (p. 54)

Tradução literal. Só a posição do artigo definido complemento difere mas diz respeito à ordem estrutural de cada língua.

E o general de lhe responder:

«Il me semble qu'il ne convient pas de fusiller des blancs en ce moment...»

«Parece-me pouco prudente fuzilar brancos nesta altura...» (p. 54)

Enunciados equivalentes; a mensagem foi traduzida na sua globalidade alterando alguns segmentos para encontrar na língua de chegada exatamente a mesma situação do que aquela do enunciado de partida. A expressão impessoal foi respeitada, já sabemos que a língua portuguesa faz a omissão do sujeito (“*il*”). O segundo elemento frásico não possui a mesma estrutura: a expressão verbal “*qu’il ne convient pas de*” foi substituída pelo pronome indefinido “pouco” + adjetivo “prudente”; o pronome indefinido permite exprimir a ideia de negação contida no enunciado de partida; a língua portuguesa tira em geral automaticamente o artigo definido que começa um complemento direto. Houve além disso uma escolha diferente pela palavra masculina “*moment*” (“(neste) momento”) que existe na língua portuguesa para uma palavra sinonima mas mudando o género, feminina “altura”. Se calhar a noção do tempo presente, o “agora”, não fica tão bem representada com a escolha deste substantivo feminino que realça mais a noção de circunstancia, a situação em si.

O general Chang para sondar as circunstâncias escondidas à aparição do Corto no seu território medita a voz alta, dirigindo-se mesmo assim a Corto:

«Ah! ... Alors pour quelque chose. Peut-être... qui sait... pour un train russe chargé d’or ?»

«Ah... Então, porque terá sido?... Talvez por causa de um comboio russo carregado de ouro?» (p. 55)

Os dois enunciados equivalentes no plano semântico não refletem a mesma estrutura. Em primeiro lugar a alteração da pontuação tem importantes consequências que é preciso não perder de vista; cada sinal corresponde a nuances modais que produz efeitos diferentes no contexto. A omissão do primeiro ponto de exclamação na língua de chegada reduz o efeito de surpresa, bem presente na língua de partida. A afirmação do segundo elemento desta fala transformou-se numa pergunta, traduzindo só a este ponto a noção de surpresa que tinha sido revelada com o ponto de exclamação anterior na língua de partida. Surpresa que se prolonga com as reticências, inexistentes na língua de partida, pelo menos não a esse lugar preciso da fala. As reticências seguem o advérbio “*peut-être*” que marca a probabilidade ou a eventualidade da proposta que vai ser enunciada a seguir. Essa

sugestão está realçada com a expressão “*qui sait*”, esta também seguida de reticências, marcando o suspense, a incerteza do que vai ser enunciado depois, requerendo uma confirmação do interlocutor. É neste sentido que aparece o ponto de interrogação final. A língua de chegada tirou essas marcas no seu texto, fazendo com que a pergunta seja mais cumprida e dita de um só traço. Ao tirar as pausas, faz com que as noções de probabilidade, de incerteza, de suspense subjacentes no enunciado de partida não sejam tão evidentes no enunciado de chegada. É para tentar reproduzir este efeito que a língua de chegada acrescentou a pergunta (inexistente na língua de partida), “porque terá sido?”, constituído o segundo elemento da fala.

Num tom ameaçador, o general Chang continua o seu raciocínio, exprimindo-se sempre em direção a Corto Maltese:

«Ah! ... C’est bizarre... Depuis quelque temps, une quantité d’individus meurent sans comprendre certaines choses... Incroyable !»

«Ah... É estranho. De há uns tempos para cá, há uma série de indivíduos que morrem sem compreender certas coisas...» (p. 56)

A ausência do ponto de exclamação após a interjeição “Ah” e a ausência das reticências após o adjetivo “estranho” (“*bizarre*”) na língua de chegada modificam potencialmente o efeito requerido no enunciado de partida. A simplicidade da expressão temporal em francês não se reflete na expressão temporal portuguesa, muito mais elaborada; foi necessário encontrar uma expressão equivalente apropriada na língua de chegada através da expansão. A ausência da exclamação final expressa através do adjetivo qualificativo “*incroyable!*” foi modulada através da ênfase da frase anterior com a estrutura “há [...] que” realçando o facto que muitos indivíduos morrem... São dois enunciados manifestamente estruturados de forma diferente mas no plano semântico, equivalentes.

E quando o empregado chamado “uma orelha”, surpreendido pela atitude pouco usual do general que costuma ser impiedoso, este último responde-lhe estrategicamente:

«C’est bien simple. Il me donnera ce que mille tortures ne pourraient m’apporter, car libre, Corto Maltese me conduira au train d’or russe!...»

«É muito simples! Livre, Corto Maltese proporcionar-me-á aquilo que mil torturas nunca conseguiram: conduzir-me-á ao comboio do ouro russo!»

A língua de chegada modificou mais uma vez a pontuação da primeira frase, substituído o ponto final num ponto de exclamação, dando desta forma mais impacto ao enunciado, carregando com mais força a simplicidade em questão, simplicidade que precisa no entanto de pormenores complementares. Estes chegam logo a seguir com a segunda frase da fala. A ordem dos elementos não foi nada respeitada na língua de chegada, alterando não a mensagem em si mas os elementos destacados nesta fala. Cada língua destaca elementos que lhe parece mais importante segundo a sua posição no enunciado: o nome de Corto Maltese, o adjetivo “livre” inseridos logo na primeira

parte do enunciado na língua de chegada evitam a conjunção de coordenação “*car*” que indica a ideia de causa entre as duas partes da frase; no enunciado de chegada, os dois pontos manifestam perfeitamente essa ideia. Observamos algumas variações em termo de vocabulário: existe diferenciação entre o verbo “*donner*” (cujo equivalente direto em português é “dar”) e o verbo “proporcionar” (“*favoriser*” / “*offrir*”); de igual forma, entre o verbo “*apporter*” (“fornecer”) e o verbo “conseguir” (“*arriver*”).

Jack a Corto Maltese:

«Descendre maintenant en Mandchourie signifie, dans le meilleur des cas, finir devant un peloton d’exécution du seigneur de la guerre, Tchang Tso-lin, ou bien...»

«Descer agora na Manchúria, significa, na melhor das hipóteses, acabar frente a um pelotão de execução do senhor da guerra, Chang Tso-Lin, ou então...» (p. 68)

A ordem dos elementos foi inteiramente respeitado levando a pensar que se trata de uma tradução literal. No entanto, o verbo “significar” é manifestamente destacado no enunciado de chegada visto ter sido circundado por vírgulas. Foi encontrada a equivalência na língua de chegada da expressão idiomática “*dans le meilleur des cas*”. “*De la meilleure façon*” / “*dans les conditions les meilleures*” são expressões sinonimas, o género dos substantivos vai mudando, ou masculino, ou feminino, ou consoante a expressão em consideração. Isso pode explicar a mudança de género entre os dois enunciados: o substantivo masculino “*cas*” sendo trocado pelo substantivo feminino “hipóteses” (“na melhor das hipóteses”, “no máximo”, “se tanto”), os dois conservando mesmo assim a ideia do número (plural). O restante do enunciado foi traduzido à letra; a ligeira variação diz respeito à estrutura da língua em questão: “de + a” em português formam a preposição contraída “da” enquanto o francês utiliza a preposição + o artigo definido separado (“*de la*”).

Corto acabando a frase:

«...torturé et massacré par des bandits mandchous...»

«...ser torturado e massacrado pelos bandidos manchus...» (p. 68)

Já vimos que a diferenciação ortográfica segue a fonética de cada língua, o que explica que as palavras estrangeiras sejam escritas de forma diferente. A única diferença aqui é que a língua de chegada acrescentou o verbo “ser” no início, realçando desta maneira a forma passiva, é só.

Numa conversa com o Semenov, Ungern menciona Chang Tso-lin, pois precisa do seu apoio: **«Je suis venu vous dire au revoir Sémenov... Je pars pour Daouria... Je vous organiserai l’attaque contre nos ennemis de la Mongolie, mais j’ai besoin de l’appui des japonais et de Tchang Tso-Lin, le chef de la Mandchourie.»**

«Vim despedir-me, Semenov... Parto para Dauria... para organizar o ataque contra os nossos inimigos da Mongólia, mas necessito do apoio dos japoneses e de Chang Tso-Lin, o chefe da Manchúria.» (p. 69)

Explicação no ponto b).

Para o Corto Maltese : **«Les lanternes rouges te préviennent que le général Tchang a envoyé des agents pour profiter de ton travail...[..]»**

«As “lanternas vermelhas” avisam-te de que o general Chang enviou agentes para se aproveitaram do teu trabalho...[..]» (p. 76)

Podemos concluir a uma tradução literal. A expressão “lanternas vermelhas” é destacada na língua de chegada com aspas curvas, precisamente porque é um nome próprio. O pronome pessoal “te” (complemento direto aqui) não ocupa a mesma posição na frase devido à estrutura de cada uma das línguas: antes do verbo em francês, depois do verbo em português. Omissão do artigo definido começando um complemento direto em português, usual. O verbo “*profiter*” é transitivo indireto em francês enquanto o verbo “aproveitar-se” é pronominal. O nosso estudo é baseado na observação dos factos; as variantes aqui apreendidas têm a ver com a construção de cada língua; em tradução, não podemos esperar que a articulação dos elementos entre eles sejam totalmente idênticos de uma língua para outra.

De facto, os tais agentes entre eles: **«Il faut prévenir le général Tchang que le marin est à Mandchouli.»**

«Temos que avisar o general Chang de que o marinheiro está em Manchuli.» (p. 77)

A expressão impessoal francesa “*il faut*” (“é preciso”) foi substituída pelo verbo “ter” conjugado na primeira pessoa do plural e pela preposição “que” logo a seguir, afirmando desta maneira a obrigação, a necessidade de realizar a ação transmitida no verbo no infinitivo, neste caso “*prévenir*” / “avisar” a pessoa citada. Observamos a diferença de estrutura das línguas: Mandchouli / manchuli sendo o nome duma cidade, a preposição adequada que precede o nome próprio em francês é “à” enquanto o português usa a preposição “em”, perfeitamente correto.

«Pas de la triade, le dragon noir est une secte dont fait partie le seigneur de la guerre, général Tchang !»

«Da “tríade”, não. O “dragão negro” é uma seita da qual faz parte o senhor da guerra, o general Chang!» (p. 89), retifica Corto Maltese ao capitão Nino.

A língua portuguesa realça os nomes próprios circundando-os de aspas curvas, o que não acontece no enunciado francês. Destaca desta forma palavras ou expressões cuja realidade é pouco comum (ou distante) porque estrangeira. Houve uma permutação de posição da negação: “*pas*” aparece logo no início da frase em francês, “não” no fim da frase em português. A negação é ainda mais marcante em português devido à escolha do ponto final logo a seguir. O enunciado português é constituído por duas sentenças contra só uma no enunciado francês. No entanto, podemos quase seguir a tradução à letra no restante do enunciado mesma se algumas partes estão construídas de forma diferente consoante a estrutura de cada língua; a conjunção de coordenação “*dont*” encontra o seu equivalente a partir da preposição contraída “da” que precede o pronome relativo

“qual”. Além disso, o texto de chegada acrescentou o artigo definido “o” que precede o substantivo “general” para determiná-lo de modo preciso; isso não acontece no enunciado de partida.

O leitor volta a ver o General Chang a receber uma mensagem: **«Général Tchang, un message de nos services secrets à Péquin.» «Ils nous annoncent que nos deux agents à Mandchouli ont été éliminés sur le train du général Sémenov et que le chargement d’or de l’amiral Kolchak a coulé dans le lac des trois frontières.»**

«General Chang, chegou uma mensagem dos nossos serviços secretos em Pequim.» «Informam-nos de que os nossos dois agentes em Manchuli foram eliminados no comboio do general Semenov e que o carregamento de ouro do almirante Kolchak se afundou no lago das três fronteiras.» (p. 110)

Na primeira parte do enunciado, o texto de chegada acrescentou o verbo “chegar”. Essa expansão permite uma formulação mais autêntica do que a tradução literal mesmo se no texto de partida, essa ideia é manifestamente subentendida. O substantivo “*message*” muda de género ao passar na língua portuguesa (masculino verso feminino). A preposição que precede o nome de uma cidade difere consoante as línguas: “à” em francês, “em” em português. A tradução foi realizada à letra, as alterações dizendo respeito à estrutura de cada língua. Por exemplo, já vimos a mudança de género do vocabulário; além disso, o verbo “*couler*” é transitivo em francês, o verbo “afundar-se” é pronominal em português; essas modificações respeitam as estruturas próprias de cada uma das línguas. Em tradução, não podemos atribuir à língua estrangeira traços da própria língua; é impossível as duas línguas responderem sempre de forma idêntica. Em tradução, devemos sempre esperar encontrar distinções formalmente expressas entre as duas línguas, fazendo com que cada uma das línguas tenha o seu próprio sistema linguístico com as suas próprias regras de construção.

No quartel-general de Suke Bator, um cavaleiro chega avisando: **«Le train du général Tchang entre dans la vallée.» «O comboio do general Chang entrou no vale.» (p. 112)**

Há manifestamente uma mudança de ponto de vista (procedimento da modulação) com a escolha do tempo verbal, diferente em cada um dos enunciados: o presente do indicativo no texto de partida, o pretérito perfeito do indicativo no texto de chegada; o valor entre os dois difere, obviamente. O pretérito perfeito indica um acontecimento que ocorreu e ficou concluído num determinado momento do passado enquanto o presente prolonga o acontecimento ainda no tempo... Houve à passagem de uma língua para outra, a mudança de género dos substantivos equivalentes: “*vallée*” feminino e “*vale*” masculino, obrigando a proceder às concordâncias necessárias em cada enunciado.

«Le seigneur de la guerre n’était jamais arrivé jusqu’ici. Nous devons l’arrêter.»

«O senhor da guerra nunca veio até tão longe... Temos de detê-lo...», responde Suke Butor. (p. 112)

Como anteriormente, o procedimento da modulação é reiterado, escolhendo para o enunciado de chegada um tempo verbal diferente: enquanto o texto de partida utiliza o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo (“*n’était jamais arrivé jusqu’ici*” – tradução à letra: “Nunca tinha chegado até aqui”), o texto de chegada utiliza a forma simples do pretérito perfeito (“veio”); a modulação também provem da mudança de vocabulário: “*arriver*” (“chegar”) transformou-se no verbo “*vir*” (“*venir*”), obrigando a transformações ainda mais conceptuais; por trás dos verbos em questão, cada língua dá especial relevo ao pensamento associado que se segue: “*jusqu’ici*” (tradução literal: “até aqui”) / “até tão longe” (tradução literal: “*aussi loin*”); as estruturas começam da mesma forma, ou seja com a preposição “*jusqu’*” / “até” indicando uma limite espacial mas esse dado corresponde a uma realidade percebida e transmitida de maneira completamente diferente consoante a escolha do verbo anterior: “*arriver*” / “*vir*” provocando a alteração da noção de movimento ou de deslocação [“*arriver jusqu’ici*” cujo ponto de referencia diz respeito ao lugar final do movimento, tipo “terminal” / “*vir até tão longe*” cujo ponto de referencia diz respeito ao lugar inicial do movimento].

A segunda parte desta fala, mesmo ao constatar a ausência do sujeito “*nous*” no enunciado português e a posição diferente do pronome pessoal complemento na frase (antes ou depois do verbo), é equivalente no plano semântico.

Entretanto, uma opinião de um soldado ao serviço do general Chang chamado Dutcha: **«J’ai fait l’académie et l’école impériale russe pour en arriver à être l’instructeur d’une bande d’assassins comme ces seigneurs de la guerre, Tchang compris. Notre pays est en proie au bolchévisme. J’ignore où se trouve ma famille. Mes amis sont dispersés ou fusillés.[..]»**

«Frequentei a academia e a escola militar imperial russa para me tornar instrutor de um bando de assassinos como estes senhores da guerra, incluindo o Chang. O nosso país é vítima do bolchevismo... Não sei onde está a minha família, os meus amigos estão dispersos ou foram fuzilados...[..]» (p. 113)

Para poder traduzir o verbo “*faire*”, é preciso analisar o contexto no qual aparece porque este verbo em francês pode representar realidades múltiplas. De facto, na língua portuguesa, não se faz a academia mas frequenta-se a academia. Isso explica a mudança de vocabulário; o tempo verbal foi conservado. O texto de chegada procede a uma expansão quando acrescenta ao substantivo “escola”, além dos outros adjetivos “imperial” e “russa” já presentes no enunciado de partida, o adjetivo “militar” a fim de dar como informação complementar o tipo de escola de que se está a falar no contexto, bem que essa noção seja já subentendida no substantivo anterior “academia”. Há no entanto uma simplificação do enunciado “*pour en arriver à être*” (5 palavras) com a escolha adequada do verbo “*tornar-se*” (2 palavras). Há a mudança de género do substantivo “*une bande*” feminino em francês, “um bando” masculino em português. Os adjetivos “*compris*” / “incluindo” e o nome próprio “*Tchang*” / “Chang” foram intervertidos nos enunciados. Neste caso, o texto de chegada acrescentou o artigo definido “o” antes do nome próprio, não usual em francês. Um dos sinónimos do substantivo “*proie*” é de facto “*victime*”, escolha do enunciado de chegada; no entanto, estamos a lidar com a locução verbal “*être en proie à*” que significa “*être tourmenté par*”;

há a noção de preocupação subjacente. “Être victime de” é bem mais forte, sugere não só a preocupação, mas a hostilidade real já instalada do grupo representado na palavra “bolchevismo”. Entre os dois enunciados, existem ligeiras variações semânticas. Mais um exemplo, o verbo “ignorer” cujo sentido evoca uma ideia negativa mesmo se o verbo está colocado numa frase afirmativa, é mais forte do que o verbo “saber” obrigatoriamente posto na negativa para cobrir o sentido todo, “não saber”. “Ignorar” significa “não saber”, “não ter conhecimento de”. Temos que ter em consideração a diferença de expressão entre as duas línguas: a primeira na afirmativa, a segunda na negativa. É com a modulação que conseguimos chegar a expressões equivalentes mesmo mudando o vocabulário. Podemos continuar a nossa análise: da mesma forma, o verbo “se trouver” (“encontrar-se”) é mais específico do que o simples verbo “estar”. Além disso, o texto de chegada escolheu juntar as duas últimas frases do texto de partida, transformando o ponto final numa vírgula, alongando consideravelmente o enunciado. Dá mais continuidade à ideia de não ter mais ninguém, seja família ou amigos. Observamos a expansão no enunciado de chegada, achou que faria mais sentido acrescentar o verbo “ir” no pretérito perfeito (“foram”) mudando a perspectiva geral: “os meus amigos estão dispersos ou foram (em vez de “estão”, subentendido no enunciado de partida) fuzilados”; essa ideia de passado não é contemplada no texto francês. As reticências adicionadas no final do enunciado é mais uma das distinções à qual não podemos ficar indiferente; a pontuação dá especial relevo à entoação, ao ritmo, ao sentido também ... consoante a escolha dos sinais nos textos.

«Un peu plus loin à l’ouest...Voilà le train de Tchang !» / «Tenez-vous prêts ! Voilà le train du général Tchang !»

«Um pouco mais a oeste... O comboio do Chang aproxima-se...» / «Preparem-se! O comboio do general Chang está a chegar...» (p. 115)

Mesmo considerando os dois enunciados como equivalentes, houve manifestamente inúmeras modificações para poder chegar a essa equivalência: a ausência da ideia refletida no advérbio “loin”; a adaptação do advérbio “voilà” que, precedendo o substantivo “train”, chama a atenção precisamente sobre a chegada deste meio de transporte; essa chamada de atenção é reiterada com o ponto de exclamação final, ausente no enunciado de chegada, visto ter sido substituído por reticências, alongando desta forma a aproximação do comboio. A substituição do advérbio “voilà” no verbo “aproximar-se” modifica a construção geral da frase, obviamente, os elementos ficaram intervertidos. “Tenez-vous prêts” não é a mesma coisa do que “preparem-se”: a disponibilidade para agir é instantânea na primeira expressão (“estar prontos”); “preparar-se” requer uma ação prévia antes de ficar efetivamente prontos; a diferença é nítida. Desta vez, o advérbio “voilà” não foi traduzido da mesma forma do que o primeiro. Houve uma mudança de vocabulário: “aproxima-se” foi modificado em “está a chegar”, as duas expressões marcando de facto a noção de aproximação do comboio, da sua chegada quase iminente. A pontuação deixa também a sua marca: o ponto de exclamação que dá um relevo particular não só à chegada do comboio mas à pessoa à

qual pertence o comboio; o ponto de exclamação que dá ênfase ao nome do general, Chang, desapareceu no enunciado de chegada, dando lugar a reticências.

«Nous avons réussi! Le dragon noir de Tchang est vaincu !»

«Conseguimos vencer... O dragão negro de Chang foi vencido.» (p. 119)

Podemos observar quase uma tradução literal se não for a expansão do verbo “vencer” no enunciado de chegada e a alteração da pontuação. Duas frases exclamativas no texto de partida, nenhuma no texto de chegada. A elevação e a queda da voz não é similar, provocando interpretações ligeiramente distintas consoante o enunciado. Não se nota tão bem, por exemplo, o entusiasmo, a satisfação manifestes no texto de partida. Os pontos de exclamação manifestam o contentamento não contido, a exaltação de quem fala; estes sinais representam aqui emoções fortes.

No fim desta longa história, o Targun conta: **«Il y avait peu de survivants du train blindé du général Tchang. Nous les avons remis aux mains d’un officier japonais à Haïlar...»**

«Havia pouco sobreviventes do comboio militar do general Chang. Entregámo-los aos cuidados de um oficial japonês, em Hailar...» (p. 120)

Observamos algumas diferenciações ao nível semântico: o adjetivo “*blindé*” foi substituído pelo adjetivo “militar”; cada adjetivo faz referência a realidade um pouco diferente, não há a noção de “blindado” (ou seja esse revestimento muito resistente que protege de projéteis) no adjetivo “militar” (relativo ao exercito). As duas expressões “*remettre aux mains de*” / “entregar aos cuidados de” parecem traduzir a mesma realidade mas foi escolhido, em cada uma das línguas, substantivos diferentes para o fazer: “*mains*” (“mãos”) não é a mesma coisa do que “cuidados” (“*soins*”). “*Remettre aux mains de*” (“Entregar nas mãos de alguém”) implica o poder decisório de alguém sobre outrem, “entregar os cuidados de” pressupõe uma atitude protetora e cuidadora que não existe no contexto inicial.

Observamos algumas diferenciações ao nível da estrutura da língua: a omissão dos sujeitos “*il*”/ “*nous*” em português; a colocação da preposição “*de*” após o advérbio “*peu*”, os dois formam um par indissociável, enquanto não é usual na língua portuguesa; a posição do artigo pessoal complemento na frase, “*les*” antes do verbo, “-los” após o verbo; a preposição de lugar que precede o nome de uma cidade, “*à*” em francês, “em” em português.

Mais uma observação, a pontuação: o enunciado de chegada acrescentou uma vírgula no seu enunciado, na segunda frase, realçando desta forma o lugar em questão e modificando ligeiramente o ritmo da fala.

«Tchang avait réussi à échapper à la catastrophe ferroviaire [...] Il était ici sous le nom de Wou Feng, marchand d’armes...»

«...Chang conseguira escapar à catástrofe ferroviária [...] Vivia aqui em Hong Kong, sob um nome falso, Wu Feng, e traficava armas...» (p. 120)

O mais notável entre os dois enunciados é a escolha do tempo verbal na primeira frase: enquanto o texto de partida utiliza um pretérito mais-que-perfeito composto “avait réussi” (“tinha conseguido”) para assinalar um acontecimento passado concluído, o texto de chegada utiliza o pretérito mais-que-perfeito simples, este último é mais utilizado em textos escritos formais, o composto sendo mais apropriado na linguagem oral, o que é o caso visto se tratar de uma fala. O verbo “réussir” é um verbo transitivo indireto obrigando a colocação da preposição “à” logo a seguir, o seu equivalente em português “conseguir” é transitivo direto, não precisa de preposição para o ligar ao elemento seguinte. A omissão do artigo definida “la” no complemento indireto é usual em português, como a omissão do sujeito “il” na segunda frase. O verbo “être” não é tão específico como o verbo “viver”; aliás o texto de chegada procedeu a uma expansão completando a informação expressa no verbo “viver” e no advérbio “aqui” nomeando efetivamente a cidade, “em Hong Kong”. Existe mais uma expansão com uma ligeira modificação de sentido: “sous le nom de + o nome da pessoa” foi traduzido “sob um nome falso, + o nome da pessoa”, o adjetivo “falso” estando ausente do texto de partida. Relembramos que a ortografia dos nomes próprios estrangeiros segue a fonética de cada língua. O enunciado de chegada reforça assim a noção de falsidade e de falsificação. Até o próprio nome é circundado de vírgulas, situação inexistente inicialmente; a modificação da pontuação serve para realçar este nome falso. Enquanto o enunciado de partida enumera a profissão dessa pessoa com uma expressão nominal (“*marchand d’armes*”), justaposta ao nome estrangeiro, o texto de chegada modificou o enunciado, transformando-o, especificando exatamente a atividade dessa pessoa, “*traficava armas*” com a própria ação e apesar da vírgula já presente, acrescentou a conjunção de coordenação “e”. Dá mais força à atividade em questão, precisando que não é um simples comerciante mas também um traficante. Essas ideias não sobressaiam no enunciado de partida.

Preste a ser preso: «Bonsoir général Tchang, au nom de sa gracieuse majesté britannique, je vous arrête !»

«Boa noite, general Chang, em nome de sua graciosa majestade britânica, considere-se preso.» (p. 122)

A tradução literal aplica-se à primeira parte da fala ; a última ideia, aquela de ser detido, é expressa de forma complementemente diferente utilizando o procedimento da modulação; o ponto de vista mudou já à partida com a escolha do sujeito da frase: o pronome pessoal “je” no enunciado de partida, é a pessoa que realiza a ação de deter, o verbo específico da ação “arrêter” (“deter”) e o pronome pessoal complemento “vous” que corresponde à pessoa que vai ser detida. A ação é imediata; está a acontecer ao mesmo tempo que a fala.

O enunciado da língua de chegada não põe em cena a pessoa que está a proceder à detenção mas unicamente a pessoa que vai ser detida, utilizando para o efeito o verbo impessoal “considerar-se” que precede o adjetivo “preso” a fim de dar precisamente a ideia de “prender” ou “deter a pessoa”. No entanto, os dois enunciados, equivalentes apesar de ser estruturados de forma diferente, contêm algumas nuances semânticas: o verbo “considerar-se” implica examinar atenciosamente a ideia de ser detida antes de proceder realmente à detenção, antes de agir como tal para a realização da ideia submetida enquanto, no enunciado de partida, já vimos que a ação é executada de imediato.

Pedi o seu chá a “uma orelha”; **«Arrêtez, lieutenant, le seigneur de la guerre, le général Tchang est mort.» / «Il y avait du poison dans son thé.»**

«Um momento, tenente, o senhor da guerra, o general Chang está morto...» nota o Corto Maltese; continuando, **«o seu chá estava envenenado.» (p. 123)**

Há diferentes pontos de vista nestes enunciados: a primeira diz respeito ao primeiro elemento da frase, direto no texto de partida utilizando o verbo “arrêter” (“parar”) no imperativo, este último serve para exprimir uma ordem; esse modo é uma boa maneira para mandar parar uma pessoa no seu ímpeto de se dirigir ao encontro de outrem; a expressão escolhida no texto de chegada não é tão forte; não é um verbo no imperativo que serve para interromper ou impedir o movimento que estava a ser executado mas uma expressão de tempo, “um momento”, que realça unicamente a noção de esperar no espaço-tempo muito breve, não interfere diretamente com a ação em si. No restante desta frase, aplicou-se a tradução à letra.

A modulação é ainda mais acentuada na segunda frase desta fala: passamos de uma frase ativa a uma frase passiva; a ordem dos elementos para respeitar a construção de cada uma das frases ficou intervertida; o complemento transformou-se em sujeito (“chá”). Notamos ainda a transposição com a mudança de categoria gramatical do substantivo masculino “poison” (“veneno”) em verbo “envenenar”.

e) **O barão Roman Fedorovitch von Ungern-Sternberg**, conhecido como “o barão louco”. Combata com Semenov os bolcheviques.

O nome do barão surge numa conversa muito elucidativa sobre o cenário de guerra (ou seja, as diferentes posições de cada um) entre a duquesa Marina Seminova, aristocrata russa que percorre a Sibéria de um lado para outro, no seu comboio blindado e o Spatzetov:

La duchesse : **«Spatzetovi, je ne crois pas à cette amitié avec les alliés. Le moment voulu, ils nous abandonneront définitivement.»**

A duquesa : **«Spatzetov, não acredito nesta amizade com os aliados. De um momento para o outro, abandonar-nos-ão definitivamente.»**

Aceitando os factos de que os nomes estrangeiros sejam ortografados de forma diferente respeitando a fonética de cada língua e a omissão do sujeito, usual na língua portuguesa, a primeira frase aplica o procedimento da tradução literal. Há uma expansão na segunda frase da expressão de tempo: “*le moment voulu*” foi interpretado da seguinte forma “de um momento para o outro”; a primeira expressão faz referência a um único momento que terá lugar num futuro próximo, a segunda a dois momentos distintos, um momento atual e um momento futuro. No entanto, as duas expressões exprimem o caráter inesperado do acontecimento futuro, não se sabe com certeza quando vai acontecer porque depende da vontade dos aliados. É o imprevisto que sobressaia. A posição do pronome pessoal complemento “*nous*” / “*nos*” depende da estrutura específica da cada língua: antes do verbo em francês, intercalado na expressão verbal em português visto corresponder à formação do futuro nesta língua.

Spatzetov: «**Il est préférable pour vous de suivre le baron Von Urgern-Sternberg. Nous organiserons avec lui la lutte continue contre l'ennemi.**»

Spatzetov: «**A nós, convém-nos seguir o Barão Von Urgern-Sternberg. Organizaremos com ele a luta contra o inimigo comum.**»

A primeira frase dos enunciados difere uma da outra devido ao procedimento da modulação; o ponto de vista foi alterada de diversas maneiras: a expressão impessoal “*il est préférable de*” (“é preferível...” foi traduzida com o único verbo “convir” (“*convenir*”) mas a alteração maior provem do pronome pessoal; passamos do “*vous*” a “*nós*”, de uma perspetiva individual (“você”) a uma perspetiva coletiva (“nós”); essa generalização à totalidade dos atores (“nós”) favorece a intensidade motivacional do que é referido. Alias, verificamos a duplicação do pronome pessoal que reforça ainda mais a ideia do coletivo (“A nós, convém-nos...”). A mudar os adjetivos qualificativos, muda-se também o ponto de vista, ou seja o texto de partida qualifica o substantivo feminino “*lutte*” com o adjetivo “*continue*” (“continua”), ausente no enunciado de chegada que, por sua vez, em vez de qualificar esse substantivo “luta”, qualifica o substantivo seguinte “inimigo” com a adjetivo “comum”. Resumido, a ideia que a luta nunca foi interrompida no tempo, que ainda estão a lutar, não transparece no enunciado de chegada que preferiu realçar a ideia do que o inimigo pertence a varias pessoas. Os dois enunciados não são semanticamente idênticos.

La duchesse: «**Ce juif ukrainien, ami de Lénine, dit la même chose. “Révolution permanente” mais contre nous !**»

A duquesa: «**Aquele judeu ucraniano, amigo de Lenine, dizia a mesma coisa. “Revolução permanente”... mas contra nós!**»

Tradução literal se não fosse a mudança do tempo verbal do verbo “*dire*” / “*dizer*” ao passar do francês ao português: passamos do presente do indicativo ao pretérito imperfeito do indicativo, o primeiro insere o ato de dizer no presente atual, o segundo no passado mas pode ser entendido como um presente no passado. O texto de chegada acrescentou um sinal de pontuação no seu

enunciado, as reticências após a expressão “revolução permanente”, deixando a pessoa que fala pensar no que vai dizer a seguir, um minúsculo tempo de reflexão para introduzir a oposição.

Spatzetov: «L’armée rouge a ses problèmes. Nous arriverons d’Asie avec nos légions et nous reconquerrons la Russie !»

Spatzetov: «O exército vermelho tem os seus problemas. Chegaremos da Ásia com as nossas legiões e reconquistaremos a Rússia!»

Não é transparente aqui mas sabemos que o substantivo “*armée*” é feminino em francês, “exército” masculino em português. No caso presente, a mudança de género não altera em nada o restante do enunciado. Sabemos também que a formação do possessivo é diferente de uma língua para outra: em português, existe o procedimento da colocação; o artigo definido faz par indissociável com o adjetivo possessivo; se não for assim, falta autenticidade ou naturalidade ao enunciado, não está correto. Temos como usual a omissão do sujeito “*nous*” na segunda frase em português. Se não forem essas especificações de construção da língua, podemos falar de tradução literal.

A duchesse : «Nous ne sommes pas assez unis entre nous. Vous-même, Spatzetov, de quel côté êtes-vous ?»

A duquesa : «Estamos muito desunidos... Mesmo você, Spatzetov, de que lado está?» (p. 59)

O enunciado de chegada é muito mais económico do que o enunciado de partida. Alias, é muito mais afirmativo do que o primeiro; a perplexidade sobressaia em francês com a negação - grande diferença com o enunciado de chegada, a ideia de negação passou na escolha do adjetivo qualificativo “desunidos” deixando a frase na afirmativa. A modulação (frase negativa vs frase afirmativa) também é realçada com as características da apreciação: o advérbio “*assez*” (“*pas assez*” para ser mais correto) não é a mesma coisa do que o determinante indefinido “muito”, existe uma diferenciação de intensidade entre os dois. A perplexidade do assunto em francês nota-se ainda com a expressão “*entre nous*”, ausente no texto de chegada. Essa perplexidade é atingida no texto de chegada com a escolha das reticências (em substituição de um ponto inicialmente).

Na expressão “*vous-même*”, a partícula “*même*” não tem o significado bem atribuído; após um pronome pessoa e ligado a ele através de um hífen, só serve para insistir sobre o caráter pessoal do assunto, nada mais. Foi traduzido com a palavra “mesmo”, procedendo ao decalque, bem que as duas palavras foram intervertidas “mesmo você”, só que destaca-se neste caso uma ligeira diferenciação. Se calhar, ao respeitar a ordem, o sentido equivalente fosse atingido “você mesmo”. “*Vous-même*” poderia ter sido traduzido como “e você”; a ideia da partícula “*même*” ser substituída pela conjunção de coordenação “e”, é só uma sugestão.

Numa conversa entre a duquesa e Spatzetov, algures na Manchúria, o leitor conhece as relações entre o barão e o general Semenov:

La duchesse: «**Je n'ai pas l'impression que le baron von Ungern soit d'accord avec le général Séménov...peut-être que notre ami, l'amiral Kolchak, pourrait l'utiliser contre Séménov. Qu'en dites-vous, Spatétov?»**

A duquesa: «Não me parece que o barão von Ungern esteja de acordo com o general Semenov... talvez o nosso amigo, o almirante Kolchak, o possa usar contra Semenov. O que acha, Spatzetov?»

As diferenciações dizem respeito à construção das línguas: a expressão “*peut-être que*” exige o uso do condicional a seguir em francês “*pourrait l'utiliser*”; o advérbio “talvez” exige o uso do conjuntivo a seguir “possa usar” em português. A formação do possessivo em português exige a conservação do artigo definido. O pronome pessoal complemento não tem a mesma posição na frase: após o verbo em francês, antes do verbo em português. A omissão do sujeito em português.

A expressão “*avoir l'impression que*” implica a escolha do sujeito, o pronome pessoal da primeira pessoa do singular “*je*”; foi substituída no texto de chegada pela expressão impessoal “parecer”, a noção de primeira pessoa aparece com o pronome pessoal complemento “me”. No entanto, a equivalência foi atingida.

O texto de chegada preferiu o decalque da locução substantiva “*être d'accord*”: “estar de acordo” mesmo se o próprio verbo “concordar” é mais frequente em português. Resuma-se a uma questão de escolha.

Ao responder à duquesa:

«J'en doute. Séménov et Ungern se haïssent, mais ils méprisent tous deux l'amiral, non... Je ne crois pas que Kolchack puisse se faire l'allié de l'un d'eux.»

«Duvido...Semenov e Ungern odeiam-se, mas ambos desprezam o almirante. Não...Não acredito que Kolchak consiga aliar-se a qualquer deles.» (p. 61)

Explicação no ponto a)

Spatzetov de acrescentar:

«Le baron n'a qu'un but: fonder un empire asiatique pour partir à la conquête de l'Europe. Il croit être la réincarnation de Gengis Khan...Il est convaincu qu'une nouvelle horde partira de Mongolie et qu'elle dominera le monde. Une nouvelle élite d'aristocrates guerriers. Il est fou ! [...] Da, da...Tout cela est de la pure folie obscène. Mais le baron von Ungern nous sera utile.»

«O barão só tem um objetivo: fundar um império asiático para partir à conquista da Europa. Pensa que é a reencarnação de Gengis Khan...Está convencido de que uma nova horda partirá da Mongólia e dominará o mundo. Uma nova elite de aristocratas guerreiros. Está louco. [...] Da, da...Tudo isso é obscenamente louco. Mas o Barão von Ungern ser-nós-á útil.» (p. 61)

Apesar do comprimento da fala, é quase uma tradução literal. Há poucas alterações.

A estrutura “*ne...que*” serve para exprimir uma restrição, “*ne*” sendo colocado antes do verbo, “*que*” sendo colocado antes da palavra sobre a qual age a restrição. Encontrou o seu correspondente com o advérbio “só” em português, colocado antes do verbo.

A estrutura das expressões verbais da segunda frase também é diferente: no texto de partida, “*il croit être*” junta dois verbos, “*croire*” conjugado no presente e “*être*” no infinitivo; no texto de chegada, “pensar” (em substituição do verbo “*croire*”) implica a colocação da conjunção “que” e a conjugação do verbo “ser” (“*être*”) a seguir: “*pensa que é*”. De forma diferente, sim, mas de sentido equivalente.

Ausência da repetição da conjunção “que” (“*qu’elle dominera*”) na terceira frase no enunciado português, isso sem alterar o sentido.

Alteração da pontuação: o texto de chegada modificou o ponto de exclamação, substituindo-o simplesmente com um ponto (“*Il est fou!*” / “Está louco.”). O ponto de exclamação reforça precisamente essa ideia de loucura e da surpresa/admiração que gera nas pessoas.

O mais notável é a transposição entre “*de la pure folie obscène*” e “obscenamente louco”: o substantivo “*folie*” foi transformado em adjetivo “louco” e o adjetivo qualificativo “*obscène*” foi transformado em advérbio de modo “obscenamente”, deixando de parte o adjetivo qualificativo “*pure*” (“*absolument déraisonnable*” / “nada razoável”). O resultado no plano semântico é simplesmente brilhante. Desta forma, a equivalência foi atingida.

Mais um aspeto estrutural: a posição do pronome pessoal complemento difere consoante as línguas; mais ainda quando se trata da formação do futuro em português.

Durante uma conversa entre a duquesa e Corto Maltese, o leitor sabe que:

«La Mandchourie est dangereuse, Cortouchka [...] La frontière sibérienne est entre les mains du baron Roman von Ungern Sternberg, un monsieur difficile.»

«A Manchúria é perigosa, Cortushka...[...] A fronteira siberiana está nas mãos do Barão Roman von Ungern-Sternberg...uma pessoa difícil. » (p. 68)

Tradução quase literal mesmo se no texto de chegada, houve uma alteração da pontuação, reticências em vez de uma simples vírgula antes da última expressão nominal, “*un monsieur difficile*” / “uma pessoa difícil”. A única diferença provem dessa expressão: o texto de partida especifica o sexo dessa pessoa através da escolha do substantivo “*monsieur*”, substantivo masculino alias. O texto de chegada é mais generalista; “*monsieur*” transformou-se em “pessoa”, substantivo feminino, implicando a concordância do artigo indefinido “uma”.

«Qui est ce baron Roman von Ungern Sternberg ?», pergunta Corto Maltese.

«Quem é esse Barão Roman von Ungern-Sternberg? (p. 68)

Tradução literal.

«Un descendant direct des chevaliers teutoniques établis en Estonie au XII^{ème} siècle. Sa famille a été liquidée par la révolution. Il a fondé, avec un cosaque, le général Sémenov, le gouvernement provisoire de Transbaïkalie en mai 1918 à Tchita. Maintenant, il doit se trouver quelque part à la frontière sibérienne...essayant de connaître son avenir.»

«Um descendente em linha direta dos cavaleiros teutónicos estabelecidos na Estónia no século XII. A sua família foi liquidada pela “revolução”. Em maio de 1918 formou em Chita, com um cossaco, o general Semenov, o governo provisório da Transbaikalia. Deve estar algures na fronteira siberiana a tentar saber o seu futuro.» (p. 68)

Constatamos a expansão na primeira frase de “em linha”, obrigando a concordância do adjetivo “direta” no feminino; no enunciado de partida, o adjetivo “*direct*” caracteriza o substantivo masculino “*descendant*”; para exprimir o parentesco, a língua de chegada achou melhor acrescentar toda a expressão enquanto fica subentendido na língua de partida; com esse esclarecimento, a língua de chegada captou o sentido da língua de partida. Houve elementos (numero e substantivo “*siècle*”/“*seculo*”) intervertidos nas expressões de tempo devido à própria estrutura de cada uma das línguas: “*au XII^{ème} siècle*” / “no século XII”. Não podemos em tradução reproduzir o sistema linguístico para outro sem chegar a incorreções inaceitáveis; as línguas não respondem sempre com formas idênticas; podemos chegar a incompreensão (“no décimo segundo seculo” não faz sentido em português). Temos que tomar em consideração as normas das línguas, a experiência de comunicação e proporcionar escolhas necessárias para conseguir um enunciado apropriado.

A segunda frase segue o procedimento da tradução literal; a única diferença reside no acréscimo de aspas curvas circundando o substantivo “*revolução*” no texto de chegada.

Na terceira frase, a ordem dos elementos frásicos foi mudado sem que o valor da mensagem seja por isso afetado. Para que um segmento possa figurar sem alterar o essencial da mensagem, ora num, ora noutro ponto do enunciado, é preciso que pertence ao tipo dos complementos circunstanciais. Assim a menção da data (maio de 1918) e do lugar (em Chita) que aparece no início do enunciado de partida aparece no fim do enunciado de chegada. Relembramos que na língua portuguesa, a data implica a colocação da preposição “*de*” entre o mês e o ano. O sistema de articulação é diferente. Existe no entanto uma ligeira variação com a escolha do verbo “*former*” para traduzir a ideia inicial de “*fonder*”. O verbo “*fundar*” existe em português mas às vezes, a tradução à letra não permite dar à mensagem o devido valor obrigando a escolher o que corresponde mais à experiência de comunicação na língua em questão.

Na última frase, a língua de chegada fez omissão do advérbio “*maintenant*”; essa informação reforça no entanto a ideia do momento presente, do momento atual. Temos a omissão também do sujeito “*il*”, usual em português. O verbo “*se trouver*” (“encontrar-se”) encontrou um equivalente menos específico com o verbo “*estar*” (“*être*”), isso sem mudar o sentido geral. A ideia de estar num lugar que não se pode definir com exatidão é transmitida em ambos os enunciados através de advérbios, o advérbio francês é constituído por duas palavras “*quelque part*”, o advérbio português

é constituído por uma única palavra “algures”, os dois exprimindo exatamente a mesma realidade. O enunciado de chegada eliminou as reticências presentes no enunciado de partida após o adjetivo “*sibérienne*”, essa pausa permite destacar a ideia final, surpreendente. As reticências servem para parar um instante, mesmo curto, mantendo o auditor em expectativa relativamente ao que vai ser contado a seguir. O enunciado de chegada é dito de um só traço, mudando a dinâmica da própria fala. A última parte não é transmitida da mesma forma em termo de construção: o verbo “*essayer*” / “tentar” aparece sob a forma do particípio presente em francês mas sob a forma do infinitivo em português, obrigando a colocação da preposição “a” à frente. O verbo “*connaître*” (conhecer) foi traduzido como “saber” (“*savoir*”), não é o seu correspondente direto mas aplica-se melhor ao contexto. Em tradução, somos levados a efetuar escolhas conforme as necessidades de comunicação, procurando um equilíbrio entre os dois enunciados. A comparação das línguas através da tradução faz entrever as variedades das estruturas linguísticas: já vimos anteriormente que a formação do possessivo difere de uma língua para outra.

Temos uma conversa direta entre o Ungern e Semenov, essa conversa transmite informações não sobre essas duas personagens, apesar ser reveladora das suas personalidades, mas sobre a situação em si, imagem histórica da revolução no próprio terreno:

Ungern a Semenov: « **Je suis venu vous dire au revoir Séménov... Je pars pour Daouria... Je vous organiserai l'attaque contre nos ennemis de la Mongolie, mais j'ai besoin de l'appui des japonais et de Tchang Tso-Lin, le chef de la Mandchourie.** »

«**Vim despedir-me, Semenov... Parto para Dauria... para organizar o ataque contra os nossos inimigos da Mongólia, mas necessito do apoio dos japoneses e de Chang Tso-Lin, o chefe da Manchúria.**» (p. 69)

Explicação no ponto b).

Semenov responde-lhe: « **Les soldats du seigneur de la guerre Hsou Tchou-Tseng ont occupé Ourga et ils tiennent prisonnier l'empereur divin de la Mongolie. Que voudriez-vous faire?...Le libérer ?** »

«**Os soldados do senhor da guerra Hsu Chu-Tseng ocuparam Urga e aprisionaram o imperador divino da Mongólia... Que vai fazer? ... Libertá-lo?**» (p. 70)

Explicação no ponto b).

Ungern: «**Les seigneurs de la guerre chinois se disputent entre eux et les bolchéviques en profitent pour créer un mouvement révolutionnaire mongol. S'ils y parviennent, ce sera la fin de notre monde.** »

«**Os senhores da guerra chineses lutam entre si, e os bolcheviques aproveitam-se disso para criar um movimento revolucionário mongol. Se o conseguirem, será o fim do nosso mundo.**» (p. 70)

Explicação no ponto b).

Ungern: **«Ce n'est qu'en partant d'une Asie libérée du bolchévisme que nous pourrons reconquérir la Russie et l'Europe.»**

«Só a partir de uma Ásia livre do bolchevismo poderemos reconquistar a Rússia e a Europa.» (p. 70)

Explicação no ponto b).

Ungern ainda: **«Avec ma division de cavalerie asiatique, j'occuperai Ourga, la ville sainte mongole, et puis j'attaquerai la Russie rouge comme un nouvel Attila ou Gengis Khan ou Tamerlan.»**

«Com a minha divisão de cavalaria asiática, ocuparei Urga, a cidade santa da Mongólia, e depois, como um novo Átila, Gengis Khan ou Tamerlão, atacarei a Rússia vermelha...» (p. 70)

Explicação no ponto b).

Semenov: **«Tu déliras, Ungern, cette guerre est perdue. La seule chose que nous ayons à faire, c'est de prendre ce qui nous reste de l'or impérial et de disparaître sous un autre nom dans des pays lointains.»**

«Deliras, Ungern, esta guerra está perdida. A única coisa que podemos fazer é pegar no que resta do ouro imperial e, sob um nome false, fugir para bem longe.»

Explicação no ponto b).

Semenov ainda: **«Je vais essayer de t'aider, Ungern, mais je n'ai confiance ni dans les japonais ni dans les alliés. Je crois seulement en mes trains blindés.»**

«Vou tentar ajudar-te, Ungern, mas não confio nem nos japoneses nem nos aliados. Confio apenas nos meus comboios blindados.» (p. 70)

Explicação no ponto b).

Ungern a exclamar: **«En avant!...À la recherche de nos folies et de nos gloires !»**

«Em frente !... Em busca das nossas loucuras e das nossas glórias!»

Explicação no ponto b).

Acrescentando: **«Nous sommes très beaux, Sémenov... Très beaux!...»**

«Somos magníficos, Semenov... Magníficos...»

Explicação no ponto b).

Semenov a responder-lhe, confirmando a ideia: **«Très beaux et très fous...Allez, allez...L'armée vous coupera en morceaux et tu seras barré de la liste des personnels avec qui il faut partager l'or de Kolchak.»**

«Magníficos e loucos. Vão... Vão...O exército vermelho cortar-vos-á em bocados e tu serás riscado da lista das pessoas com quem teremos de dividir o ouro do Kolchak.»

Explicação no ponto a).

Semenov a Masha : **«Tu sais ce que je pense, Macha ? Le baron Ungern a raison quand il dit que les zhids veulent diviser le monde : Marx, Lénine et Trotsky sont aussi des juifs subversifs et bochéviques. Capitalisme et révolution sont entre les mains des zhids.»**

«Sabes o que penso, Masha?... O barão Ungern tem razão quando diz que os Zhids querem dividir o mundo. Marx, Lenine e Trotsky são também judeus subversivos e bolcheviques. Capitalismo e revolução estão nas mãos dos Zhids.» (p. 80)

Sem as diferenças que dizem respeito diretamente à estrutura de cada língua como a omissão do sujeito (“tu”, “je”, “il”) e a omissão do artigo definido começando um complemento direto em português, trata-se de tradução literal.

Um soldado da patrulha da fronteira, Barin: **«Vous êtes prisonniers de la division de cavalerie asiatique du baron von Ungern-Sternberg.»**

«Considerem-se prisioneiros da divisão de cavalaria asiática do Barão von Ungern-Sternberg.» (p. 95)

Ao passar de uma língua para outra, o verbo “être” foi substituído pelo verbo “considerar-se”. Resulta daí uma ligeira nuance semântica: o verbo “considerar-se” implica examinar atentamente a ideia de ser prisioneiros antes de proceder realmente à detenção enquanto, no enunciado de partida, não há tempo para reflexão, a ação direta é executada de imediato.

Voltamos a cruzar a personagem, sozinha, com os seus próprios pensamentos: **«Qui sait combien de fois Gengis Khan a grimpé sur cette muraille...Il faut que je continue sa mission: donner à l'Asie la nostalgie de son culte solaire passé...» «Depuis la mer du Japon jusqu'au golfe de Finlande, ce sera le soleil jaune contre l'étoile rouge des bolchéviques !» «Une nouvelle guerre de religion. Simplement une contre-révolution plus terrible que leur révolution.» «Le chamanisme et l'éthique de la guerre seront les seules véritables religions. Les finnois, les blancs du yang-tsé et les aïnois célèbrent les mêmes mystères des origines, au rythme des tambours de peau de renne. Il est temps de revenir aux anciens cultes perdus.»**

«Quantas vezes Gengis Khan terá subido esta muralha?... Tenho de continuar a sua missão, dar à Ásia a nostalgia do culto solar do passado...» «...do mar do Japão ao golfo da Finlândia, o sol amarelo combaterá a estrela vermelha dos bolcheviques...» «Uma nova guerra

religiosa. Simplesmente uma contrarrevolução mais temível que a sua revolução.» (p. 96) «O xamanismo e a ética da guerra serão as únicas religiões verdadeiras. Os fineses, os brancos do yang-tsé e os ainus, celebram os mesmos mistérios das origens ao ritmo de tambores de pele de rena. Chegou a hora de voltar aos cultos perdidos.» (p. 97)

Numerosas são as observações tiradas da análise deste pensamento. Vamos proceder frase a frase.

O enunciado de chegada eliminou a locução adverbial “*qui sait*” que serve essencialmente para exprimir a incerteza acerca da ideia que vem a seguir. Para chegar ao mesmo efeito interrogativo, teve que acrescentar o ponto de interrogação no fim da frase. Há uma mudança de ponto de vista devido à conjugação do verbo, “*a grimpé*” no pretérito perfeito, “*terá subido*” no futuro do presente composto. Além disso, existe uma ligeira nuance semântica entre “*grimper*” e “*subir*” (“*monter*”), o primeiro sugere uma certa dificuldade na ação, uma ideia de esforço para a conseguir, não presente no segundo. O primeiro exige ainda a preposição de lugar “*sur*” a seguir, introduzindo o complemento; o segundo é transitivo direto, portanto, para se unir ao seu complemento, não precisa de preposição.

A expressão impessoal “*il faut que*” desaparece deixando lugar à expressão “*ter de*” provocando as modificações de construção adequadas: assim, o verbo “*continuer*” / “*continuar*” encontra-se conjugado no presente do indicativo e na primeira pessoa do singular no enunciado de partida, no infinitivo no enunciado de chegada visto que a noção de primeira pessoa fica incluindo na conjugação do verbo “*ter*” (“*tenho de*”). Essa modulação não interfere no plano semântico. Enquanto o texto de partida escolheu destacar precisamente esta missão através do sinal de pontuação, os dois pontos, colocado a seguir ao substantivo feminino “*mission*”, o texto de chegada substitui esta marca gráfica com uma simples vírgula. Os dois pontos anunciam o esclarecimento da missão. Essa missão é estruturada linguisticamente também de forma diferente: o texto de chegada eliminou a marca do possessivo: “*de son culte solaire passé*” / “*do culto solar do passado*”; com a preposição contraída “*do*” colocada antes do substantivo “*passado*”, a imagem representativa da visão do tempo não é idêntica ao enunciado de partida; “*do passado*” não é a mesma coisa do que “*passé*”, alias este adjetivo caracteriza especificamente o substantivo “*culte*” enquanto a expressão temporal “*do passado*” é autónoma.

Vamos repetir os enunciados para a clareza da análise.

«Depuis la mer du Japon jusqu’au golfe de Finlande, ce sera le soleil jaune contre l’étoile rouge des bolchéviques !» / «...do mar do Japão ao golfo da Finlândia, o sol amarelo combaterá a estrela vermelha dos bolcheviques...»

A ênfase introduzida pela estrutura “*ce sera [...] contre*” não foi conservada no enunciado de chegada. Contudo, para chegar a uma equivalência, foi preciso modificar o enunciado; o complemento direto “*le soleil jaune*” passa a ser o sujeito da nova frase “*o sol amarelo*”; visto que é ele a desenvolver a ação, foi preciso encontrar um verbo que indicasse a noção encontrada na preposição “*contre*”, “*combater*”, que foi conjugado no futuro do indicativo, conservando o valor

do enunciado de partida. A ênfase inicial explica a escolha do ponto de exclamação final; essa situação não está contemplada em português que escolheu circundar a totalidade do enunciado por reticências. Ao nível da pontuação, há divergências fundamentais entre as duas línguas; correspondem à interpretação e às necessidades próprias de comunicação de cada comunidade. Podemos afirmar que não há paralelismo, cada língua tem uma concepção diferente devida à sua natureza da experiência de comunicar que o leva a escolher sinais de pontuação diferentes mesmo quando se conseguiu equivalência semântica entre os dois enunciados.

«Une nouvelle guerre de religion. Simplement une contre-révolution plus terrible que leur révolution.» / «Uma nova guerra religiosa. Simplesmente uma contrarrevolução mais temível que a sua revolução.»

Há uma transposição: o substantivo feminino *“religion”* se transformou em adjetivo qualificativo *“religiosa”*, não mudando em si a interpretação dos enunciados cujo valor fica equivalente apesar dessa mudança de categoria gramatical. De resto, tradução literal sem contar com a diferença estrutural devido à formação do possessivo em português.

Última fração deste pensamento: **«Le chamanisme et l'éthique de la guerre seront les seules véritables religions. Les finnois, les blancs du yang-tsé et les aïnois célèbrent les mêmes mystères des origines, au rythme des tambours de peau de renne. Il est temps de revenir aux anciens cultes perdus.» / «O xamanismo e a ética da guerra serão as únicas religiões verdadeiras. Os fineses, os brancos do yang-tsé e os aïnos, celebram os mesmos mistérios das origens ao ritmo de tambores de pele de rena. Chegou a hora de voltar aos cultos perdidos.»**

De uma forma geral aplicou-se principalmente o procedimento da tradução literal nas duas primeiras frases; a única diferença diz respeito à posição invertida do adjetivo *“véritables”* / *“verdadeiras”*, antes do substantivo no texto de partida, após o substantivo no texto de chegada.

A última frase aplicou o procedimento da equivalência: *“il est temps de”* / *“chegou a hora de”* são expressões temporais perfeitamente equivalentes mesmo se podemos observar que a primeira está no presente do indicativo e a segunda no pretérito perfeito. O conceito do tempo é o mesmo. O enunciado de chegada não transpôs a ideia de *“anciens”* (*“antigos”*), este adjetivo foi simplesmente eliminado do contexto.

O barão a Corto Maltese: **«Je vous ai fait venir parce que j'ai une proposition à vous faire. Vous semblez être un individu hors du commun. J'ai une mission à accomplir et il ne me reste que peu de temps... ou du moins c'est ce qu'on m'a dit...»** «La “division de cavalerie asiatique” que je commande marchera à la conquête d'Ourga en Mongolie. De là nous repartirons combattre des bolchéviques qui mettent leur nez dans la politique mongole aidés par deux subversifs mongols : Tchoïbalsan et Soukhé Bator...» «Eh oui... je connais Soukhé Bator. C'est un jeune officier d'artillerie instruit par des officiers russes de l'école impériale. Un homme intéressant et capable. Dommage qu'il ait choisi le bolchévisme... Vous ne m'avez pas répondu...». [...] **«Moi, je vous offre un nouvel empire !»** [...] **«Ça va je n'oblige personne à me suivre. “Non” est un très joli mot, mais il faut être**

le premier à le dire et vous avez eu ce courage... Maintenant, vous allez assister à quelque chose d'inquiétant.» «J'ai fait venir un "mopa", un devin tibétain. Il nous dira les secrets de la vie et de la mort. Buvons à notre avenir.»

«Chamei-o porque lhe quero fazer uma proposta. Você parece-me um indivíduo fora do comum. Tenho uma missão a cumprir e muito pouco tempo para a fazer... segundo me disseram...» «A "divisão de cavalaria asiática", que comando, partirá à conquista de Urga, na Mongólia. E daí iremos combater os bolcheviques que andam a meter o nariz na política mongol, coadjuvados por dois mongóis subversivos: Tchoïbalsan e Suke Bator...» «Conheço Suke Butor. É um jovem oficial de artilharia instruído por oficiais russos da escola imperial. É um homem interessante e capaz, só é pena que tenha escolhido o bolchevismo... mas... não me respondeu...». [...] **«Eu ofereço-lhe um novo império!»** [...] **«Está bem, não obrigo ninguém a seguir. "Não" é uma palavra muito bela, mas é precisa ser-se o primeiro a dizê-la e você teve essa coragem... Agora vai assistir a algo preocupante...»** **«Mandei vir um "mopa", um adivinho tibetano, dir-nos-á os segredos da vida e da morte. Brindemos ao nosso futuro.»** (p. 106)

As partes que não estão marcadas em negrito já foram analisadas no ponto c).

Analisando a parte inicial do discurso de Ungern:

«Je vous ai fait venir parce que j'ai une proposition à vous faire. Vous semblez être un individu hors du commun. J'ai une mission à accomplir et il ne me reste que peu de temps... ou du moins c'est ce qu'on m'a dit...» / «Chamei-o porque lhe quero fazer uma proposta. Você parece-me um indivíduo fora do comum. Tenho uma missão a cumprir e muito pouco tempo para a fazer... segundo me disseram...»

É sem dúvida o procedimento da equivalência que sobressaia. O texto de chegada procedeu a alterações para poder traduzir a mensagem na sua globalidade percebendo a situação de partida e exprimi-la de forma adequada na língua de chegada.

Vários sinónimos podem substituir a expressão *"faire venir (quelqu'un)": "appeler", "convoquer", "envoyer chercher"*. É precisamente o primeiro que encontramos no texto de chegada, "chamar". O verbo *"sembler être"* que serve para apresentar um aspeto particular da pessoa tem como sinónimo o verbo *"paraître"*, foi esse sinónimo que foi escolhido no texto de chegada. A perspetiva ou a caracterização da missão é feita de maneira ligeiramente diferente: o texto de chegada continua a caracterizar a missão após a conjugação de coordenação "e" e na expansão "para a fazer", ainda está a fazer referência à missão, associando-lhe a ideia de tempo. Existe no texto de partida um distanciamento evocado pelo verbo impessoal *"il ne me reste que peu de temps..."*; essa segunda parte da frase já não qualifica especificamente a missão em si; só releva a ideia do tempo (pouco tempo). A economia textual do texto de chegada é flagrante quando escolheu traduzir a longa expressão *"du moins c'est ce que"* pela única preposição "segundo" (*"selon"*); houve uma mudança de número entre os dois enunciados, passamos da terceira pessoa do singular (*"on"*) à terceira pessoa do plural (*"eles"*, subentendido claro).

Analisando a parte final do discurso de Ungern:

«Moi, je vous offre un nouvel empire !» [...] «Ça va je n'oblige personne à me suivre. "Non" est un très joli mot, mais il faut être le premier à le dire et vous avez eu ce courage... Maintenant, vous allez assister à quelque chose d'inquiétant.» «J'ai fait venir un "mopa", un devin tibétain. Il nous dira les secrets de la vie et de la mort. Buvons à notre avenir.» / «Eu ofereço-lhe um novo império!» [...] «Está bem, não obrigo ninguém a seguir. "Não" é uma palavra muito bela, mas é precisa ser-se o primeiro a dizê-la e você teve essa coragem... Agora vai assistir a algo preocupante...» «Mandei vir um "mopa", um adivinho tibetano, dir-nos-á os segredos da vida e da morte. Brindemos ao nosso futuro.»

O texto de chegada não reforçou a ideia forte da primeira pessoa com o pronome pessoal complemento a introduzir a frase inicial (*"Moi, je"*). Abstração similar na segunda frase: *"à me suivre"* / *"a seguir"*, o pronome pessoal não aparece no enunciado de chegada. Deduz-se desses reforços do texto de partida um certo poder ligado à pessoa em questão, ou pelo menos, uma forte personalidade. Observamos uma diferenciação estrutural, é normal em francês colocar os adjetivos antes do substantivo: *"un très joli mot"*; em português há uma permutação, os adjetivos sendo colocados após o substantivo: *"uma palavra muito bela"*; notamos ainda ao passar de uma língua para outro a mudança de género dessas duas palavras, *"mot"* masculino, *"palavra"* feminino, ajustando as concordâncias necessárias. *A priori*, o texto de chegada que acrescentou a partícula pronominal *"-se"* ao verbo *"ser"*, não precisava de fazê-lo. O substantivo *"courage"* é masculino em francês, *"coragem"* feminino em português. São o que chamamos os *"faux-amis"* com os quais um tradutor deve contar. Exige adaptação, não podemos fixar uma nomenclatura totalmente paralela à primeira, até o género dos substantivos podem ser diferentes. Até pode ser a articulação entre as palavras que difere. É o caso entre as duas expressões equivalentes: *"à quelque chose d'inquiétant"* / *"a algo preocupante"*. O pronome indefinido *"algo"*, por si só, traduz diretamente a ideia de *"alguma coisa"* e não precisa da articulação da preposição *"de"* (caso precisamente do texto de partida) para o ligar ao adjetivo qualificativo seguinte, ou seja *"preocupante"*. O texto de chegada decidiu unir as duas frases seguintes - independentes no texto de partida e claro devidamente separadas com um ponto final – através de uma vírgula. Trata-se, sem ser isso, de uma tradução literal. Existe entre o verbo *"boire"* (*"buvons"*) e o verbo *"brindar"* (*"brindamos"*) uma ligeira nuance; o texto de chegada interpretou esse verbo como representando uma ação de festejar escolhendo o verbo mais adequado para criar esse efeito *"brindar"*; é de facto o que está subentendido no enunciado de partida.

O *"mopa"* a predizer o futuro ao Ungern: **«Au pays des neiges, là-haut, j'ai vu dans le vieux monastère ton souffle vital moribond. Il ne te reste que peu de temps, Ungern Khan...» [...] «Un peu plus d'un an, et ce que je dis est vrai. Un an de sang, de sacrifices et puis la mort te mordra la langue et te conduira dans le "bardo"...» «...ton aventure sera une réussite mais tu ne la comprendras pas. Tu arriveras là où tu veux arriver, mais tu périras dans le sang versé. C'est ce qui est écrit.»**

«Lá em cima, na região das neves, eu vi no velho mosteiro o teu sopro vital moribundo. Resta-lhe pouco tempo, Ungern Khan...» [...] «Pouco mais de um ano, Ungern Khan, e o que eu digo é verdade. Um ano de sangue, de sacrifícios e depois a morte morder-te-á a língua e conduzir-te-á ao “bardo”.» «...Mas a tua aventura será bem-sucedida, embora não o percebas. Chegarás onde queres, mas afogar-te-á no sangue derramado. É isso que está escrito.»

Há elementos que podem mudar de lugar num enunciado sem modificação apreciável do sentido; os dois primeiros elementos da frase foram intervertidos (complemento circunstancial de lugar + advérbio também de lugar) sem que o valor da mensagem seja por isso afetado. É a mudança de vocabulário que introduz algumas diferenciações; o substantivo masculino “*pays*” foi substituído pelo substantivo feminino “região”, alterando assim a noção de território, de delimitação do território. De resto, aplicou-se o procedimento da tradução literal. A modulação provem da mudança nítida entre o tratamento por “tu” no enunciado de partida e o tratamento por “você” no enunciado de chegada (“Resta-lhe”) mas isso unicamente na segunda frase porque o restante das falas vão utilizar o “tu” como no enunciado de partida através do pronome pessoal sujeito “tu” (subentendido, claro), do pronome pessoal complemento “te”, do adjetivo possessivo “tua”. Além disso, foi omitido a expressão francesa de restrição “*ne [...] que*” que podia ter sido traduzida com o advérbio “só” ou “apenas”. Em termo estrutural, a língua francesa obriga ao uso da preposição “de” entre o advérbio “*peu*” e o substantivo “*temps*”. O enunciado de chegada é muito mais económico do que o da partida. O texto de chegada procede à expansão do nome próprio, “Ungern Khan”, na terceira frase realçando assim a profecia que lhe é destinada. Alongando desta forma a frase, dá também um certo efeito na noção do tempo realçada com a repetição do nome da pessoa à qual se aplica. Notamos o procedimento da tradução literal até chegar à última fala que começa com a mudança de posição do advérbio “mas” - esse advérbio só aparece no início do segundo elemento da frase no texto de partida. O texto de chegada modificou a estrutura desta frase, utilizando a conjunção de concessão “embora” (“*bien que*”) para ligar os dois elementos da frase, isso implica a utilização do conjuntivo a seguir. Também houve uma mudança de categoria gramatical, uma transposição; o substantivo feminino “*réussite*” transformou no texto de chegada no adjetivo “bem-sucedida”. Observamos mais uma vez a língua portuguesa a ser económica graças a omissões, omissão do sujeito, usual, omissão do advérbio “là”, omissão do verbo “*arriver*” (“chegar”); a simplificação do enunciado (“Chegarás onde queres”) emite a mesma ideia e é mais direto. O restante respeita o procedimento da tradução literal.

Ungern ao Corto: «[...] **Et si l’occasion se présente, rappelez au monde que j’avais un destin tragique [...]**»

« [...] se puder, recorde ao mundo que eu tinha um destino trágico [...]»

Notamos a simplificação da expressão inicial que está introduzida no discurso sem a conjunção de coordenação “*Et*” mas diretamente com a conjunção “*si*” / “*se*”. A tradução à letra “se a ocasião se apresentar” não transmite de facto o sentido subjacente de “se houver oportunidade”. A escolha do verbo “poder” traduz não a generalização do enunciado de partida mas a própria implicação da pessoa à qual é dito esse enunciado visto se direcionar especificamente a ela. A perspetiva

generalizante transformou-se em perspectiva “individualizante” dando-lhe um sentido de responsabilidade e ao mesmo tempo, uma certa obrigação moral. A expressão portuguesa é mais forte do que a expressão francesa. O restante da frase aplica a tradução à letra.

Sabemos através de Dutcha, ao serviço do general Chang: **«L’amiral Kolchak a été trahi par nos alliés...Et nous ici en Mandchourie, que pouvons-nous faire? Rejoindre le baron Ungern-Sternberg, ou bien fuir pour devenir maîtres d’hôtel à Paris ou chauffeurs de taxi à New-York ?»**

«O almirante Kolchak foi traído pelos nossos aliados...E nós, aqui, na Manchúria, que poderemos fazer? Juntarmo-nos ao barão Ungern-Sternberg ou fugirmos para nos tornarmos “maîtres d’hôtel” em Paris ou taxistas em Nova Iorque?» (p. 113)

Sem dúvida, trata-se na primeira frase de uma tradução literal, respeitando a voz passiva. A segunda frase também foi traduzida à letra mas altera a pontuação realçando dessa maneira o lugar onde se encontram as pessoas (“aqui” / “na Manchúria”). A última pergunta mudou o ponto de vista inserindo a noção da primeira pessoa do plural (“nós”) no enunciado reforçando a ideia coletiva enquanto só está presente no enunciado de partida os verbos no infinitivo. A modulação implica mais as personagens na ação. É a primeira vez que empregaram o empréstimo. Esse procedimento consiste em não traduzir uma expressão da língua de partida na língua de chegada, deixando-a tal e qual. É o caso de “*maîtres d’hôtel*”, profissão com características específicas. Num restaurante, o “*maître d’hôtel*” é a pessoa que é encarregada da coordenação do pessoal em geral; é ela que recebe os clientes; sempre muito bem vestido, smoking obrigatório. A língua de chegada fez abstração da vírgula no meio do enunciado alongando nitidamente a pergunta. Observamos a economia da segunda profissão mencionada no texto de chegada: “taxistas”, uma palavra contra três em francês, “*chauffeurs de taxi*”. Relembramos ainda que a preposição colocada antes de uma cidade difere de uma língua para outra: “à” em francês, “em” em português, respeitando as normas linguísticas de cada língua.

O Corto Maltese dirige a palavra diretamente ao leitor no fim desta história: **«Le baron fou conduisit sa division de cavalerie asiatique en Mongolie et il occupa Ourga la ville sainte. Il gagna ses dernières batailles contre les soviétiques et réussit à hisser une fois encore l’étendard impérial des tsars en territoire russe. Il fut le dernier général blanc à être capturé. Il fut fusillé en nouvelle Sibérie. On racontait que si jamais quelqu’un allait l’appeler sur sa tombe, il répondrait,[..]»**

«O barão “louco” conduziu a sua divisão de cavalaria asiática na Mongólia e ocupou a cidade santa de Urga. Venceu as últimas batalhas contra os soviéticos e conseguiu hastear a bandeira imperial czarista em território russo, pela última vez. Foi o último general “branco” a ser capturado e foi fuzilado na nova Sibéria. Dizia-se que, quando alguém visitava a sua campa, ele respondia.[..]» (p. 127)

O adjetivo “louco” é circundado de aspas curvas no enunciado de chegada, admitindo dessa forma a alcunha dada a essa pessoa devida a essa particularidade moral que lhe é atribuída. Existe uma ligeira diferença entre os dois verbos “*gagner*” (“ganhar”) e “*vencer*” (“*vaincre*”), o segundo estando mais forte do que o primeiro e aplica-se especificamente ao contexto de guerra que é este precisamente. Houve uma melhoria de sentido. Houve uma mudança na ordem dos elementos que constitui a expressão de lugar: “*Ourga la ville sainte*” / “a cidade santa de Urga”; o facto de o enunciado de chegada colocar o nome da cidade em última posição provoca a integração de um complemento de nome começando pela preposição “de”. O enunciado de chegada fez abstração da noção do possessivo “*ses batailles*” / as batalhas”. O verbo “*réussir*” é transitivo indireto, o que explica a preposição “à” a seguir enquanto o verbo “conseguir” é transitivo direto. Houve uma transposição: o substantivo no complemento de nome “*des tsars*” foi substituído pelo seu adjetivo “czarista”. Relembramos a mudança de género das palavras “*étendard*”, masculino em francês e o seu equivalente, “bandeira”, feminino em português. O complemento circunstancial, sendo autónomo, o resto do enunciado não depende do seu lugar no enunciado. Tal não implica que a sua posição seja necessariamente indiferente ao sentido: “*une fois encore*” colocado mesmo a seguir o verbo no enunciado de partida, “pela última vez” sendo o último elemento da frase, no enunciado de chegada, reforçado ainda devido à vírgula anterior. O ponto de incidência não é o mesmo nos dois casos. Alias, devido à posição de cada um na frase, houve até uma mudança de valor devido à escolha do vocabulário: “*une fois encore*” (“mais uma vez”) / “pela última vez” (“*pour la dernière fois*”), o texto de chegada é muito mais específico do que o primeiro, não vai haver mais vezes a seguir àquela; essa noção não é tão transparente no texto de partida. A seguir, o texto de chegada preferiu unir as duas frases independentes do texto de partida com a conjunção de coordenação “e”, substituído o ponto final. Aparece mais um adjetivo circundado de aspas curvas no enunciado de chegada: “branco”; sendo pouco usual, é uma maneira de destacar o carácter racial da pessoa. A última frase do texto de partida obedece a regras bem específicas em termo de construção: *si* + pretérito imperfeito, condicional. Essas regras não são aplicáveis em língua portuguesa. Ao tentar encontrar um enunciado equivalente, a língua de chegada alterou completamente essa estrutura preferindo em vez da conjunção “*si*”, a conjunção “quando”. A estrutura do sistema linguístico é própria a cada uma das línguas; é precisamente na observação que podemos dar conta das especificidades de cada uma das línguas estudadas. Além disso, conforme as suas necessidades de comunicação própria, o texto de chegada fez mais uma divisão do enunciado, acrescentando mais uma vírgula em relação ao texto de partida.

III. A tradução/interpretação ou transmissão da história (a revolução russa) na banda desenhada.

Ler *Corto Maltese na Sibéria* é ser confrontado a uma relação com a História. O contexto proposto diz respeito a um passado longínquo reproduzido através da banda desenhada. A História vista através da linguagem e do olhar da banda desenhada é submetida a novas exigências e novas restrições. Pode até causar alguns constrangimentos quanto à sua aceitação. Observamos que o desenvolvimento dos temas (guerra, intrigas, conflitos, exército (s), mortes, violência, traição...) são

particularmente atrativos para satisfazer os aspetos extraordinários de uma aventura. Essa aventura cujo contexto histórico é datado, introduz um enquadramento geográfico preciso, definido obviamente em função da História: Rússia, Manchúria, Mongólia, China, estabelecendo o ambiente própria da pós-revolução. O contexto histórico e o contexto geográfico, indissociáveis um do outro, dão forma à aventura de Corto Maltese. Hugo Pratt a re-visitare a História desta forma acaba por ser um verdadeiro tradutor; traduz traços de memórias utilizando o desenho e a escrita. É a partir deste enquadramento, associando a banda desenhada e a pós-revolução russa, que vamos descobrir o ponto de encontro entre os dois, entre uma linguagem «où l’imagination du lecteur donne vie à des images fixes»¹⁵ e o modo como a História está encadeada nessa linguagem. Como é que a banda desenhada traduz a pós-revolução russa? Consegue traduzi-la sem a “desformar”? Essas interrogações definem o fio condutor da segunda parte do nosso estudo.

a) Divulgação na imprensa.

No primeiro capítulo, *Les lanternes rouges*/As “lanternas vermelhas”, à sua chegada a Hong-Kong, Corto Maltese procura saber o que se passa nas linhas da frente. «*La guerre en Europe est finie. Elle continue en Sibérie* /A guerra terminou na Europa. Continua na Sibéria» clama o distribuidor do jornal “Hong-Kong Gazette”. O leitor vê a seguir o Corto Maltese a ler o jornal:

Primeiro balão : «*100 000 soldats tchécoslovaques, déserteurs de l’armée autrichienne se sont soulevés contre les bolcheviques et se sont emparés du chemin de fer transibérien. Une force alliée a débarqué à Vladivostok... ainsi que les forces japonaises et américaines / 100 000 soldados checoslovacos, desertores do exército austríaco, revoltaram-se contra os bolcheviques e apoderaram-se do caminho-de-ferro transiberiano. Uma força aliada desembarcou em Vladivostok... bem como forças japonesas e americanas*».

Segundo balão : «*L’amiral contre-révolutionnaire russe Kolchak s’est proclamée dictateur de toute la Russie et d’une grande partie de la Sibérie. Les “seigneurs de la guerre” se batent en Mandchourie... Hmmh...Ils sont tous très bons amis. /O almirante contrarrevolucionário russo Kolchak proclamou-se ditador de toda a Rússia e de uma grande parte da Sibéria. Os “senhores da guerra” combatem na Manchúria...Hummn...São todos grandes amigos*».

Hugo Pratt insere um jornal no início do álbum para poder introduzir a História. A leitura do jornal permite definir o cenário e produzir uma sensação de realidade na sua aventura: os acontecimentos relatados na imprensa criam uma ligação com a realidade quotidiana, atiram a atenção de qualquer pessoa que deseja ser informado do que se passa no mundo, por mais, em guerra nesta altura. Permite desta forma tanto ao herói tanto ao leitor de conhecer os últimos desenvolvimentos dos acontecimentos. Os *média*, nomeadamente o jornal na época em que o Hugo Pratt escreveu a história e na época em que a história se situa, têm um papel muito importante de divulgação da informação. É uma maneira de ver a personagem de reagir “em direto” à informação e exprimir as suas emoções. E o leitor, ao ler, por cima do seu ombro, com ele, incluir-se na história, como que

¹⁵ Scott Mc Cloud, *Réinventer la bande dessinée (Reinventing comics)*, traduzido do inglês por Jean-Paul Jennequin, Paris, Vertige Graphic, 2002, p. 5.

assumido a visão pessoal do Corto Maltese. Assim o leitor assimile o mesmo conhecimento – através do jornal – que o Corto Maltese.

b) Comentários de personagens de ficção.

As personagens de ficção desenvolvem também um papel fundamental na divulgação da História; através das suas falas, dos seus comentários, encontramos índices evidentes da Revolução e as suas consequências.

Por exemplo, quando o major americano Jack Tippit disse a Corto Maltese: «*Qu'est-ce que je vous disais, Corto Maltese!... Vous voyez, entre alliés, nous nous mettons des bâtons dans les roues [...]*» /«Bem lhe dizia, Corto Maltese... Como vê, até entre os aliados nos colocamos entraves [...]» (p. 60), ele dá não só a sua opinião mas também demonstra as complexidades subjacentes da situação pós-revolucionária.

Essas falas das personagens fictícias constroem uma ilusão referencial e propõem uma sensação de autenticidade (quase) verídica; essas irrupções da primeira pessoa (singular ou plural) surgem como uma espécie de garantia da veracidade do relato; o leitor, ao ouvir os comentários dessas personagens, tem a ilusão que fazem parte integrante da História na qual estão a ser envolvidos.

Observamos outro procedimento: os questionamentos (cuja função é precisamente de focalizar a resposta) de algumas personagens fictícias, têm como objetivo de explicitar alguns pormenores históricos. Assim, quando Masha pergunta ao Semenov quem são os americanos, este último responde-lhe: «*Les américains? Ce sont des zhids...des juifs de Wall Street.*» «*Leur président Woodrow Wilson a trouvé comme bonne excuse que nous, les russes, lui devons un billion de dollars et il a envoyé ici, en Sibérie, un corps expéditionnaire pour le reprendre. Tout le reste n'est que prétexte pour justifier leur présence en Russie...*» «*Tu sais ce que je pense, Macha ? Le baron Ungern a raison quand il dit que les zhids veulent diviser le monde : Marx, Lénine et Trotsky sont aussi des juifs subversifs et bochéviques. Capitalisme et révolution sont entre les mains des zhids.*» / «Os americanos? São Zhids...judeus de Wall Street!» «O seu presidente, Woodrow Wilson, com a desculpa de que nós, os russos, lhe devemos um bilião de dólares, enviou para aqui, para a Sibéria, um corpo militar expedicionário, a fim de o reaver, tudo o resto, são pretextos para justificar a sua presença na Rússia.» «Sabes o que penso, Masha?... O barão Ungern tem razão quando diz que os Zhids querem dividir o mundo. Marx, Lenine e Trotsky são também judeus subversivos e bolcheviques. Capitalismo e revolução estão nas mãos dos Zhids.» (p. 80) Essa passagem serve a instruir o leitor, dando-lhe um ponto de vista e explicando-o. É evidente que este ponto de vista é estritamente canalizado conforme a posição político-militar do Semenov. É uma maneira de apreender a diferença cultural, a diferença de partido. Cada campo tem a sua própria visão e interpretação da revolução. A encenação da informação (pergunta/resposta) é essencial para que o leitor tenha a impressão de viver (de novo) o acontecimento podendo construir uma opinião própria acerca desta questão.

Permite também conhecer com antecedência uma personagem histórica, por exemplo, quando Corto Maltese pergunta diretamente à duquesa «Quem é esse Barão Roman von Ungern-Sternberg? A sua resposta elucida o leitor quanto a essa personalidade muito importante, isso antes de ela aparecer na aventura: «Um descendente em linha direta dos cavaleiros teutónicos estabelecidos na Estónia no século XII. A sua família foi liquidada pela “revolução”. Em maio de 1918 formou em Chita, com um cossaco, o general Semenov, o governo provisório da Transbaikalia. Deve estar algures na fronteira siberiana a tentar saber o seu futuro.» (p. 68) É através dessas sequências informativas que o leitor consegue ter uma ideia da personagem que vai entrar em cena e em ação mais tarde. Alimentam o seu retrato e sua personalidade. São elementos precursores ou anunciadores que permitem entrar em contacto com a personagem antes da sua aparição, faz com que o leitor já tenha a impressão de conhecê-la.

O leitor assiste a outro ponto de vista quando Xangai-Li disse a Corto e ao capitão Nino: «*L’or qui se trouve sur ce train servira la révolution asiatique. Des révolutionnaires mongols et chinois ont contribué à ce succès...*» «*La Russie a exploité pendant longtemps mon peuple. Il est temps que les occidentaux commencent à payer. Ils le feront avec cet or, et maintenant, sautez!*» / «O ouro que se encontra neste comboio servirá a revolução asiática. Revolucionários mongóis e chineses contribuíram para este sucesso...» Continuando, «A Rússia explorou o meu povo durante muito tempo. Chegou a altura dos ocidentais começarem a pagar. Fá-lo-ão com este ouro. Agora, saltem!» (p. 92). Essas irrupções, além de ser espontâneas e criar como tal um efeito de real, não são inocentes nem gratuitos. Dão uma visão particular da revolução consoante a personagem em questão e o lado a qual pertence, dando à noção de revolução pós-russa múltiplas facetas e quantos mais numerosas são, mais adversários se confrontam e mais pontos de vista o leitor apreende. Cada um dá conta de uma perspetiva diferente da revolução. Podemos afirmar que a banda desenhada de Hugo Pratt tem por ambição não só de representar uma parte da História mas de “pensar” a História. As personagens de ficção esclarecem, com as suas intervenções espontâneas, parte da História:

*Entre personnages à référent historique et personnages sans référent de ce type [...] les personnages n’ayant pas de référent historique sont très soigneusement intégrés aux réseaux de personnages ayant une identité historique, de sorte que, par là aussi, la distinction entre réalité et fiction se dilue ou se brouille.*¹⁶

Uma conversa entre a duquesa Marina Seminova e Spatzetov permite também de apreender outro conceito, as consequências da revolução vistas desta vez através do olhar de uma aristocrata russa:

A duquesa : «Spatzetov, não acredito nesta amizade com os aliados. De um momento para o outro, abandonar-nos-ão definitivamente.»

Spatzetov: «A nós, convém-nos seguir o Barão Von Urgern-Sternberg. Organizaremos com ele a luta contra o inimigo comum.»

¹⁶ André Peyronie, «Note sur une définition du roman historique suivie d’une excursion dans *Le Nom de la Rose*», *Le roman historique - Récit et histoire*, Editions Pleins Feux, Nantes, 2000, p. 284.

A duquesa : «Aquele judeu ucraniano, amigo de Lenine, dizia a mesma coisa. “Revolução permanente”... mas contra nós!»

Spatzetov: «O exército vermelho tem os seus problemas. Chegaremos da Ásia com as nossas legiões e reconquistaremos a Rússia!»

A duquesa : «Estamos muito desunidos...[..]?» (p. 59)

A distinção entre as personagens históricas reais e as personagens de ficção que falam delas e transmitem as suas opiniões como se fosse verdade, natural e espontânea, desaparece e acaba por diluir a fronteira que existe entre as duas categorias. Esses indícios determinam com mais precisões o cenário da pós-revolução e o grau da sua complexidade. O olhar particular das personagens de ficção acreditam a História em si, fomentando um enquadramento num “todo” inteligível e concreto; esta fusão de indícios dá força e realismo às situações revolucionárias encenadas por Hugo Pratt.

Até pode manifestar a falta de saída para alguns dos campos, deixando em aberta as interrogações sobre o que fazer. A complexidade da pós-revolução é tal, surgindo mudanças às vezes inesperadas ou que não correspondem às expectativas pretendidas. A falta de clareza e de certeza, meramente humana, cria um efeito de real incontestável. Assim, sabemos através de Dutcha, ao serviço do general Chang: «O almirante Kolchak foi traído pelos nossos aliados...E nós, aqui, na Manchúria, que poderemos fazer? Juntarmo-nos ao barão Ungern-Sternberg ou fugirmos para nos tornarmos “maîtres d’hôtel” em Paris ou taxistas em Nova Iorque?». As alternativas exprimidas pela personagem não têm respostas, ficam em suspenso num futuro indeterminado; ou seja o que está para vir, não se sabe exatamente o que será.

c) Omnipresença de personagens históricas: o almirante Kolchak.

O almirante Kolchak está omnipresente na totalidade do álbum através das falas das outras personagens mas em realidade, nunca aparece no decorrer da história; o leitor nunca se cruza com esta personagem tão importante em termo do desenvolvimento da ação; está ao mesmo tempo em todas as falas das outras personagens: todos querem apoderar-se do ouro do almirante Holchak; é o motor da ação e das rivalidades existentes entre as diferentes partes.

Em termos históricos, na obra de Hugo Pratt, o que se sabe sobre **o almirante Kolchak** ?

É um almirante contrarrevolucionário russo que se proclamou ditador de toda a Rússia e de uma grande parte da Sibéria. É uma personagem que não aparece na história, está ausente. Nem está presente no seu próprio comboio para defender o ouro da Rússia.

As outras personagens falam muito dele; para ser mais preciso, falam mais do seu comboio, “o comboio do almirante Kolchak”; tem esse nome porque transporta o tesouro imperial russo, depois da morte do czar e da sua família; sabe-se exatamente que foi no ano anterior, em Ecatemburgo, em nome do governo antirrevolucionário que o almirante Kolchak se apoderou

do tesouro imperial; a localização deste comboio revela-se ser muito importante e está a ser seguido de muito perto pelas pessoas que querem apoderar-se dele: interessa aos senhores da guerra chineses, aos bandidos manchus, aos aliados na Sibéria e às sociedades secretas como as “lanternas vermelhas” que recrutam homens e financiam a empresa;

O comboio encontra-se em primeiro lugar perto da fronteira mongol; está em andamento. Encontra-se depois em Udinsk, deste lado do lago Baikal. A cidade está nas mãos dos americanos, mas a via-férrea é controlada pelos checoslovacos e ocupada pelos comboios blindados de Semenov. É este último que está pronto a atacá-lo quando se encontra na outra linha.

Alguns consideram o almirante como sendo uma pessoa fantoche. Mas fantoche ou não, é um homem a ter em conta. Dado que, com os ingleses, os americanos apoiam-no, os japoneses vão tentar sustentar o seu governo na Sibéria.

O leitor sabe que ambos Semenov e Ungern que se odeiam, desprezam o almirante, que Kolchak dificilmente se aliará a qualquer deles.

Estrategicamente, a Manchúria é controlada pelos japoneses, e Semenov e outros chefes cossacos do governo de Kolchak estão sob a proteção dos japoneses.

Finalmente, sabe-se que o almirante foi traído pelos aliados.

Não podemos afirmar que representa um papel insignificante, bem pelo contrário. É uma personagem que contribui para comprovar o efeito de realidade. Ao falar do almirante Kolchak, as outras personagens constroem um enredo de verossimilhança, uma concatenação lógica de ações. Podemos atribuir-lhe um estatuto particular apesar da sua ausência física na história: é uma personagem-âncora que estabelece ligações entre as personagens entre elas. Permite também ao leitor presenciar detalhes que contribuem para o funcionamento da estrutura ficcional realçando, no entanto, o papel do real, a personagem podendo afirmar "Não estou presente mas eu existo, sou real, as pessoas falam de mim". A questão é que essa personagem ausente está subordinada ao todo em termo de função da estratégia militar, cada campo tenta saber o que faz o outro para entrar em ação.

Nicolas Werth¹⁷, diretor das investigações no *Institut d'histoire du temps présent*, interrogou-se sobre o que tinha acontecido a este tesouro: o que é certo, é que no momento do ataque pelo Ungern-Sternberg ou pelo Semenov, o comboio descarrilou e caiu de facto no lago Baikal. A lenda continuou a atormentar as imaginações. Pesquisas foram realizadas (em segredo) desde de 1922 pela GDU, polícia do governo bolchevique. Sem sucesso. Trinta anos mais tarde, Lavrenti Beria, chefe da Segurança do Estado, organiza uma nova expedição com um submarino tecnologicamente bem equipado. Em vão. Só em 2009 é que Mir-1 e Mir-2, dois batiscafos, avistaram os restos do comboio a mais de 1000 metros de profundidade...

¹⁷ Nicolas Werth, “Poutine sur les traces du trésor”, *“Corto Maltese”, L’Histoire Mariane*, hors-série, p. 68.

d) Aparição e ação - vivida “em direta”- de personagens históricas: Grigori Mikhaïlovitch Semenov, o general Chang, o barão Roman Fedorovitch von Ungern-Sternberg, o camarada Suke Bator.

Em termos históricos, na obra de Hugo Pratt, o que se sabe sobre **o Grigori Mikhaïlovitch Semenov?**

Observe-se a sua caraterização física através do desenho; fala por si; não precisa de comentários. Relembramos que a banda desenhada é um texto multimodal: a imagem e o texto se complementam um ao outro.

Temos informações reveladoras que acabam por formar a sua caraterização psicológica. É sem dúvida um homem a ter em conta, com uma personalidade muito forte e poder! Não pode ser provocado. É conhecido pela sua reputação de assassino; essa ideia é reiterada varias vezes: “É o pior inimigo e o pior amigo que se pode ter. É um assassino incorrigível”; “Aquele Semenov é um maldito assassino”. O capitão russo Nino quer matá-lo para eliminar “um assassino, indigno de pertencer ao exército czarista”.

Essa personalidade é estreitamente ligada à sua posição, ao seu cargo poderoso. É o comandante Semenov, chefe dos cossacos do Baikal, General da “Divisão selvagem”. Os japoneses vão tentar sustentar o seu governo na Sibéria. Sabemos que a Manchúria é controlada pelos japoneses, e Semenov e outros chefes cossacos do governo de Kolchak estão sob a proteção dos Japoneses. É graça a essa proteção que o seu comboio russo atravessa a Manchúria chinesa.

O único objetivo do Semenov, visto acreditar que esta guerra está perdida - é o que diz à Ungern -, é apoderar-se do ouro imperial. A única coisa que pode fazer é pegar no que resta do ouro imperial e, sob um nome falso, fugir para bem longe.

Em termo militar, ele não confia nem nos japoneses nem nos aliados, apenas nos seus comboios blindados. Sabe que os chineses e os japoneses não gostam dele mas utilizam-no. Com os seus comboios blindados e o “destruidor”, ele pode manter o exército bolchevique longe do seu território – o seu território e o seu poder são bem definidos – pelo menos durante vários anos. Ele e Ungern são aliados apesar de se odiar; ambos desprezam o almirante Kolchak; têm inimigos em comum, da Mongólia, contra os quais lutam.

A plena ação para conseguir o seu objetivo: Semenov prepara-se para atacar o comboio do almirante; o seu comboio dirige-se para Chita. Plano estratégico: vigia permanente da via-férrea; os americanos controlam a entrada da via-férrea de Chita. Fica surpreendido pensando encontrar os japoneses nessa posição estratégica e não os americanos. O que lhe interessa é o nó ferroviário de Karymskoïe porque é precisamente aí que vão atacar o comboio imperial do almirante Kolchak. Quando esse se encontra do outro lado da linha, os canhões do “destruidor” estão prontos; o ataque é iminente. Corre mal. Ele tenta fugir sozinho. Pensa-se um momento que ele está ferido mas não é nada. Ele consegue efetivamente fugir (segundo Xangai-Li).

Em termos históricos, na obra de Hugo Pratt, o que se sabe sobre **o general Chang**?

Há similitudes entre o general Chang e Semenov.

Observa-se a sua caraterização física através do desenho.

Temos informações reveladoras que acabam por formar a sua caraterização psicológica ligada à sua posição ou ao seu cargo poderoso: é um poderoso senhor da guerra, membro da seita chamada “Dragão negro”, o chefe da Manchúria e como tal, tem soldados em patrulha sob o seu comando; não hesita em matar o seu adversário, fuzila-lo. Essa ideia é reiterada varias vezes; na Manchúria, na melhor das hipóteses, é de acabar frente a um pelotão de execução do senhor da guerra, Chang Tso-Lin. Até o seu soldado Dutcha deplora ter frequentado a escola imperial russa para se tornar instrutor de um bando de assassinos como estes senhores da guerra, incluindo o Chang. Soa como uma verdadeira ameaça e risco. Ele costuma ser impiedoso. «É estranho. De há uns tempos para cá, há uma série de indivíduos que morrem sem compreender certas coisas...», disse ele ao Corto Maltese, justificando o seu poder.

Tem o mesmo objetivo que Semenov: apoderar-se do comboio russo carregado de ouro; é estrategicamente que deixa o Corto Maltese ir embora; «Livre, Corto Maltese proporcionar-me-á aquilo que mil torturas nunca conseguiram: conduzir-me-á ao comboio do ouro russo!», disse ele ao seu empregado chamado “uma orelha”. Mandou segui-lo.

Em termo militar, também tem um comboio blindado, o “dragão negro”.

A plena ação: o seu comboio aproxima-se do território inimigo. Será vencido pelos soldados de Suke Bator. Houve pouco sobreviventes do comboio milita do general Chang; foram entregues ao cuidado de um oficial japonês, em Hailar. Mas como o Semenov, o general Chang consegue escapar à catástrofe ferroviária.

Final trágico: vivia em Hong Kong sob um nome falso, Wu Feng, e traficava armas. No dia da sua detenção em nome de sua graciosa majestade britânica, morreu; o seu chá estava envenenado.

Em termos históricos, na obra de Hugo Pratt, o que se sabe sobre **o barão Roman Fedorovitch von Ungern-Sternberg**, conhecido como “o barão louco”. Combate com Semenov os bolcheviques.

A sua aparência física é dada diretamente através dos desenhos.

Antes de aparecer ao leitor, personagens fictícias - como a duquesa, Spatzetov, Corto Maltese - falam sobre ele. É assim que o leitor sabe quem ele é, o seu objetivo, o seu aliado militar. Essas conversas funcionam como elemento de antecipação que define uma parte da personalidade do barão antes da sua aparição efetiva na aventura.

Quem é ele? Um descendente em linha direta dos cavaleiros teutónicos estabelecidos na Estónia no século XII. A sua família foi liquidada pela “revolução”. Em maio de 1918 formou em Chita, com um cossaco, o general Semenov, o governo provisório da Transbaikalia.

Psicologicamente, é uma pessoa difícil. Uma particularidade acentuada é a sua loucura (“Está louco.” / “Tudo isso é obscenamente louco” / «Deliras, Ungern», disse-lhe Semenov...); consegue-se sentir a sua loucura no seu comportamento, irracional aos olhos do seu aliado. Quando exclama a Semenov : «Em frente !... Em busca das nossas loucuras e das nossas glórias!» Acrescentando-lhe: «Somos magníficos, Semenov... Magníficos...» A sua loucura transparece nas suas falas. Semenov responde-lhe, sem o contrariar: «Magníficos e loucos. Vão... Vão...O exército vermelho cortar-vos-á em bocados...». Vive para atingir o seu objetivo independentemente das realidades alheias. Além disso, o leitor pode ainda identificar parte da sua loucura através da sua preocupação com o futuro, preocupação doentia ao ponto de mandar vir um “mopa”, um adivinho tibetano: «Lá em cima, na região das neves, eu vi no velho mosteiro o teu sopro vital moribundo. Resta-lhe pouco tempo, Ungern Khan...» [...] «Pouco mais de um ano, Ungern Khan, e o que eu digo é verdade. Um ano de sangue, de sacrifícios e depois a morte morder-te-á a língua e conduzir-te-á ao “bardo”.» «...Mas a tua aventura será bem-sucedida, embora não o percebas. Chegarás onde queres, mas afogar-te-á no sangue derramado. É isso que está escrito.» O próprio o reconhece: assistir a isso é “algo preocupante”.

A sua caracterização psicológica é obviamente ligada à sua posição ou seu cargo poderoso: é o chefe da divisão de cavalaria asiática, tem soldados a patrulhar a fronteira, a fronteira siberiana está nas mãos dele.

O seu aliado militar : Semenov mas não concordam um com o outro; odeiam-se; enquanto, para Semenov, esta guerra está perdida, o barão vai lutar até ao fim!

O seu único objetivo : fundar um império asiático para partir à conquista da Europa. Pensa que é a reencarnação de Gengis Khan...Está convencido de que uma nova horda partirá da Mongólia e dominará o mundo. Uma nova elite de aristocratas guerreiros.

A plena ação: imagem histórica da pós-revolução no próprio terreno; ele é visto com Semenov; fala-lhe dos planos dele; os seus planos correspondem ao seu objetivo, definido anteriormente pela personagem fictícia, Spatzetov. Ele parta para Dauria... para organizar o ataque contra os seus inimigos da Mongólia, mas necessita do apoio dos japoneses e de Chang Tso-Lin, o chefe da Manchúria. Está convencido de ter uma missão a cumprir e muito pouco tempo para a fazer... A “divisão de cavalaria asiática”, que ele comanda, partirá à conquista de Urga, na Mongólia. E daí irão combater os bolcheviques que andam a meter o nariz na política mongol, coadjuvados por dois mongóis subversivos: Tchoïbalsan e Suke Bator...

A sua opinião é bem definida e determina com convicção a sua luta: Os senhores da guerra chineses lutam entre si, e os bolcheviques aproveitam-se disso para criar um movimento revolucionário mongol. Se o conseguirem, será o fim do seu mundo; só a partir de uma Ásia livre do bolchevismo poderão reconquistar a Rússia e a Europa; com a sua divisão de cavalaria asiática, ocupará Urga, a cidade santa da Mongólia, e depois, como um novo Átila, Gengis Khan ou Tamerlão, atacará a Rússia vermelha... Voltamos a cruzar a personagem, sozinha, com os seus próprios pensamentos: «Quantas vezes Gengis Khan terá subido esta muralha?... Tenho de continuar a sua missão, dar à

Asia a nostalgia do culto solar do passado...» «...do mar do Japão ao golfo da Finlândia, o sol amarelo combaterá a estrela vermelha dos bolcheviques...» «Uma nova guerra religiosa. Simplesmente uma contrarrevolução mais temível que a sua revolução.» (p. 96) «O xamanismo e a ética da guerra serão as únicas religiões verdadeiras. Os fineses, os brancos do yang-tsé e os ainus, celebram os mesmos mistérios das origens ao ritmo de tambores de pele de rena. Chegou a hora de voltar aos cultos perdidos.» (p. 97) Esses pensamentos descrevem o estado de espírito de alguém que acredita plenamente na sua ação. Está firmemente empenhado em atingir o seu objetivo. Ninguém consegue derrubar a sua convicção. Traduz mais um ponto de vista sobre a pós-revolução, uma visão bem pessoal e caracterizadora da personagem.

Missão cumprida: Ungern tinha dito ao Corto: «Se puder, recorde ao mundo que eu tinha um destino trágico [...]». Soa como uma antecipação do futuro. Efetivamente, no final da aventura, é o próprio Corto Maltese que dá a conhecer ao leitor a morte de Ungern: «O barão “louco” conduziu a sua divisão de cavalaria asiática na Mongólia e ocupou a cidade santa de Urga. Venceu as últimas batalhas contra os soviéticos e conseguiu hastear a bandeira imperial czarista em território russo, pela última vez. Foi o último general “branco” a ser capturado e foi fuzilado na nova Sibéria. Dizia-se que, quando alguém visitava a sua campa, ele respondia.»

Em termos históricos, na obra de Hugo Pratt, o que se sabe sobre **o camarada Suke Bator?**

O camarada Suke Bator é outra personagem histórica mas pouco aparece no álbum, só no final da aventura; tem um irmão, Bogdo.

A sua aparência física é dada diretamente pela imagem.

Não temos muitas informações sobre o chefe das tropas revolucionárias na Mongólia autónoma. O nome dessa personagem histórica só aparece no final da aventura. Segundo o barão Ungern-Sternberg - conhecem-se -, é um mongol subversivo.

A sua posição: é um jovem oficial de artilharia instruído por oficiais russos da escola imperial.

A sua caraterização: é um homem interessante e capaz, que escolheu o bolchevismo.

O seu quartel-general: Bolkan; é daí que os patriotas mongóis partem para fazer face aos estrangeiros e imperialistas.

A plena ação: deter o comboio do general Chang que penetrou o seu território, “o dragão negro dobrado”; dinamitando a ponte, o comboio caiu ao lago; “magnifico golpe”, pensa ele.

A presença dessas personagens históricas na banda desenhada pode ser definida como uma concatenação de ações em oposição à mera sucessão histórica de factos relatados. São vistas em plena ação. "Ação" não é o mero facto de fazer algo. A ação é uma esfera de existência. São indivíduos reais históricos que vivem ou, para ser mais preciso, voltam a ganhar vida¹⁸ (através

¹⁸ Cf. Claudie Bernard, Le passé recomposé. Le roman historique français du dix-neuvième siècle, Hachette, 1996.

de Hugo Pratt) na esfera da ação, que são capazes de conceber grandes planos e de arriscá-los no confronto com outros grandes planos e com os golpes do destino de acordo com a História. Henry James dizia na *The art of Fiction*: «*Qu'est-ce qu'un personnage sinon la détermination de l'action? Qu'est-ce que l'action sinon l'illustration du personnage ?*»¹⁹. Posto assim, essa dicotomia demonstra que os dois conceitos, "personagens" de um lado e "ação" do outro lado, são complementares e não podem existir sem o outro. A verossimilhança também diz respeito ao que pode ser esperado de um indivíduo vivendo nesta ou naquela situação, que tipo de percepção, sentimento e comportamento pode ser-lhe atribuído. A perspectiva de Hugo Pratt é de "mostrar" essas personagens "a falar" englobando nas falas a História em si:

*Si je devais définir mon activité, je dirais que je suis un écrivain qui dessine et un dessinateur qui écrit même si le texte lui-même n'est composé que du dialogue nécessaire. Pour moi, aujourd'hui, le graphisme part de la nécessité d'un trait pour aller à l'impératif de la parole. Ainsi naît une bande dessinée*²⁰.

O imperativo da linguagem oral e a História, esses dois aspetos estão entrelaçados entre si na banda desenhada. Desta forma, a ficção permite distribuir capacidades de experiência sensorial, ou seja o que o indivíduo histórico pode viver, sentir, experienciar conforme o seu papel na História; o leitor o vê desenvolver ações mas também vê os seus sentimentos, gestos e comportamentos no momento. O conjunto das circunstâncias históricas não chegam a ser "alteradas" com as falas das personagens que se comportam conforme a lógica representativa das suas personalidades. Hugo Pratt coloca assim as falas destas personagens num espaço e tempo que têm a ver com o espaço e tempo das ambições e das expectativas da própria História.

A banda desenhada é manifestamente um suporte que privilegia a oralidade, materializando-a através dos balões, esses espaços que contêm os diálogos das personagens. A preferência pela oralidade é considerada como um recurso de efeito de real cujo Roland Barthes, define no seu texto *L'effet de réel*, afirmando que: «*ce même "réel" devient la référence essentielle dans le récit historique, qui est censé rapporter "ce qui s'est réellement passé" .*»²¹. «*Le "réel concret" devient la justification suffisante du dire.*»²² Além de passar a sensação de realidade ao leitor, a escrita imitando a fala reforça o caráter histórico que a obra, mesmo sendo ficcional, carrega. As falas acabam por dar materialidade ao passado.

Podemos atribuir a Hugo Pratt o que Michel Raimond atribuiu a Walter Scott: «*il redonnait au dialogue la première place : un dialogue naturel, familial, parfois humoristique, mais qui participait activement à l'action, qui, souvent, constituait l'action elle-même.*»²³

A banda desenhada de Hugo Pratt foi construído a partir de componentes específicas que podemos definir assim:

¹⁹ Citado por Vincent Jouve, *L'effet-personnage dans le roman*, Paris, PUF, 1998, p. 170.

²⁰ Hugo Pratt, *Le désir d'être inutile. Souvenirs et réflexions – Entretiens avec Dominique Petitfaux*, Paris, Robert Laffont, 1999, quatrième de couverture.

²¹ Roland Barthes, "L'effet de réel", *Littérature et réalité*, Paris, Editions du Seuil, 1982, p. 87 : «*Esse mesmo "real" passa a ser referência essencial da narrativa histórica, que se supõe que relate "aquilo que se passou realmente" .*»

²² *Ibid.*

²³ Michel Raimond, *Le roman depuis la révolution*, Paris, Armand Colin, Collection U, 1981, p. 21.

- **Domínio do contexto histórico:** refere-se ao que está acontecendo, à natureza da ação, sem dúvida, militar e estratégica envolvendo vários campos adversos.
- **Relações dentro do contexto histórico:** refere-se à natureza dos participantes envolvidos na interação, as personagens históricas tendo todas uma posição, um cargo importante que lhes dá certas características psicológicas que Hugo Pratt manipula com criatividade, reforçando desta forma o efeito de realidade: as personagens, *«apparaissent comme des éléments stratégiques pour ancrer le texte dans le réel, produire des effets de réel: par leur nom, leurs qualifications, leur comportement.»* «La fonction d’ancrage réaliste [...] peut se renforcer de personnages référentiels (‘à clé » ou non) historiques»²⁴, afirma Yves Reuter.
- **Modo do discurso da banda desenhada:** a linguagem oral; refere-se às funções particulares que são determinadas pelas falas na(s) situação (ões) observada (s); não é um relato de acontecimentos históricos que tem as suas próprias exigências; nos balões, a mensagem que representa a oralidade, é a personagem que fala de facto “em voz alta”; permite que o leitor seja uma testemunha oculta do que está a acontecer, favorecendo um desenvolvimento acional “em direto”, *«le phénomène plong(eant) le lecteur in media res d’une temporalité exerçant un déterminisme plus ou moins aléatoire, plus ou moins symbolique.»*²⁵

e) A banda desenhada e a conceção da História: Hugo Pratt e a banda desenhada “histórica”?

Será que existe a banda desenhada histórica como existe o romance histórico? Carregando obviamente as suas próprias dificuldades sendo, como o indica Georges Lukacs, um “género falso”²⁶ visto ser um esforço para conciliar duas ações contraditórias, uma consiste a elaborar uma banda desenhada, a outra consiste a escrever a História. A verdade é que o leitor que está à espera que lhe seja contado uma história, uma aventura, encontra também a História. Não podemos negar que a forma artística de Hugo Pratt nasce de uma necessidade de exprimir um conteúdo essencial e consistente, daí toda a sua estética. Não se considera um simples autor de banda desenhada; relembramos o seu comentário a propósito do seu álbum *“De la ballade de la mer salée”*, *«premier grand roman de littérature dessinée»*. Ideia realçada pelo seu grande amigo e historiador, Michel Pierre: *«Ce sont de véritables romans; c’est de la littérature dessinée»*²⁷. Dominique Petitfaux, historiador da banda desenhada, confirma que muitas das vezes, Corto Maltese é apresentado como uma “banda desenhada literária”²⁸.

Será que podemos considerar Hugo Pratt como sendo um historiador? Parece um dilema; muitos que consideram a banda desenhada como sendo marginal, recusarão definitivamente esta

²⁴ Yves Reuter, “Le personnage”, *Pratiques*, nº 60, 1988, p. 7.

²⁵ Alain Montandon, “Le roman historique en Allemagne au XIX^e siècle”, *Le roman historique - Récit et histoire*, Editions Pleins Feux, Nantes, 2000, p. 79.

²⁶ Citado por Michel Raimond, *Le roman depuis la Révolution*, Paris, Armand Colin, Collection U, 1981, p. 27.

²⁷ Cf. Emissão “*La fabrique de L’Histoire*”, France Culture, juillet 2013.

²⁸ Dominique Petitfaux, “Hugo Pratt ou l’histoire vagabonde”, *Corto Maltese, L’Histoire Mariane*, hors-série, p. 5.

proposta. No entanto convém aprofundar a reflexão. Hugo Pratt, ao longo da sua obra, procurou e encontrou na História os cenários das suas aventuras. Encontramos nelas personalidades históricas; essas figuras aparecem na sua verdadeira grandeza histórica. *Corto Maltese na Sibéria* seguiu este padrão mesmo se, para esse cenário especificamente, para a Ásia em comparação a outros cenários de guerra, «*c'était une connaissance beaucoup plus livresque et beaucoup plus d'imaginaire ; comme les génies de la création, entre ce qu'il connaissait vraiment de près et ce qu'il reconstituait après ses lectures ou un autre savoir, d'images, cinéma...on ne fait pas la différence.*» Se não é de facto um historiador (não é a sua formação), não podemos negar que Hugo Pratt é um apaixonado pela História, um amador cujos interesses, experiências, pesquisas, criatividade levou a conceber uma obra rigorosa em termo documental onde a articulação entre História e ficção é manifeste.

Para Jennifer Heurley, investigadora, geografa e “*maître de conférence à Aix-Marseille Université*”, é notável o «*formidable instinct d'Hugo Pratt pour la compréhension de l'histoire profonde au-delà de la connaissance historique précise qu'il peut avoir de tel ou tel conflit, la connaissance géographique de telle ou telle aire géographique, il a un instinct, des mécanismes qui mènent à des événements historiques*»²⁹.

Se consideramos o romance histórico sendo uma mistura de ficção e de realidade, como não podemos considerar a banda desenhada, realizada com o mesmo empenho, da mesma forma? Dominique Petitfaux, baseando-se nas confissões de Hugo Pratt, responde a essa pergunta negativamente. Não, segundo ele, *Corto Maltese* não é uma banda desenhada histórica porque, o que Hugo Pratt utiliza na História, são mais as suas incertezas do que os seus factos fundamentados. «*Un jour on tombe sur un manque, le document recherché a, par exemple, brûlé au Moyen-Age, et c'est alors que quelqu'un comme moi peut occuper ce vide en créant une histoire*»³⁰, lhe confessou Hugo Pratt. Construiu *Corto Maltese* entre a História e o sonho, acrescenta Dominique Petitfaux. Precisamente. Num romance histórico, numa banda desenhada histórica, acrescentamos nós, «*à la limite, l'Histoire n'est qu'un "effet de réel" servant d'alibi à une fiction qui ne lésine pas sur les ingrédients romanesques*»³¹. Podemos confirmar que «*qu'il y ait de l'histoire dans le roman historique, nul ne songerait à le nier, mais c'est la fiction qui, toujours, commande*»³². A definição dada pela Myriam Roman, «*envisagé dans sa définition la plus large, le roman historique se concentre sur une période passée, dont il prétend offrir une reconstitution en mêlant personnages historiques aux inventions de la fiction*»³³, pode perfeitamente aplicar-se à banda desenhada histórica. As ficções de Hugo Pratt, na preocupação de garantir rigor documental, são

²⁹ Cf. Emissão “*La fabrique de L'Histoire*”, France Culture, juillet 2013.

³⁰ Dominique Petitfaux, “Hugo Pratt ou l’histoire vagabonde”, *Corto Maltese, L’Histoire Marianne*, hors-série, p. 10.

³¹ Yves Ansel, “L’irrésistible ascension du romanesque dans le roman historique”, *Le roman historique - Récit et histoire*, Editions Pleins Feux, Nantes, 2000, p. 115.

³² *Ibid.*, p. 117.

³³ Myriam Roman, “Victor Hugo et le roman historique”, *Victor Hugo 4 : science et technique*, Paris-Caen, Lettres Modernes MInard, coll. La Revue des Lettres Modernes, 1999, p. 133.

indubitavelmente datadas, geograficamente enquadradas, utilizam personagens históricas reais. Como o romance histórico, Hugo Pratt «*affirme en priorité le caractère fictif de son intrigue, mais lui donne vraisemblance par le cadre (spatial et temporel) et par les ressorts profonds de l'action*»³⁴. Como Walter Scott fez nos seus romances históricos, Hugo Pratt «*mêle personnages fictifs et réels dans un cadre et sur un fond d'événements authentiques, mais il se sert plutôt d'une destinée individuelle pour éclairer une partie de l'Histoire*»³⁵. Assim, o seu herói, Corto Maltese, atravessa a sua época - início do século XX – como uma testemunha sempre “fora” dos acontecimentos, daí o seu autor definir a sua obra como uma ficção para fazer sonhar. Mas não podemos deixar de dizer que a aventura não faria sentido sem este contexto histórico específico. A perceção histórica prevalece ao lado da ficção. A criatividade de Hugo Pratt não exclui o seu sentido preciso que tem da História. No *Corto Maltese na Sibéria*, atesta Michel Pierre³⁶, ele descreve um mundo, resultado das suas leituras sobre a vida de Ungern-Sternberg ou sobre a revolução russa, de fotografias de época, de mapas e testemunhas diversas. Para atingir uma verosimilhança máxima, até pede a colaboração do desenhador Guido Fuga que vai desenhar com um rigor extremo os comboios blindados da guerra civil russa.

Este trabalho documentário histórico que Hugo Pratt efetuou para cada uma das suas obras pode servir a “instruir”, mesmo se for através de uma linguagem iconográfica, mesmo se for através de um cenário sob a forma de uma sucessão de desenhos e balões. Tendo as mesmas características que o romance histórico - que evidentemente junta ficção e História -, a sua obra não deixa de ter virtudes educacionais, o aspeto histórico não pode ser dissociável do aspeto ficcional, vice-versa. Cada género apresenta características específicas que lhe é próprio criando modos ou efeitos de leitura particulares. O papel do leitor é essencial.

Conclusão

A revolução ou mais precisamente a pós-revolução russa é vista através das falas das personagens; devemos sublinhar o primado da oralidade na obra de Hugo Pratt; é manifestamente a língua falada que é objeto desta pesquisa, através da análise das traduções para a língua portuguesa das falas das (ou sobre as) cinco personagens históricas, explorando assim a palavra “tradução” no seu primeiro sentido, ou seja, a passagem de uma língua para outra.

Segundo Walter Benjamin, «a tradução é uma forma. Para a apreender enquanto tal, é necessário regressar ao original, pois nele reside a lei da tradução, contida na sua traduzibilidade»³⁷. Segundo Umberto Eco, «*traduire, c'est dire la même chose en d'autres langues*»³⁸. Cada tradução começa

³⁴ Rey Pierre Louis, *Le Roman*, Hachette, 1992, p. 18.

³⁵ *Ibid.*, p. 17.

³⁶ Cf. *Corto Maltese, L'Histoire Marianne*, hors-série, p. 69.

³⁷ Benjamin Walter, *Linguagem, Tradução, Literatura (filosofia, teoria e crítica)*, Porto, Assírio & Alvim, 2015, p. 62.

³⁸ Umberto Eco, *Dire Presque la même chose. Expériences de traduction*, Paris, Grasset, 2006, p. 7.

pela interpretação do texto a traduzir. Num processo de tradução, a compreensão é essencial; é o ponto de partida. O tradutor é antes de tudo um leitor mas um leitor particular visto que a sua tarefa é de dar acesso a leitores que não conhecem a língua original saberes, conhecimentos, informações na sua própria língua:

*La traduction a pour but de faire connaître ce qui a été dit ou écrit dans la langue étrangère. Celui qui traduit ne traduit pas alors pour comprendre mais pour faire comprendre. Il a compris avant de traduire.*³⁹

Para apreender a autentica relação entre o original (*Corto Maltese en Sibérie*) e a sua tradução portuguesa (*Corto Maltese na Sibéria*), escolhemos construir a nossa análise com os procedimentos de Vinay e Darbelnet. Para estes autores, «*la traduction est une discipline exacte, possédant ses techniques et ses problèmes particuliers [...]*»⁴⁰ É o que afirmava Georges Mounin, «*comme la médecine, la traduction est un art mais un art fondé sur une science*»⁴¹. Não se tratou aqui de criticar as escolhas das tradutoras, Maria José Pereira e Paula Caetano, mas de encontrar as especificidades de cada língua. Foi antes de tudo um estudo de natureza comparativa onde foi privilegiada a abordagem descritiva. A tradução permite descrever o funcionamento das línguas verificando-se que cada língua tem um sistema linguístico específico, um sistema de articulação diferente, determinante das suas necessidades comunicativas. As comparações dos enunciados permitem afirmar que as tradutoras foram levadas a fazer escolhas conforme as suas necessidades de comunicação segundo as normas da língua de chegada. Sem ser exaustivo, podemos relembrar por exemplo algumas das divergências⁴² linguísticas encontradas:

- Os pronomes pessoais sujeitos são geralmente omitidos em português;
- O artigo indefinido emprega-se com menos frequência em português; no plural a omissão é usual (*J'ai des amis* / tenho amigos);
- Ao contrário do francês, na língua portuguesa, o artigo definido (a/o/as/os) precede o adjetivo possessivo (*notre ami/o* nosso amigo; *notre retour/o* nosso regresso);
- A mudança de género de substantivos leva a outras concordâncias no restante da frase, ou seja a característica do género se manifesta noutros pontos do enunciado (“*année*”, “*armée*”, feminino em francês/ “ano”, “exército”, masculino em português);
- A noção de “segunda pessoa do plural” (“*vous*”) exprime-se no contexto português de outra forma;
- Os pronomes “*en*” ou “*y*” são elementos pertinentes em francês que decorrem automaticamente do contexto em que surgem, muitas das vezes, essa informação é simplesmente eliminada em português;

³⁹ Jean-Paul Vinay, Jean Darbelnet, *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, Paris, Didier, 1977, p. 24.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 23.

⁴¹ Georges Mounin, *Les problèmes théoriques de la traduction*, Paris, Gallimard, 1963, p. 16-17.

⁴² Notamos que os exemplos que servem de ilustração são tirados do álbum.

- A tradução do pronome indefinido “on” é feita diretamente através do verbo conjugado na terceira pessoa do plural (“on nous comunique” / “comunicam-nos”; “on m’a dit” / “disseram-me”) ou através da partícula “se” aplicada ao verbo (“...qu’on puisse avoir” / “...que se pode ter”). Nunca foi encontrada a expressão “a gente”;

- As preposições (palavras invariáveis) podem não ser idênticas de uma língua para outra. Depende das expressões e dos contextos, reafirmando que não há paralelismo, que a nomenclatura francesa não é totalmente paralela à nomenclatura portuguesa, respeitando as realidades comunicativas de cada língua (“se faire l’allié de” / “aliar-se a”; “hériter de” / “herdar” sem preposição a seguir);

- Não há sempre paralelismo entre os tempos verbais - utilizados exatamente nas mesmas circunstâncias - de uma língua para outra: podemos dar o exemplo do advérbio “peut-être que + condicional” em francês / “talvez + conjuntivo em português”; as relações de dependências entre as unidades linguísticas não são idênticas.

- Não existe em francês o infinitivo pessoal!

- Em termo de vocabulário, sabemos que a palavra como “ataman” (decalque da palavra russa em francês) não corresponde em português a nada de preciso; não tendo um signo disponível, foi encontrado um equivalente.

- Em termo frásico, houve mudança de posicionamento de certos elementos na língua de chegada, por exemplo certos complementos circunstanciais; sabemos que podem mudar de posição sem mudar o sentido, é verdade mas notamos que a ênfase que sobressaia nestas deslocções tem toda a sua importância em termo de interpretação da mensagem conferindo-lhe valores ou nuances notáveis;

- Ainda, a mudança de posição do pronome pessoal complemento diz respeito ao funcionamento de cada língua, antes do verbo em francês, depois do verbo em português (“m’a enchanté” / “encantou-me”), não altera como no exemplo anterior a interpretação dos enunciados;

- Cada língua tem os seus próprios sons; os nomes estrangeiros por exemplo respeitam por escrito a fonética de cada língua (o som “ou” / “u” – a cidade a *Ourga* / Urga);

- O mais surpreendente é a pontuação (vírgulas, reticências, aspas, ponto de exclamação...) que não desempenha o mesmo papel de uma língua para outra; houve muitas alterações, a língua de chegada altera os sinais gráficos, acrescentando ou até mesmo modificando-os. Sabemos no entanto que a mais pequena alteração pode introduzir grandes diferenças de interpretação.

As ilustrações baseadas em factos observáveis sugerem que a tradução é realmente uma operação complexa. As especificidades de tradução encontradas nesta obra de Hugo Pratt são especificidades comuns e frequentes na tradução entre estas duas línguas.

Mas “tradução” também pode ser entendida como “interpretação”, neste caso, “transmissão da realidade histórica-revolucionária”; as falas das (ou sobre) as cinco personagens históricas

analisadas deixam transparecer uma página de História. Podemos pensar que o romance é o gênero literário mais adequado para estabelecer um suporte a uma apresentação histórica devido ao seu gênero descritivo. É neste sentido que existe o romance histórico. Na banda desenhada de Hugo Pratt, não há prosa, não há texto descritivo (ou muito pouco), o que há, são essencialmente diálogos. Podemos considerar esse procedimento - utilização de diálogos - como um empobrecimento da transmissão histórica. É precisamente no discurso direto que se encontra o espírito autêntico da História, através da encenação real que permite a Hugo Pratt esta fidelidade histórica: segundo Georges Lukas, «*la fidélité historique est [...] précisément la vérité de la psychologie historique de ses personnages, l'authentique hic et nunc (ici et maintenant) de leurs mobiles intérieurs et de leur comportement*»⁴³. Hugo Pratt materializa através dos diálogos esta fidelidade histórica «*dans la conception humaine et morale de ses personnages*»⁴⁴. Segundo este autor especialista do romance histórico, não importa reproduzir o relato dos grandes acontecimentos históricos mas de fazer reviver poeticamente os seres humanos que figuraram nestes acontecimentos. Com Hugo Pratt, até as personagens fictícias falam das e sobre as personagens históricas reais, o que enriquece o processo de transmissão histórico, desenvolvendo e preenchendo o retrato psicológico de cada uma delas. Assim consegue-se chegar a um objetivo maior: “pensar a História”. Mesma de forma lúdica, é uma virtude educativa. As personagens históricas – o almirante Kolchak, Grigori Semenov, o camarada Suke Butor, o general Chang, o barão von Urgern-Sternberg – são uma caução da coerência, até mesmo da ficção; sem eles perder-se-ia o enquadramento espacial e temporal de que tanto precisa a aventura/ficção. A História ou as referências históricas tornam-se elementos estruturantes da banda desenhada, mesmo sabendo que é a ficção que é (sempre) valorizada.

Aliás, semelhante atitude perante a História implica um profundo conhecimento dela através de pesquisas, leituras etc... Não se trata de fazer de Hugo Pratt um historiador, não, o método problemático de Hugo Pratt leva-o a conceber a História como um enquadramento às suas aventuras, sendo as duas complementares, não podendo existir uma sem a outra. Contudo, Hugo Pratt inspirou ainda assim investigações da maior importância à volta do tema “*Sur les traces de Corto Maltese, une leçon d'histoire signée Hugo Pratt*”, é o que demonstra o número excepcional *hors-série* de *Marianne* em colaboração com a revista intitulada *l'Histoire*, verificando que não só *Corto Maltese na Sibéria* mas toda a sua obra está ligada à noção da História. A estrutura, o suporte - a banda desenhada - podem ser vistos sob uma forma e uma luz que lhe são próprias, num momento do tempo e nuns lugares do espaço específicos a cada álbum, conferindo-lhe uma estética particular mas instrutiva. A citação seguinte resume bem o espírito da sua obra: «*A travers les péripéties de son héros, Hugo Pratt aura passé sa vie à raconter la vérité...comme si c'était un mensonge*»⁴⁵. Essa reflexão demonstra a importância da banda desenhada do Hugo Pratt.

⁴³ Georges Lukas, *Le roman historique*, Petite Bibliothèque Payot, 1965, p. 63.

⁴⁴ Georges Lukas, *Le roman historique*, Petite Bibliothèque Payot, 1965, p. 63.

⁴⁵ <http://www.lefigaro.fr/bd/2014/10/11/03014-20141011ARTFIG00145-corto-maltese-l-integrale-de-ses-aventures-dans-un-coffret-collector.php>.

BIBLIOGRAPHIE

- ANSEL Y. (2000), "L'irrésistible ascension du romanesque dans le roman historique", *Le roman historique - Récit et histoire*, Nantes, Editions Pleins Feux.
- BARTHES R. (1982), "L'effet de réel", *Littérature et réalité*, Paris, Editions du Seuil.
- BERNARD C. (1996), *Le passé recomposé. Le roman historique français du dix-neuvième siècle*, Paris, Hachette.
- COMPAGNON A. (1998), *Le démon de la théorie. Littérature et sens commun*, Paris, Seuil.
- CURIEN J., SABATIER C., "La traduction en littérature pour la jeunesse", *La revue des livres pour enfants*, n° 236.
- ECO U. (1985), *Lector in fabula. Le rôle du lecteur*, Paris, Grasset.
- ECO U. (2006), *Dire Presque la même chose. Expériences de traduction*, Paris, Grasset.
- JOUVE V. (1998), *L'effet-personnage dans le roman*, Paris, PUF.
- LUKAS G. (1965), *Le roman historique*, Petite Bibliothèque Payot.
- MAC CLOUD S. (2002), *Réinventer la bande dessinée (Reinventing comics)*, traduito do inglês por Jean-Paul Jennequin, Paris, Vertige Graphic.
- MARNY J. (1968), *Le monde étonnant des bandes dessinées*, Paris, Editions du Centurion.
- MONTANDON A. (2000), «Le roman historique en Allemagne au XIX^e siècle», *Le roman historique - Récit et histoire*, Nantes, Editions Pleins Feux.
- MOUNIN G. (1963), *Les problèmes théoriques de la traduction*, Paris, Gallimard.
- PETITFAUX D., "Hugo Pratt ou l'histoire vagabonde", *L'Histoire Marianne* (hors-série).
- PETITFAUX D. (1999), *Hugo Pratt, Le désir d'être inutile. Souvenirs et réflexions – Entretiens avec Dominique Petitfaux*, Paris, Robert Laffont.
- PEYRONIE A. (2000), «Note sur une définition du roman historique suivie d'une excursion dans *Le Nom de la Rose*», *Le roman historique - Récit et histoire*, Nantes, Editions Pleins Feux.
- Pif Gadget*, n° 1462, juin 1973.
- PRINCE N. (2010), *La littérature de jeunesse*, Paris, Armand Colin.
- RAIMOND M. (1981), *Le roman depuis la révolution*, Paris, Armand Colin, Collection U.
- REUTER Y. (1988), "Le personnage", *Pratiques*, n° 60.
- REY P. L. (1992), *Le Roman*, Paris, Hachette.
- RICOEUR P. (juin 1999), *Le paradigme de la traduction*, Paris, Esprit.
- ROMAN M. (1999), "Victor Hugo et le roman historique", *Victor Hugo 4 : science et technique*, Paris-Caen, Lettres Modernes Minard, coll. La Revue des Lettres Modernes.
- STERCKX P. (février-mars 1984), *Les Cahiers de la bande dessinée* n° 56.
- VINAY J.P., DARBELNET J. (1977) : *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, Paris, Didier.
- WALTER B. (2015), *Linguagem, Tradução, Literatura (filosofia, teoria e crítica)*, Porto, Assírio & Alvim.
- WELLEK R., WARREN A. (1971), *La théorie littéraire*, Paris, Seuil.
- WERTH N., "Poutine sur les traces du trésor", "Corto Maltese", *L'Histoire Marianne*, hors-série.

OUTRAS FONTES :

Hugo Pratt, le désir d'être inutile, Souvenirs et réflexions, entretien avec Dominique Petitfaux, Robert Laffont, 1991. Site officiel de **Robert Laffont** <http://www.du9.org/chronique/desir-d-etre-inutile-le/>, 11-04-2015.

<http://www.lefigaro.fr/bd/2014/10/11/03014-20141011ARTFIG00145-corto-maltese-l-integrale-de-ses-aventures-dans-un-coffret-collector.php>.

Emissão “*Une vie, une œuvre*” : “**Hugo Pratt**, une vie d'aventures au service de la BD”, France Culture, février 2009. <http://www.franceculture.fr/emission-une-vie-une-oeuvre-13-14-hugo-pratt-1927-1995-rediffusion-de-l-emission-du-28-fevrier-2009->

Emission “*La fabrique de L'Histoire*” : Spécial hors-série l'Histoire-Marianne "Corto Maltese", France Culture, juillet 2013. <http://www.franceculture.fr/emission-la-fabrique-de-l-histoire-histoireactualites-du-vendredi-190713-special-hors-serie-l-histoi>